



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE CAMPUS FORTALEZA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

EDGLEISON SILVA DE SOUSA

**QUANDO VI MATEUS BRINCAR: MOVIMENTOS DE UM PROCESSO DE
CRIAÇÃO CÊNICA A PARTIR DO ENCONTRO COM O REISADO E MEMÓRIAS
DA INFÂNCIA**

FORTALEZA

2023

EDGLEISON SILVA DE SOUSA

QUANDO VI MATEUS BRINCAR: MOVIMENTOS DE UM PROCESSO DE
CRIAÇÃO CÊNICA A PARTIR DO ENCONTRO COM O REISADO E MEMÓRIAS DA
INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Artes. Linha de Pesquisa: Processos de Criação em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Francis Wilker de Carvalho.

Coorientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas – SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725q Sousa, Edgleison Silva de.
 QUANDO VI MATEUS BRINCAR: MOVIMENTOS DE UM PROCESSO DE CRIAÇÃO
 CÊNICA A PARTIR DO ENCONTRO COM O REISADO E MEMÓRIAS DA INFÂNCIA /
 Edgleison Silva de Sousa. -2023.
 147 f. : il.

 Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus
Fortaleza, 2023.

 Orientação: Profa. Dra. Prof. Dr. Francis Wilker de Carvalho..

 Coorientação: Prof. Dr. Profa. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza.

1. Reisado. Mateus. Brincar. Processo criativo. Memória.. I. Título.

CDD 700

EDGLEISON SILVA DE SOUSA

QUANDO VI MATEUS BRINCAR: MOVIMENTOS DE UM PROCESSO DE CRIAÇÃO
CÊNICA A PARTIR DO ENCONTRO COM O REISADO E MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Artes. Linha de Pesquisa: Processos de Criação em Artes.

Aprovado (a) em: 05 / 09 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCIS WILKER DE CARVALHO
Data: 05/09/2023 21:51:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francis Wilker de Carvalho (Orientador)

Programa de Pós-Graduação em Artes/IFCE

Documento assinado digitalmente
 MARIA DE LOURDES MACENA DE SOUZA
Data: 19/09/2023 11:18:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza – IFCE -

Coorientador

Programa de Pós-Graduação em Artes/IFCE

Documento assinado digitalmente
 GILSON BRANDAO COSTA
Data: 11/09/2023 09:49:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dr. Prof. Dr. Gilson Brandão Costa (Examinadora interna)

Programa de Pós-Graduação em Artes/IFCE

Documento assinado digitalmente
 BARBARA TAVARES DOS SANTOS
Data: 09/09/2023 17:21:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Dra. Bárbara Tavares dos Santos (Examinadora externa)

Programa de Pós-Graduação / UFT

Para minha mãe, Neuza Silva de Sousa, guerreira, destemida, solidária, companheira, parceira e amiga. Para ela, que sempre acreditou em mim e sempre me apoiou.

Para minha avó, Maria dos Santos Silva, essa mulher de força e garra. Para essa rezadeira que sempre orou por mim e que transmitiu muita sabedoria.

Para Paulo Sérgio, a esse homem que, com um coração imenso e uma energia contagiante, consegue acalmar um coração inquieto. A esse companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo.

Ao meu marido, amigo, parceiro, cúmplice e companheiro, Paulo Sérgio Oliveira de Melo, que foi o responsável por acordar esse desejo que até um tempo estava adormecido, que era de fazer o mestrado. Não sei se ele não estivesse presente em minha vida, eu hoje estivesse fazendo um mestrado. Mas de qualquer forma, quero deixar aqui registrado a minha imensa gratidão por não me deixar esquecer de mim. Obrigado, meu amor, por você ter me incentivado tanto e mesmo quando, em alguns momentos, eu achava que não conseguiria, você veio e me ajudou a não desistir. Você é luz, amor, carinho e simplesmente o homem que eu amo e sempre vou amar. Obrigado por me lembrar que podemos chegar aonde quisermos.

À minha mãe, a essa mulher guerreira, mãe e pai ao mesmo tempo, Neuza Silva de Souza, que sempre me incentivou a seguir os meus sonhos. Gratidão por tudo que a senhora fez e faz em minha vida. Tudo que sou e que tenho, a senhora tem uma parcela. Obrigado mãe.

Aos amigos, Amália Moraes, uma irmã que o universo colocou em minha vida e que, mesmo com a distância, o amor só aumenta. Obrigado irmã! À Ednéia Quinto, ou Tutti, a essa pessoa incrível que chamo de amiga seria pouco diante da importância, carinho, respeito, admiração e amor que sinto por ela. Gratidão! Rosângela da Silva (Rô), que nunca deixou de me ajudar e estar presente quando precisava. Obrigado pela força e apoio! À Dayana Teles, que já não se encontra entre nós, mas que se faz presente em meu coração.

À essa pessoa que me surpreendeu desde a primeira vez que eu o encontrei, onde conversamos sobre essa empreitada de forma extremamente solícita, sensível, acessível e de um afeto indescritível. A você meu querido, meu coração é só gratidão e, para além disso, uma inspiração. Muito obrigado, Francis Wilker!

Aos colegas de estudo da turma cinco do PPGARTES – 2021, Adelane Delmondes e Larissa Cândido, essas duas meninas maravilhosas que as escolhas da minha vida me levaram até elas. Obrigado pelo apoio e pelas parcerias!

À Lourdes Macena, coordenadora do PPGARTES IFCE, a essa mulher, mãe, artista, militante da cultura popular, a essa guerreira que não se cansa de trabalhar pela e para a cultura e educação. Gratidão, professora por todas as experiências vividas dentro das manifestações da cultura popular. Obrigado por não me deixar esquecer das minhas raízes!

A todo o corpo docente que compõem o PPGARTES IFCE.

Quero aqui deixar registrado também a minha gratidão por todo o apoio que recebi dos meus coordenadores e direção da escola profissional Lúcia Helena Viana Ribeiro. Maria da

Conceição Silva, José Wellington Silva dos Reis, Eduardo Jorge Tabosa Batista e Karoline Matos Monteiro.

Quero deixar registrado a minha imensa gratidão ao Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde, por aceitar e abrir a porta da sua vida e deixar conhecer sua história e como tudo começou com o seu reisado e o seu Mateus. Muito obrigado por todo o carinho e sabedoria que o senhor compartilhou!

RESUMO

O presente trabalho tem como foco refletir sobre as reverberações do encontro com o reisado, em especial o estudo de alguns aspectos do personagem Mateus e das memórias de infância do próprio autor, numa investigação de natureza teórico-prática, com o objetivo de criar um trabalho cênico. O movimento proposto articula aspectos envolvidos na brincadeira, vinculada à tradição e, numa outra via, de que forma o contato com essas manifestações e com os Mestres brincantes acionam as próprias memórias da infância brincante do autor. Como o brincar se faz presente no reisado? O que chama a atenção no personagem do Mateus? Quais memórias do brincar se mostram inscritas no meu corpo? Quais os percursos e procedimentos envolvidos numa criação cênica interessada nessas memórias e nas reverberações do encontro com mestres da cultura popular? A partir de questões como essas, um processo de criação cênica é iniciado, mobilizando objetos, fotos, canções, alimentos e brincadeiras que transformam o corpo que brinca. A abordagem metodológica envolve pesquisa bibliográfica aliada à crítica de processos (SALLES, 2008) e à própria prática artística como pesquisa. Entre os procedimentos utilizados, destacam-se a análise de diários de bordo, registros audiovisuais e a realização de entrevistas com mestres do reisado, além da organização de um seminário intitulado Brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante. No percurso proposto, as reflexões são tecidas a partir de contribuições dos Mestres Antônio (Reisado dos Irmãos), Expedito Caboco (Mateus da Banda Cabaçal), Cristiano Candido Rocha (Mateus do Reisado Nossa Senhora de Fátima), Marcos (Mateus do Reisado nossa Senhora da Saúde) e dos pesquisadores Gil R. G. de Almeida (2020), Barroso (2013), Cascudo (2002), Lourdes Macena (2014). Os resultados iniciais evidenciam o procedimento de inventariar memórias como potente abordagem para a criação da cena.

Palavras-chave: Reisado. Mateus. Brincar. Processo criativo. Memória.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo reflexionar sobre las reverberaciones sobre el *reisado*, en especial el estudio de algunos aspectos del personaje Mateus y de las memorias de infancia del autor en una investigación de naturaleza teórico-práctica con el objetivo de crear un trabajo escénico. El movimiento propuesto articula aspectos envuelto en la broma vinculada a la tradición y, en otra vía, de que manera el contacto con esas manifestaciones y con los Mestres juguetones accionan sus propias memorias de la infancia juguetona. ¿Cómo el jugar se hace presente en el *reisado*? ¿Lo que llama la atención en el personaje de Mateus? ¿Cuáles memorias del jugar se muestran inscritas en mi cuerpo? Cuales las rutas y procedimientos envueltos en una creación escénica interesada en estas memorias y en las reverberaciones del encuentro con metes de la cultura popular. Desde cuestiones como esas, un proceso de creación escénica es iniciado, movilizandolos objetos, fotos, canciones, alimentos y juegos que transforman el cuerpo que juega. Un abordaje metodológico envuelve busca bibliográfica añadida a la crítica de los procesos (SALLES, 2008) y a la propia práctica artística como estudio. Entre los procedimientos utilizados, destacamos el análisis de las experiencias, registros audiovisuales y entrevistas a maestros del *reisado*, además de la organización de un seminario titulado “Jugar me hace recordar: memoria, juego y juguetón”. En el recorrido propuesto, las reflexiones se tejen a partir de los aportes de los Mestres Antônio (*Reisado* de los Irmãos), Expedito Caboco (Mateus del grupo Cabaçal), Cristiano Candido Rocha (Mateus del *Reisado* Nuestra Señora de Fátima) Marcos (Mateus del *Reisado* Nuestra Señora de la Salud) y los investigadores Gil R. G. de Almeida (2020), Barroso (2013), Cascudo (2002), Lourdes Macena (2014). Los resultados iniciales muestran el procedimiento de relacionar los recuerdos como un enfoque poderoso para la creación de la escena.

Palabras-clave: Reisado. Mateus. Jugar. Proceso creativo. Recuerdos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do Pastoril – quadra do IFCE – 2010.2	26
Figura 2 – Mestre Aldenir em encenação de batalha. Folia de Reis em Crato - Ceará, janeiro de 2015.....	31
Figura 3 – Mestra Kátia – Reisado Nossa Senhora da Saúde – Fortaleza Fotografia: Igor de Melo	31
Figura 4 – Seminário - brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante	35
Figura 5 – Foto Paulo Sérgio.....	36
Figura 6 – Foto Paulo Sérgio.....	36
Figura 7 – Foto Paulo Sérgio – Aqui o Mateus estava reforçando a fala do Mestre Marcos sobre a história do destronamento e a busca do Mateus pelo trono	39
Figura 8 – Foto Paulo Sérgio – Aqui os dois Mateus estavam falando sobre a alegria que os levam para as pessoas, que é alegria e diversão e da sua importância do reisado	40
Figura 9 – Foto Paulo Sérgio – Reisado Nossa Senhora da Saúde e Reisado Nossa Senhora de Fátima.....	41
Figura 10 – Grupo Miraira – LPCT – Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais – Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2017.....	43
Figura 11 – Espetáculo Janela de Brincantes - Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2019	43
Figura 12 – Carroça de Mamulengos - Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2020.....	44
Figura 13 – Os Mateus -Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2022.....	44
Figura 14 – Os Mateus -Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2022.....	45
Figura 15 – Produção Natal de Luz de Fortaleza/Ce 2019.....	45
Figura 16 – Quadro da casa do Mestre Expedito Caboco. Foto do Mateus	51
Figura 17 – Quadro da casa do Mestre Expedito Caboco. Foto do Mateus	51
Figura 18 – Banda Cabaçal do Mestre Expedito Caboco.....	51
Figura 19 – Aniversário de 5 anos-Arquivo pessoal do pesquisador (1991).....	56
Figura 20 – Foto do acervo pessoal – Quintal da casa dos meus avós maternos	58
Figura 21 – Foto do acervo pessoal – Frente de um clube de festas que também fica perto da casa dos meus pais	59
Figura 22 – Foto do acervo pessoal – Parte externa da escola que estudei da segunda série a quarta série. Neste mesmo lugar era onde brincávamos de	

bandeirante.....	61
Figura 23 – Foto do acervo pessoal – Parte externa da frente da casa dos meus avós maternos. No lado esquerdo da fotografia, era onde brincávamos também de bandeirante e outras brincadeiras.....	62
Figura 24 – Foto do acervo pessoal – Próximo da Lagoa do Camará – Aquiraz.....	66
Figura 25 – Foto do acervo pessoal – Lagoa do Camará – Aquiraz.....	66
Figura 26 – Foto do acervo pessoal – Lagoa do Camará – Aquiraz.....	67
Figura 27 – Lagoa do Camará – Aquiraz	67
Figura 28 – Foto Fazenda brilho do mar	67
Figura 29 – Foto do acervo pessoal – Bodega da minha Avó Maria e do meu Avô Oscar.....	69
Figura 30 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	70
Figura 31 – Foto Paulo Sérgio – XIV Encontro Mestres do Mundo 2022.....	71
Figura 32 – Experimentos da criação	76
Figura 33 – Foto do acervo pessoal.....	77
Figura 34 – Foto do acervo pessoal.....	77
Figura 35 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	80
Figura 36 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	80
Figura 37 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	81
Figura 38 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	81
Figura 39 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilker.....	81
Figura 40 – Seminário no BNB. Foto: Paulo Sérgio	81
Figura 41 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilke	82
Figura 42 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilke	82
Figura 43 – Experimentos da criação. Foto: Francis Wilke	82
Figura 44 – Mucunã – Foto: Paulo Sérgio.....	84
Figura 45 – Mucunã – Foto: Paulo Sérgio.....	84
Figura 46 – Foto: Rosangela (Rô)	86
Figura 47 – Foto: Rosangela (Rô)	86
Figura 48 – Foto: Rosangela.....	86
Figura 49 – Foto: Rosangela.....	86
Figura 50 – Foto: Rosangela.....	86
Figura 51 – Foto: Rosangela.....	86
Figura 52 – Foto: Rosangela.....	86

Figura 53 – Foto: Rosangela.....	86
Figura 54 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 55 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 56 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 57 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 58 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 59 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 60 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 61 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 62 – Foto: Rosangela.....	87
Figura 63 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 64 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 65 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 66 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 67 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 68 – Foto: Rosangela.....	88
Figura 69 – Foto: Rosangela.....	89
Figura 70 – Foto: Rosangela.....	89
Figura 71 – Foto: Rosangela.....	89
Figura 72 – Foto: Rosangela.....	89
Figura 73 – Foto: Paulo Sérgio.....	90
Figura 74 – Foto: Paulo Sérgio.....	90
Figura 75 – Foto: Paulo Sérgio.....	90
Figura 76 – Foto: Paulo Sérgio.....	91
Figura 77 – Foto: Paulo Sérgio.....	91
Figura 78 – Foto: Paulo Sérgio.....	91
Figura 79 – Foto: Paulo Sérgio.....	91
Figura 80 – Foto: Paulo Sérgio.....	91
Figura 81 – Foto: Paulo Sérgio.....	92
Figura 82 – Foto: Paulo Sérgio.....	92
Figura 83 – Foto: Paulo Sérgio.....	92
Figura 84 – Foto: Paulo Sérgio.....	92
Figura 85 – Foto: Paulo Sérgio.....	93
Figura 86 – Foto: Paulo Sérgio.....	93

Figura 87 – Foto: Paulo Sérgio.....	93
Figura 88 – Foto: Paulo Sérgio.....	94
Figura 89 – Foto: Paulo Sérgio.....	94
Figura 90 – Foto: Paulo Sérgio.....	94
Figura 91 – Foto: Dona Socorro	95
Figura 92 – Foto: Dona Socorro	95
Figura 93 – Foto: Dona Socorro	96
Figura 94 – Foto: Dona Socorro	96
Figura 95 – Foto: Dona Socorro	97
Figura 96 – Luana Oliveira (card)	100
Figura 97 – Luana Oliveira (card)	100
Figura 98 – Nayra Maria – Seminário - brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante	101
Figura 99 – Paulo Sérgio – Momento em que estava me preparando para ser o Jaraguá ...	102
Figura 100 – Foto: Paulo Sérgio.....	102
Figura 101 – Foto: Paulo Sérgio.....	102
Figura 102 – Foto: Paulo Sérgio.....	103
Figura 103 – Foto: Paulo Sérgio.....	103
Figura 104 – Foto: Paulo Sérgio.....	103
Figura 105 – Foto: Nayra Maria.....	103
Figura 106 – Foto: Nayra Maria.....	103
Figura 107 – Foto: Nayra Maria.....	103
Figura 108 – Foto: Nayra Maria.....	103
Figura 109 – Foto: Luana Oliveira- Story	106
Figura 110 – Foto: Luana Oliveira – Publicação.....	106

LISTA DE SIGLAS

CCBNB Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil

IFCE Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PEQUENO INVENTÁRIO DE ENCONTROS COM A CULTURA POPULAR	21
2.1	Uma roda de conversa sobre o Reisado: aproximações iniciais.....	29
2.2	Quem é esse de cara pintada que brinca o Reisado?	36
3	DE VOLTA AO QUINTAL DO MEU BRINCAR	54
3.1	O brincar em mim.....	57
3.2	O jogo vai começar. Corre que vai começar a brincadeira. É um, é dois e meio, é 3 e já! Noções de jogo	68
4	DO QUINTAL À CENA: RELATOS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	110
	ANEXO A – RELAÇÃO DE REISADOS E BOIS PESQUISADOS POR OSWALD BARROSO	112
	ANEXO B – REISADOS POR MACRORREGIÃO DO ESTADO DO CEARÁ.....	118
	ANEXO C – REISADOS REGISTRADOS PELO MAPEAMENTO UNICEF (2006).....	130
	APÊNDICE – QUINTALEMBRANDO	135
	APÊNDICE – PRODUTO CÊNICO.....	146

1 INTRODUÇÃO

“...o quintal é um espaço de descobertas do mundo” (GILBERTO ROBERTO GOMES DE ALMEIDA, 2020, p. 26).

A presente pesquisa discute as reverberações do encontro com uma manifestação da cultura popular, mais precisamente o reisado Nossa Senhora da Saúde de Fortaleza (CE), e focaliza o personagem Mateus para tecer reflexões sobre o brincar. O movimento proposto articula aspectos envolvidos na brincadeira vinculada à tradição popular e, numa outra via, de que forma o contato com essas manifestações e com os mestres brincantes acionam as próprias memórias da infância brincante do autor. A partir desses elementos, foi desenvolvido um processo de criação que resultou no experimento cênico, “Quintalembando”. Entre as questões impulsionadoras desta investigação, destacam-se: Como o brincar se faz presente no reisado? O que chama a atenção no personagem do Mateus? Quais memórias do brincar se mostram inscritas no meu corpo? Quais os percursos e procedimentos envolvidos numa criação cênica interessada nessas memórias e nas reverberações do encontro com mestres da cultura popular?

Para configurar as motivações que acionaram essa pesquisa, destaco ao menos três aspectos que considero relevantes: o primeiro, diz respeito ao modo como essa temática emergiu a partir de experiências impactantes que vivenciei enquanto artista e produtor cultural. No corpo a corpo com o reisado, na vivência da fruição, ficava sempre espantado com a expressividade dos integrantes e, de modo especial, com o personagem Mateus e sua capacidade de entrar na roda, animar e interagir com todos.

O segundo motivo está relacionado à oportunidade que uma pesquisa na pós-graduação oferece de perseguir um tema/questão, neste caso, poder compreender melhor como o ator-brincante, que “brinca” com aquele personagem consegue, de modo potente, de corpo inteiro, ser tão expressivo e cativante em cena ao ponto de me fazer acionar memórias de um tempo em que eu também brincava. Segundo Souza (2014), a figura do “Mateus” é um personagem que tem encenação livre e aberta ao improviso da cena, tornando possível a presença da espontaneidade na brincadeira e, assim, traz alegria para quem está brincando e assistindo. Que elementos entram na composição desse personagem de modo a tornar o brincar tão vivo e expressivo? Em que se baseia essa construção que encanta, envolve e diverte o espectador? O brincar seria o combustível que não deixa o adulto se afastar do universo lúdico? De que

maneira as memórias afetivas de um brincar, podem ser matérias para criação de um trabalho cênico? O que nos pode revelar esse corpo que não para de brincar?

Uma terceira razão, ocorre por identificar uma forte potência cênica e criativa nos aspectos presentes no personagem do Mateus, nas memórias das brincadeiras populares e nas lembranças do brincar que cada um de nós carrega. Esta pesquisa se soma ao campo que se interessa pelas reflexões e registros sobre as manifestações da cultura popular brasileira e, especialmente, nas contaminações e articulações desses saberes e fazeres com procedimentos da cena contemporânea. Portanto, compreender melhor os aspectos em jogo para brincar o Mateus, as aprendizagens mobilizadas por diferentes gerações de mestres nesse brincar e as renovações dessas práticas em nosso tempo se mostram relevantes para o campo das artes da cena e para os próprios estudos das culturas populares.

Nesse sentido, o percurso aqui descrito se fez a partir da aproximação, estudo e da experimentação com aspectos que marcaram o meu encontro com o reisado e alguns de seus códigos expressivos, da revisitação de outros encontros com manifestações da cultura popular e, em especial, do trabalho criativo com minhas memórias do brincar. A pesquisa mobiliza, ao longo das reflexões aqui propostas, importantes noções conceituais que demandam alguns contornos iniciais, entre elas: cultura, cultura popular e memória.

Vinda do verbo latino colere, cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e sua educação, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde puericultura. O vocábulo estendia-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde culto. A cultura, escreve Hannah Arendt, era o cuidado com a terra para torná-la habitável e agradável aos homens, era também o cuidado com os deuses, os ancestrais e seus monumentos, ligando-se à memória, e, por ser o cuidado com a educação, referia-se ao cultivo do espírito. Em latim, cultura animi era o espírito cultivado para a verdade e a beleza, inseparáveis da natureza e do sagrado (CHAUI, 2021, p. 17).

Podemos, então, compreender que a cultura se refere à capacidade e às maneiras que o ser humano busca para cuidar da terra que será habitada por ele. Onde ele vai construir sua moradia. Plantar e colher seu alimento. Procurar formas para ajudar no crescimento e formação das crianças, que possivelmente um dia passarão a ser as responsáveis pela transmissão desses saberes e do próprio culto aos deuses. Talvez pela busca de proteção por meio divino.

Conforme Chauí (2021), em nosso país poderíamos encontrar aspectos que nos ajudariam a identificar o termo cultura como algo que possibilita as pessoas de possuírem conhecimentos e saberes. Isso remete à ideia de que existe quem é culto ou inculto, ou seja, quem possui e não possui saberes e conhecimentos. Mais o que é cultura?

Em sentido amplo, cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, pela etnologia e pela antropologia, além da filosofia. Em sentido restrito, isto é, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos, de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular (CHAUI, 2021, p. 19).

A cultura, então, seria a capacidade que os seres humanos têm em se relacionar com o ausente. Isso pode acontecer por meio de símbolos. A partir disso, Chaui reforça que os primeiros elementos que formam a cultura são a linguagem e o trabalho. A linguagem que, por meio da qual, eu consigo tornar presente o ausente. O trabalho, pois, consigo fazer surgir, construir o que não existia no mundo.

Chaui (2018) ressalta que a cultura é essa capacidade que os seres humanos têm em se relacionarem com o tempo. Pensar na diferença entre o que é presente, passado e futuro. O que envolve revisitar fatos e acontecimentos do passado e projetar futuros. Ela ainda fala sobre a capacidade da percepção e maneiras que podemos definir e distinguir do que é bom e mal. Belo e feio. Justo e injusto. Verdadeiro ou falso.

A autora oferece, também, um ponto de vista sobre a cultura letrada-erudita e cultura popular. A cultura popular é aquela que é produzida pelas classes populares e a cultura erudita é produzida pelos artistas intelectuais da classe média e a classe dominante que financia, patrocina e se apropria do que é produzido. Logo, ela nos faz pensar sobre essa ideia de que a cultura popular é antiga, atrasada, folclórica e a cultura erudita é profunda, atual, melhor.

Continuando esse percurso pelos contornos da cultura, Chaui explica e vê essa separação da cultura erudita e da cultura popular como elemento destruidor da cultura. Pois é a partir disso, que surge a cultura de massa.

[...] A noção de "massa" permitiria demonstrar o término das classes sociais, das contradições e da luta sociopolítica e, conseqüentemente, com o fim da luta de classes, o fim das ideologias. A "massa" torna real o sonho da democracia liberal, em que as divisões sociais podem ser reduzidas a divergências de interesses entre grupos e indivíduos, capazes de chegar ao consenso político à maneira do mercado que se autorregula, regulando os interesses particulares. Na trilha da "sociedade de massa" vinha a "cultura de massa", expressão da democracia cultural criada pelos meios de comunicação, símbolos vivos da liberdade de pensamento e de expressão e da plena transparência da informação (CHAUI, 2021, p. 28-29).

E essa separação produz um fenômeno, que se apropria de alguns aspectos da cultura erudita e da cultura popular. E, segundo Chaui, ela chama a cultura de massa de anticultura, pois é essa mistura feita dos elementos da cultura erudita e cultura popular. Porém, de maneira a fazer com que eles sejam diluídos, simplificados, atenuados, para ser bem vendidos e

consumidos pela sociedade, que se trata da transformação da cultura em entretenimento e diversão. Ela já não fala mais sobre um saber, sobre uma maneira de viver e de se relacionar com o mundo. “A cultura de massa é a morte da cultura”.

Poderia aqui dizer que o brincar das manifestações tradicionais é o terreiro da resistência, luta e transmissão dos seus saberes. Um brincar na contramão da cultura de massa e do cultivo das mercadorias. Um quintal onde mestres e brincantes diariamente buscam meios de manter suas tradições vivas, entendendo que a tradição popular não é algo imutável, pelo contrário, ela vai seguindo caminhos e gerações onde não se perde, mas se alimenta cada vez mais de outros sabores e saberes. Logo, nesta pesquisa, as manifestações da cultura popular são compreendidas de modo expandido para além da dimensão de luta e resistência das comunidades que seguem alimentando essas práticas e do próprio ato de levar alegria às pessoas, são elas mesmas um tempo e espaço que tece múltiplos saberes e fazeres.

Poderíamos pensar da seguinte maneira: Todo o processo de construção do reisado, o figurino dos personagens, os ensaios, os recursos que muitas vezes são limitados e o engajamento de cada pessoa que acaba contribuindo com o pouco que tem, seja costurando o figurino, fazendo uma comida para os brincantes, doando algo para ser rifado, cedendo um espaço para o ensaio... São evidências de um trabalho coletivo para fazer acontecer e não desaparecer o reisado. Nessas práticas, para além do sentimento de pertencimento, estão em jogo saberes e fazeres sobre gestão, pedagogias, técnicas, modos de organização, processos de criação etc. Desse modo, ambientes extremamente ricos em conhecimento e que podem agregar muito no encontro com outros saberes, como o acadêmico, por exemplo.

A pesquisa demandou refletir sobre o entendimento da noção de cultura popular e seus atravessamentos. O percurso exigiu, também, pensar sobre o que está em jogo quando falamos da memória. Os encontros que tive com apresentações do reisado e que ver Mateus brincar, ativou em mim memórias antes adormecidas. A própria memória se inscreve como importante elemento na tessitura desta pesquisa e nos movimentos do processo criativo desenvolvido. Izquierdo (2013) em sua pesquisa trata sobre a função e duração da memória e como ela pode ser estimulada a armazenar eventos por meios externos ou internos (biológicos). Ele descreve esse processo da seguinte maneira:

Todas as memórias são associativas: se adquirem através da ligação entre um grupo de estímulos (um livro, uma sala de aula) e outro grupo de estímulos (o material lido, aquilo que se aprende; algo que causa prazer ou penúria). O do segundo grupo, que é de maiores consequências biológicas, chama-se estímulo condicionado ou reforço. Em algumas formas de aprendizado, associa-se um grupo de estímulos com a ausência do outro ou de qualquer outro. A forma mais simples dessas formas de “aprendizado

negativo” associa um estímulo repetido (um som, uma cena) com a falta de qualquer consequência; esse tipo de aprendizado se chama habituação. Permite que seja possível trabalhar em ambientes cheios de ruídos, ou dormir em ambientes iluminados, por exemplo (IZQUIERDO, 2013, p. 12).

Quero aqui destacar que nossas memórias podem ser ativadas por meio de sons, imagens, falas e a partir da troca direta com o outro que está presente no mesmo espaço que nos encontramos. Um objeto, por mais atual que possa ser, é possível que nele contenha algo que seja referência de algo que já vivemos. Exemplo: O simples ato de pular corda na academia. Talvez essa ação nos faça lembrar do período da infância. Pegar um caju direto do cajueiro e ali mesmo comê-lo.

Poderíamos nos lembrar do ritual de como eram assadas as castanhas no terreiro da nossa casa, onde era usado um pedaço de latão de óleo e feito furos nele para colocar em cima de dois tijolos e, assim, fazer um pequeno fogareiro. Ou melhor, quando descascávamos as castanhas e na mesma hora comíamos, ficando com a boca toda suja de carvão. Mas, antes de serem acionadas por objetos ou situações, elas também foram construídas por meio da transmissão de uma pessoa ou grupo de pessoas.

Esse jogo associativo, que está presente nos movimentos da memória, conforme nos sugere acima Izquierdo, se mostrou muito presente na jornada desta pesquisa e criação. Uma canção que convoca à cena determinados materiais, uma brincadeira que evoca uma canção, um cheiro ou sabor que acorda uma experiência inscrita no corpo. Uma operação que parece atravessar toda a tessitura deste trabalho.

Após oferecer alguns breves contornos dessas noções conceituais que estarão em jogo ao longo das reflexões, apresento a seguir o modo como este estudo está organizado.

No primeiro capítulo, intitulado “Pequeno inventário de encontros com a cultura popular por meio de um pequeno inventário”, me dedico a relatar vivências que tive com o reisado e o personagem do Mateus e que operaram como acionadores de minhas próprias memórias da infância. Um percurso em que procuro criar uma roda de conversa fictícia com alguns autores e mestres para nos aproximarmos do reisado e do personagem do Mateus.

Já no segundo capítulo, intitulado “De volta ao quintal do meu brincar”, faço um convite para você entrar no quintal do meu brincar e, quem sabe, ao percorrê-lo, você acabe voltando ao seu próprio quintal da infância. Aqui, vamos mergulhar no tempo em que brincávamos, procurando por imagens, cheiros, objetos e sensações que contribuíram e estimularam as possibilidades de composição do experimento cênico criado.

O terceiro capítulo, intitulado “Do quintal à cena (relatos do processo de criação)”, será dedicado à descrição e análise do processo criativo, no qual vamos sair do quintal para

experimental e compreender como as reverberações do encontro com Mateus e minhas memórias do brincar.

A abordagem metodológica envolve pesquisa bibliográfica aliada à crítica de processos (SALLES, 2008) e à própria prática artística como pesquisa. Entre os procedimentos utilizados, destacam-se a análise de diários de bordo, registros fotográficos e audiovisuais, a realização de entrevistas com mestres do reisado, além da organização de um seminário intitulado *Brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante*. Foi realizado, também, um mapeamento de reisados e mestres tendo como recorte o estado do Ceará e como fonte de dados informações da Secretaria Estadual de Cultura. No percurso proposto, as reflexões são tecidas a partir de contribuições dos Mestres Antônio (Reisado dos Irmãos), Expedito Caboco (Mateus da Banda Cabaçal), Cristiano Candido Rocha (Mateus do Reisado Nossa Senhora de Fátima), Marcos (Mateus do Reisado nossa Senhora da Saúde) e dos pesquisadores Gil R. G. de Almeida (2020), Barroso (2013), Cascudo (2002), Lourdes Macena (2014).

Por fim, desejo que esta pesquisa se torne um material para outros atores, pesquisadores ou pessoas interessadas nas articulações entre cultura popular, memória e infância como terreno e cultivo férteis para a criação cênica contemporânea. Vamos começar essa brincadeira? Vem brincar comigo!

Música: **Vinde, Vinde, Moços E Velhos**¹
(Antônio Nobrega)

Vinde, vinde
Moços e velhos
Vinde todos, apreciar.
Como isso é bom,
Como isso é belo.
Como isso é bom,
É bom demais.

Olhai, olhai,
Admirai
Como isso é bom,
É bom demais.

¹ Essa música foi sugerida por Francis, o meu orientador. Essa cantiga me fez lembrar de uma peça que fiz quando estudava o quinto ano do ensino médio.

2 PEQUENO INVENTÁRIO DE ENCONTROS COM A CULTURA POPULAR

Brincando Mateus, tinha dia que eu botava seis reisados. Terminava um e eu entrava em outro. E eu sou aceito em todos, porque eu digo, eu gosto de brincar com todos, porque vou pegando um pouquinho de um, um pouquinho de outro... (CUNHA, 2021).

Ei, você que está dentro de casa. Estamos chegando e peço, por gentileza, que abra sua porta. E, para começar, eu convido você a cantar. Se por caso o corpo começar a vibrar, eu convido então a dançar. Pois é chegada a hora. O cortejo em sua rua vai passar. O Mateus, os Guerreiros, a Rainha, a Princesa, Catirina, o Marinheiro, o Zé Fulô, o Capitão, o Camaleão, o Boi, o Sapo, a Ema, o Canarinho, a burrinha e o Jaraguá. Eles na porta da sua casa, vão lhe chamar. Pedir para entrar e uma oferta de vocês irão esperar. Pois se prepara, que agora vai começar. Ele está chegando! Vem cantar comigo e o reisado?

Música: Boa noite todos – Mestre Marcos e Mestra Katia (Reisado Nossa Senhora da Saúde)²

Boa noite todos, eu tenho memória 2x
Cheguei agora porque foram me chamar 2x
Prestem atenção nesses meus guerreiros 2x
Morena madeira eu nasci pra te amar 2x

O ano era 2010. Eu estava com 24 anos de idade. Havia me matriculado na disciplina “*Teatro e Cultura Popular*”, do semestre 2010.2, a qual fazia parte da matriz curricular do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, campus Fortaleza, ministrada pela professora Maria de Lourdes Macena de Souza. Era final de tarde, possivelmente um domingo, se não me falha a memória. Eu estava com a turma da professora no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC. No local se encontra um tablado de madeira que fica embaixo da ponte vermelha. Foi quando eu te vi pela primeira vez em ação, Mateus. Brincando, cantando, contando, fazendo todos rirem, fazendo surgir sorrisos. Muitas gargalhadas ocupavam o espaço onde você se fazia presente e no meio dessa brincadeira toda, você brincava com o público e os demais personagens surgiam. A emoção, a vibração, a agitação, a alegria, tudo isso tornava-se um emaranhado de sensações que me ocupavam por inteiro.

² Peça (música) que aprendi com o Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde, durante a pesquisa no ano de 2021.

Vou tentar descrever com riqueza de detalhes quando o vi pela primeira vez no reisado. Talvez as cores das roupas, a estampa do tecido, os adereços que usava e as peças³ que cantava. Tudo era tão novo que a única coisa que consigo resgatar da memória são essas sensações que afetaram meu corpo. Mateus, quando eu tenho a oportunidade de encontrar você é como fazer uma viagem no tempo. É revisitar o meu passado, reconhecer o meu presente e descobrir as possibilidades de futuro.

Quando criança, não tive nenhuma vivência que envolvesse o reisado, o Mateus, a catirina, a burrinha, o jaraguá, o rei, a rainha, o mestre ou a mestra. Era um universo desconhecido. Nas escolas que estudei durante a infância e adolescência no município de Aquiraz (CE), no Distrito de Camará, onde fui criado desde pequeno, comemoravam datas como: o dia do Índio, o dia da Páscoa, o dia do Tiradentes, o dia das Mães, o dia dos Pais, o 7 de setembro, o dia das Crianças e o Natal. Mas estudar ou, pelo menos, ser apresentado ao Reisado para que pudesse conhecer, mesmo que fosse por meio de imagens, não. Isso não era visto, falado e estudado na escola. Por um longo tempo, desconhecia as histórias das aventuras desses personagens encantados, dos entremeios⁴ que vão se apresentando, das lutas dos guerreiros com a espada, dos cortejos dos Reisados.

Hoje, com 36 anos de idade, tenho cada vez mais certeza de que precisamos conhecer mais e mais sobre as nossas identidades culturais, sobre o que somos, de onde viemos, e de que maneira essas lembranças refletem em nossas ações na vida, na sala de aula, na sala de ensaio, na produção cultural, nos processos criativos. Falo isso, pois somente depois de adulto na disciplina de Teatro e Cultura Popular é que me foi proporcionado o encontro com o reisado, seus vários personagens e que fez nascer a minha fascinação por você, Mateus.

Desse modo, antes da graduação, a minha vivência no universo da cultura popular estava presente de outro modo: construir brinquedos, cantar cantigas de roda e brincar. As que faziam parte da minha infância, dentre elas: pega-pega, pula corda, cavalo de folha de carnaubeira, bila no buraco, esconde-esconde, passa o anel, amarelinha, bandeirante, sete pecados, João atrepa,

³ As peças são longas e os refrãos, que já são conhecidos, possibilitam os improvisos dos versos, que utilizam sempre rima simples (SOUZA, 2014, p. 204).

⁴ Entremeios são quadros cênicos que compõem o Reisado. Seus personagens não fazem parte da estrutura fixa da brincadeira, entram apenas na cena que lhes cabe. Geralmente são chamados ao terreiro pelos brincantes, com uma peça cantada, para no final de seu quadro se despedirem. Podem ser bichos e tipos humanos, ou até mesmo seres híbridos nascidos do imaginário da brincadeira. Outros entremeios constituem-se de pequenos dramas e, mais usualmente, de comédias ou até mesmo de contradanças, como nos Reisados de bailes e de congos. No Reisado de Caretas, assim como nos demais Reisados cearenses, os entremeios obrigatórios são o do Boi e o da Burrinha, porque animais presentes no presépio, durante a visita dos Reis Magos, segundo o entendimento dos brincantes. O Boi e a Burrinha foram encontrados em todos os Reisados por nós pesquisados (BARROSO, 2013, p. 103).

se pegar colou, dentre muitas que fazem parte desse imaginário. Você também brincou quando criança?

É nesse contexto que a disciplina ampliou o meu repertório cultural. A cada fala, texto lido, música cantada, vídeos que eram mostrados, parecia que a cada aula a professora Lourdes Macena me transportava para um outro tempo. O tempo da infância, da brincadeira, da despreocupação, aquele momento em que a gente simplesmente quer brincar sem se preocupar com o tempo que vai passando. E se você cantasse comigo?

Música: **Pombinha Branca (autor)**⁵

Pombinha branca o que está fazendo?
Lavando roupa pro casamento
Vou me lavar, vou me secar
Vou pra janela pra namorar

Passou um moço de terno branco,
Chapéu de lado meu namorado
Mandei entrar, mandei sentar
Cuspiu no chão, limpa aí seu porcalhão

Pombinha voou, voou
caiu no laço se embaraçou 2x

Ai, me dá um abraço
que eu desembaraço
a minha pombinha que caiu no laço 2x

E foi embalado por essa canção, que comecei a lembrar das cantigas de roda que brincava quando criança. Era como se estivesse vivendo aqueles momentos. O coração palpitava rapidamente. As mãos começavam a suar. As pernas não paravam de mexer e, finalmente, todos saíam para o recreio. Às vezes nem comia, pois queria mesmo era encontrar os coleguinhas para brincar. Geralmente, era com músicas de roda. Uma outra imagem veio à minha mente. Aos domingos, todos os primos, amigos ou até todas as crianças da vizinhança se reuniam para brincar. Era tanta criança. Parecia que eu estava vendo, sentindo aqueles momentos em que todos estavam de pés descalços. A poeira subia e ninguém se importava. Se formavam duas filas e então começava:

Música: **Eu Sou Pobre, Pobre**⁶

Eu sou pobre, pobre, pobre
De marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre

De marré descí

Eu sou rica, rica, rica
De marré, marré, marré
Eu sou rica, rica, rica

⁵ Canção aprendida com Professora Dra. Lourdes Macena no ano de 2010, na disciplina de “Teatro e Cultura Popular”.

⁶ Canção aprendida quando criança em 1995.

De marré descí

Eu queria uma de vossas filhas
De marré, marré, marré
Eu queria uma de vossas filhas
De marré descí

Escolhei a qual quiser
De marré, marré, marré
Escolhei a qual quiser
De marré descí

Eu queria (nome da pessoa)
De marré, marré, marré
Eu queria (nome da pessoa)
De marré descí

Que ofício dais a ela?
De marré, marré, marré
Que ofício dais a ela?
De marré descí

Dou o ofício de (nome do ofício)
De marré, marré, marré
Dou o ofício de (nome do ofício)
De marré descí

Este ofício me agrada (ou não)
De marré, marré, marré
Este ofício me agrada (ou não)
De marré descí

Lá se foi a (nome da pessoa)
De marré, marré, marré
Lá se foi a (nome da pessoa)
De marré descí

Eu de pobre fiquei rica
De marré, marré, marré
Eu de rica fiquei pobre
De marré descí

Acredito que a janela dessa memória foi aberta, não apenas por ter ouvido a música, mas como foi cantada. A professora Lourdes Macena, por meio da sua voz e gestos, me fez lembrar desse momento. Quando ela cantou, parecia que ela não estava ali. Era como se estivesse vivendo um momento que já passou. O seu olhar havia um transbordamento de felicidade. Na sua voz era possível perceber a sonoridade de quem traz alegria ao cantar. Pode até parecer exagero, mas foram esses elementos que me fizeram abrir a porta das minhas memórias do brincar. Vamos continuar esse cortejo?

Foi revendo esse percurso, que identifico a imensurável importância de se ter uma disciplina sobre cultura popular tradicional no programa de graduação em Teatro (licenciatura) do IFCE-Fortaleza. Ali, nas canções, brincadeiras e reflexões da disciplina eu ia me redescobrimo e resgatando as minhas próprias memórias do brincar. Nesse momento do lembrar, ainda quero compartilhar a primeira vez que participei de um pastoril, no encerramento do semestre 2010.2. De modo geral, o pastoril consiste em:

[...] representa a visita dos pastores ao estábulo de Belém, ofertas, louvores, pedidos de bênção, com cantos, louvações, loas, entoadas diante do presépio na noite de Natal, aguardando-se a missa da meia-noite. Os grupos cantam vestidos de pastores, com a presença do velho, do vilão, do saloio, do soldado, do marujo etc. É uma ação teatral de assunto sacro, vivido por homens simples, com aproveitamento satírico e lírico, que não se transmitiu aos Pastorís autênticos, que continuaram inteiramente dedicados ao louvor divino. Os pastorís eram representados dentro de salas, com canto, dança, enredo. Ainda se chamam Pastorís e são representados em tabladados, em palcos ou em praça pública. As personagens são, de cada cordão: Mestra, Contramestra As "figuras principais: Diana, Anjo ou Belo Anjo, Cigana, o Velho, profissionalmente engraçado, o Zegal, Estrela do Norte, Cruzeiro do Sul, além de outras que aparecem ocasionalmente por influência local ou reminiscência avivada (CASCUDO, 2002, p. 491).

A minha memória carrega algo próximo dessa descrição quando participei de algumas apresentações natalinas na igreja e aquilo, para mim, era apenas uma representação da história da criança que se chamava Jesus. Tudo aquilo que fazíamos na igreja, ensaios, preparos com o figurino e cenário, foram meios em que pude ir me descobrindo, me encontrando no teatro. Porém, não tinha conhecimento de que aquela prática dialoga com o pastoril.

Retomando a vivência com o pastoril, na graduação foi indicado que a apresentação seria realizada próximo à piscina do IFCE e que contaria com a participação do Grupo MiraIra – LPCT – Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais, o qual a professora é fundadora e diretora. Para conhecer mais o trabalho do grupo acesse o link que está na nota de rodapé⁷.

O grupo surgiu no ano 1982 no campus do IFCE Fortaleza/CE. As atividades que são desenvolvidas são multidisciplinares, o que possibilita a vivência com as artes cênicas e músicas a partir das matrizes estéticas da tradição. O grupo também é um laboratório que funciona de maneira híbrida, englobando ensino, pesquisa e extensão. Ao longo de sua trajetória, já criou mais de vinte trabalhos. Entre as criações do grupo, destacam-se os espetáculos: Brincadeiras em noite de luar; Quilombos; Ceará força fé e festa; Irmãos Fuertes Hermanos – Teatro José de Alencar; Fandango, a nau perdida – Festival Internacional de Folclore 2013; Grupo Miraira no IV Festival Internacional de Folclore do Ceará; Guerreiros, Santa folia festeira – Teatro José de Alencar.

Lourdes Macena, professora, pesquisadora, mãe, avó e, principalmente, uma pessoa com um coração tão grande que é capaz de acolher de maneira firme, porém, com muito cuidado com os estudantes e colaboradores. É preciso reconhecer que a docente tem realizado, desde a década de oitenta, um trabalho excepcional dentro da cultura popular tradicional e no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão e das políticas públicas para a cultura no estado do Ceará.

Perceber que não existem limites que a impeçam de continuar com essa luta que trata não apenas de resistir, mas também fala de afetividade e ancestralidade. Notar essa energia nela e descobrir a importância que tem nossas matrizes, foi exatamente isso que me fez enxergar o papel da minha avó dentro da Cultura Popular Tradicional e me transportar para as memórias do meu brincar quando criança.

Nesses atravessamentos que tive com a professora e o grupo, fiquei curioso e ansioso para saber como era a composição do espetáculo, quais personagens, o texto que seria usado, o figurino, adereços e o cenário. Então, foi durante esse processo de estudos e vivências que pude

⁷ <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/8936/>.

perceber algumas diferenças em relação às aquelas apresentações natalinas que havia participado na escola em relação ao que estava vivenciando na graduação.

Dentre elas, chamo a atenção para a presença de alguns personagens: Mestra e Contramestra, Diana, Cigana, o Velho, Estrela do Norte e, também, o Cordão Azul e Encarnado. Na oportunidade das vivências na disciplina, fui um dos reis magos e naquele momento estava representando um personagem que, para mim, tinha um outro significado. Eu estava começando a vivenciar a cultura popular tradicional.



Figura 1 – Apresentação do Pastoril na quadra do IFCE – 2010.2

Toda essa experiência que vivi, inicialmente dentro desse universo da cultura popular tradicional, só se deu devido à minha entrada na academia. Acredito que, se não tivesse feito escolhas na minha vida, como seguir o teatro por meio de referências tanto da escola como da igreja, é possível que não tivesse conhecido não apenas o Mateus, como também os demais personagens do reisado.

Falo isso me referindo à busca de conhecermos nossas raízes, tentar entender toda essa ancestralidade que se faz presente no ato de cozinhar, cantar, contar histórias, costurar um figurino, montar um Jaraguá, pintar o rosto para se transformar em um Mateus, colocar a barriga da Catirina, fazer o Boi ressuscitar, montar na burrinha e trazer várias gerações para assistir uma história que começa a tomar forma. Isso é resistir, é lutar, é perseverar, ou seria o desejo incansável de brincar que faz essa brincadeira não acabar? O brincar seria o combustível que alimenta os corações dos brincantes e de todos que ali se fazem presentes? Como você se sente quando brinca?

A permanência e a manutenção de uma disciplina que fala sobre cultura popular tradicional, sempre serão urgentes, pois é uma das formas de não deixar as manifestações desaparecerem, é continuar trazendo esses saberes para o universo acadêmico.

Quando penso em minha formação como ator, recordo que, desde criança, começamos a criar e brincar de maneira coletiva, ao passo que todos pensam, criam e fazem juntos. E nessa construção de jogos, vamos utilizando os recursos que temos disponíveis. Isso acaba estimulando a imaginação. Eu me refiro das muitas vezes que, quando precisei construir um cenário, figurino, elementos cênicos e construir um personagem, eu me encontrava dentro de um coletivo.

Acabei de recordar que, quando entrei no curso dos princípios básicos de teatro no Teatro José de Alencar no ano de 2006, com o diretor e professor João Andrade Joca, foi um processo que vivemos brincadeiras populares como meios para construir um corpo ativo, presente. Isso possibilitou um caminho para adquirir uma consciência corpórea. Além disso, eram utilizados objetos como um cabo de vassoura, para trabalhar a prontidão e atenção em receber o cabo que seria jogado pelo colega da turma. Novamente percebo que o fazer junto foi extremamente essencial e importa para minha formação como ator.

Avalio que o estudo e vivência da cultura popular tradicional agregaram contribuições com o meu olhar e prática como ator. Percebi que, nesse território, aprendemos pelo fazer, pelo estar junto, pela observação de aspectos importantes também para o fazer teatral como jogo, ritmo, movimento expressivo, coordenação motora, musicalidade, visualidades, entre outros.

Há uma diversidade de corpos, os quais trazem matrizes corpóreas carregadas de experiências, mas que também é passado de geração a geração possibilidades de construção desses corpos que ocupam a brincadeira. Embora, sejam repassados esses saberes, eles podem se transformar e se moldar de acordo com o período ou necessidades que se fazem presentes.

Para a minha formação como arte-educador e atuação como professor de artes da educação básica, foi fundamental para entender o quanto é importante conhecer a história do nosso cantinho, do lugar onde nascemos, desse mundo que se chama Nordeste, Ceará, Aquiraz e distrito de Camará, pois quando estamos munidos da consciência, a qual nos situa e faz com que compreendamos quem somos e o que podemos ser no local que estamos, então conseguimos fazer com que manifestações não fiquem no esquecimento.

A própria vivência com minha avó, Maria dos Santos Silva, é uma marca inscrita no meu corpo. Desde criança minha avó rezava em mim. Mais tarde, me levou para conhecer o seu mentor que era o Seu Cicero e sinto que havia até um desejo dela que eu fosse um guardião

dessa sabedoria e seguisse rezando nas pessoas. Refletir sobre essa relação com minha avó, me fez melhor compreender como a fé e as crenças têm seu lugar na cultura popular.

Pensando na minha prática dentro da sala de aula, iniciada no ano 2012 junto às series 6ª, 7ª, 8ª e 9ª do ensino fundamental, nas escolas que fazem parte da Secretaria de Educação de Aquiraz. Tenho procurado no meu planejamento durante os quatro bimestres, que são divididos em quatro linguagens: artes visuais, música, dança e teatro. Nos momentos que estou em sala de aula, os conteúdos que são planejados, busco meios de levar para meus alunos vivências da cultura popular tradicional. Tivemos momentos em que foram feitas exposições de vídeos para os alunos conhecerem os reisados e, a partir disso, uma conversa sobre o que eles observaram e se já tiveram algum contato com essa manifestação. Depois, era lançado a proposta de construir alguns elementos do reisado. Desse modo, procuro oportunizar que vivenciem a cultura popular dentro da escola e estímulo que identifiquem manifestações populares em sua comunidade.

Nesse pequeno inventário de encontros marcantes com a cultura popular tradicional, para além das cantigas, brincadeiras e reisado, outra expressão forte que sempre foi muito presente em minha vida, foi uma rezadeira, uma mulher que desde criança já rezava em mim. Depois que ela faleceu, foi que a importância do seu saber, do seu fazer dentro da cultura popular tradicional.

Mateus, depois de compartilhar esse pequeno inventário, gostaria de voltar ao nosso primeiro encontro. Quero lhe contar o quê de você ficou em mim. O que ainda permanece em mim, desde aquele momento em que estivemos juntos. A principal marca foi a forma como você conseguiu me levar a ativar memórias que, até então, estavam guardadas e que há um tempo não eram acionadas. A sensação de voltar ao passado e, por meio das “peças cantadas”, ativar em mim aquele corpo que brincava e que, ao brincar, sou tomado pela euforia da alegria.

Além disso, Mateus, foi surpreendente perceber que, mesmo tocando, cantando e brincando parecia que seu corpo não se cansava. Quanta energia, Mateus! Eu me perguntava de onde você tirava tanta energia! Será que você sabe que tem esse poder de levar pessoas para uma viagem no passado onde éramos crianças? Do nosso encontro, Mateus, também levei algumas perguntas: em que contexto surgiu esse personagem do reisado? Como se caracteriza o reisado?

2.1 Uma roda de conversa sobre o reisado: aproximações iniciais

Para seguirmos nosso percurso, gostaria que se imaginasse numa roda de conversa sobre o reisado. Na roda, estamos eu, Oswald Barroso, Luís da Câmara Cascudo – mas pode ser chamado de Cascudo –, Lourdes Macena – ou, se preferir, pode chamá-la afetuosamente de Lourdinha –, Circe Macena, Mestre Marcos, Mestre Expedito Caboco, Mestre Antônio e o Mestre Raimundo. A lua é cheia e ilumina a nossa conversa.

No terreiro do reisado, nesse lugar de manifestação, onde ancestralidades se fazem presentes de maneira forte e potente, o transformar, o mudar, o ressignificar, sempre caminham de mãos dadas com a tradição, que não fica perdida no passado, nem parada no presente e/ou no futuro. Ela transita de forma fluida entre os tempos e, assim, vai se conectando com o tempo que foi, que é e que será. Uma tradição que dança, canta, brinca e conta por meio de diversos elementos, personagens, dramas, peças, batalhas e muito mais.

O querido sociólogo Oswald Barroso, com sua vivência na brincadeira do reisado, discute em seu livro *Teatro como encantamento – Bois e reisados de caretas* (2013), que o reisado pode ter diversas definições, que podem estar relacionadas à cultura da região, à economia, à religião e aos próprios costumes. Cada reisado pode ter como foco figuras que tenham representatividade na história da cidade, algum produto que impulsiona a economia local ou mesmo histórias que contam a própria história da região. E, segundo ele, o reisado também pode ser definido como um teatro nômade, pois tem essencialmente essa característica de fazer suas apresentações de maneira itinerante, podendo ocupar qualquer espaço e suas narrativas são construídas pelos brincantes que fazem parte do grupo. A brincadeira acontece no período do ciclo natalino. Mostra a jornada dos Reis Magos à Belém, ao encontro do menino Jesus. Segundo ele, é um folguedo tradicional do ciclo natalino. A partir de seus estudos, o autor conceitua o reisado da seguinte maneira:

[...] um folguedo tradicional do ciclo natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve, em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi (BARROSO, 2013, p. 25).

Após ouvir Oswald, o folclorista Cascudo (1898-1986), nos explica como compreender os folguedos em seu livro *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002, p. 241):

Folguedo popular. Manifestação folclórica que reúne as seguintes características: 1) Letra (quadras, sextilhas, oitavas ou outro tipo de versos); 2) Música (melodia e instrumentos musicais que sustentam o ritmo), 3) Coreografia (movimentação dos participantes em fila, fila dupla, roda, roda concêntrica ou outras formações); 4)

Temática (enredo da representação teatral. Exemplo: Congada). Com o passar dos anos, o tempo de representação dos folguedos vem sendo reduzido, por iniciativa dos próprios participantes, com cortes nos diálogos, deixando, eventualmente, o enredo truncado. É que, embora a representação reproduza as cenas do enredo, somente a coreografia e a letra asseguram a compreensão dos acontecimentos na apresentação teatral do folgado.

Ainda em seu verbete dedicado ao Reisado, Cascudo explica que a manifestação do reisado pode ser denominada da seguinte maneira:

É denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada e reiseiros, que tanto pode ser o cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, quanto os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo. O Reisado tem sua origem na Idade Média. Da dramaticidade antiga guarda apenas as embaixadas e os diálogos, como o Reisado e o Guerreiro. O auto popular profano-religioso, pertencente ao ciclo natalino, é formado por grupos de músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos. O Reisado é conhecido também com os nomes de Reis, Folia de Reis, Boi de Reis, e o enredo é sempre a Natividade, os Reis Magos e os pastores a caminho de Belém. No Brasil a denominação, sem especificação maior, refere-se sempre aos Ranchos, Ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. Vestem-se de calça ou saio, com guarda-peito, uma espécie de colete enfeitado com vidrilhos, lantejoulas, espelinhos e fitas coloridas. O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequenos atos encadeados ou não. Este folgado foi estudado por Théo Brandão e José Maria Tenório Rocha em Alagoas. Ver Janeira, Folia, Guerreiro, Trança, Turundu (CASCUDO, 2002, p. 581).

Cascudo (2002) indica, também, a diversidade de nomenclaturas que o reisado pode ganhar, tais como: Reis, Folia de Reis, Boi de Reis e que, além das características que foram citadas por ele, o enredo do reisado sempre terá, como elementos principais na narrativa, os reis magos e sua caminhada até Belém, à procura do menino Jesus.

Partindo dessa citação, na qual Cascudo (2002) descreve o reisado, ele ressalta a presença dos elementos que são as embaixadas e os diálogos, os quais ainda são utilizados nos reisados em nossos dias. As embaixadas, segundo o autor, têm a função de anunciar a ordem em que será feito a apresentação do espetáculo. Além disso, também serve para convidar, chamar a atenção das pessoas no sentido de assistir e acompanhar o cortejo. Geralmente são compostos por três ou quatro homens e é possível notar, em suas vestimentas, a presença de elementos que nos remetem às roupas de fidalgos, reis, à nobreza do século XVII. Ele ainda diz que, como o povo costuma dizer, esses homens estão vestidos de príncipes.



Figura 2 – Mestre Aldenir em encenação de batalha. Folia de Reis em Crato - Ceará, janeiro de 2015⁸.



Figura 3 – Mestra Kátia – Reisado Nossa Senhora da Saúde – Fortaleza. Fotografia: Igor de Melo⁹.

⁸ Fonte da imagem: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mestre_Aldenir.jpg.

⁹ Fonte da imagem: <https://www.somosvos.com.br/tradicao-que-resiste-ao-tempo-um-reisado-que-esta-junto-o-ano-inteiro-no-grande-mucuripe/>.

Dentre os vários bailados, o reisado certamente é o que apresenta os trajes os mais garridos pelos muitos e vários enfeites, destacadamente por causa dos espelhinhos, vidrilhos, lentejoulas, aljofares, que enchem os saíotes axadrezados e capas de cetim (ARAUJO, 2004, p. 479).

A nossa inspiradora Lourdes Macena (2014), em sua pesquisa, cita a fala do Mestre Panteca sobre uma possível definição do que é reisado. Ele relata que, em alguns momentos, é boi, mas que também é reisado. Nesta pesquisa o foco não é a manifestação do Boi, embora dentro Reisado tenha a presença dele. O interesse é lançar um olhar para o Reisado e o personagem do Mateus.

Reforço aqui, que o foco não é o Boi, mas partindo dessa fala, poderíamos pensar que não há distinção?

Caso fosse dessa forma, estaríamos limitando a diversidade dos elementos que estão presentes em um e no outro? A pesquisadora fala exatamente sobre essas diferenças que existem entre o boi e Reisado. Poderia dizer que:

[...] Não podemos de forma alguma, com isso, dizer que assim boi e reisado são a mesma coisa, pois no universo dessas brincadeiras nada e ninguém são a mesma coisa. Cada um se refere somente àquilo ali; mesmo que possua semelhanças com outros, não pode ser universalizado. Herdamos de nossa formação acadêmica a prática de querer colocar tudo em um único lugar, num recorte que julgamos certo, buscando uma compreensão definitiva. No entanto, no estudo da cultura folclórica, fica difícil compreender essas tramas, pois, na maioria das vezes, não se sabe exatamente onde algo começa ou termina, ou seja, até onde uma manifestação é Reisado e até onde é Boi. Convém, no entanto, chamar a atenção de novo de que as Boi ou Bumba-meu-boi e Reisado, ora são um corpo único naquilo que é singular, ora são distintas nas formas em que não são comuns na trama que apresentam, nos personagens, figurinos ou partes musicais (SOUZA, 2014, p. 100).

O próximo a falar, foi o afetuoso Mestre Antônio do Reisado dos irmãos do Juazeiro do Norte, onde descreve o que é Reisado (REISADO..., 2014), para ele, “*reisado foi feito através dos três reis mago, por eles visto o Menino Deus. Então quando eles foram pra ir visita o Menino Deus. Foram tudo trajado de rei. Tudo bonito. Um leva incenso, outro leva coisa, ouro*”. Podemos identificar, na descrição do Mestre, referências também apontadas por Cascudo. Um exemplo, é quando o Mestre descreve as roupas dos Guerreiros, dos Reis Magos como algo bonito, como uma imagem que lembra um Rei. Nesse sentido, podemos imaginar esse personagem envolvido por um figurino que remeta à imagem de um ser imponente, com poder e riqueza. Geralmente, nas roupas dos Guerreiros, Reis, Rainhas e Princesas é possível notar na construção dos figurinos a presença de elementos que trazem luminosidade ou com o reflexo da luz o material produz brilho. Além disso, no próprio desenho dos figurinos traz

notórios signos que nos levem a visualizar esses personagens que fazem parte de uma história, na qual se tinha guerras, ouro, poder, soberania e esperança.

A próxima pessoa a falar, é Circe Macena¹⁰, atriz, dançarina e brincante e junto a ela o Mestre Antônio do Reisado dos Irmãos de Juazeiro do Norte (ENCONTRO..., 2021). Durante a conversa, ela pediu para o Mestre explicar o que é o reisado para ele, que respondeu: “O reisado pra nós é, significa muita coisa. A gente perdeu muito com essa pandemia. A gente tá refazendo, muito brincante já voltou. Dizer pra vocês que reisado é feito de coração, a gente faz porque gosta e é isso que a gente quer, que a gente faz com muita satisfação. O reisado pra gente é muita coisa, e significa muita coisa”.

Ela chamou o Mestre Raimundo, que também faz parte do Reisado dos Irmãos, para falar sobre reisado. Foi feita a mesma pergunta ao Mestre e ele respondeu:

O quero dizer pra você é, sobre o reisado, o reisado, é ótimo, a cultura em si, popular, tudo que tem cultura é ótimo. Agora o reisado dá um certo nervosismo, de vez enquanto na gente. Para fazer as coisas do reisado, os adereços, como o capacete, cinturão, são tudo nós que faz, saiote, comprar uma fita, corta, a gente que vai pregar, é tudo a gente que faz (ENCONTRO..., 2021).

Quando os Mestres falam do reisado e de como é importante para eles e para cultura, é notório que essa alegria e saberes do brincar tem se mantido por muitas gerações. Outra coisa que chama a atenção é que o processo de construções dos figurinos, adereços e todos os elementos que são utilizados, são feitos de forma coletiva.

Estimulado pela roda de conversa feita com esses autores e mestres, me interessou mapear os reisados do Ceará. Quantos reisados existem no estado? Já procurou em sua cidade, comunidade e região se tem algum reisado para brincar? Se alguém da sua família já brincou dessa brincadeira?

Então, para esse mapeamento foram consultadas as seguintes fontes: O livro *Teatro como encantamento/Bois Reisados de Caretas* de Oswald Barroso e o edital¹¹ de fomento para grupos dos ciclos da cultura tradicional popular do Ceará e Secretaria¹² da Cultura do Estado do Ceará – Coordenadoria de Patrimônio Histórico Cultura. É importante ressaltar que o estado do Ceará implementa no ano de 2003 a lei¹³ 13.351, de 22.08.03 (DO 25.08.03), que reconhece

¹⁰ Encontro dos Saberes - 3º Dia - <https://www.youtube.com/watch?v=Rwrr8e2ALTQ&t=2992s>. As transcrições das falas dos mestres, procurarei respeitar a linguagem utilizada por eles.

¹¹ Edital de fomento para grupos dos ciclos da cultura tradicional popular do Ceará https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/opportunity/3154/resultado_final_natal_e_grupos_de_projecao.pdf.

¹² Relação de Mestres da Cultura do Ceará - <https://www.secult.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/43/2019/02/Rela%C3%A7%C3%A3o-de-Mestres-da-Cultura-do-Cear%C3%A1.pdf>.

¹³ Lei - <https://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramitando/lei/13351.htm>.

Mestres e Mestras da Cultura Popular. Embora a iniciativa reconheça muitos Mestres, vários outros ainda não receberam a titulação. Exemplo disso é o Mestre Marcos do reisado Nossa Senhora da Saúde de Fortaleza, que colaborou com esta pesquisa.

Com base em leituras do livro *Teatro como Encantamento Bois e reisados de Caretas* de Oswald Barroso (2013). Vou deixar em anexo uma relação dos reisados e bois que foram pesquisados pelo autor e, assim, conseguiremos ter uma noção da quantidade que existem no Ceará.

Após ouvi-los, fiquei ali na roda ainda um tempo, olhando a lua, as estrelas e pensando me veio à memória as imagens de algumas figuras que fazem parte dos reisados, as quais eu poderia citar como, por exemplo, o Mateus, esse personagem que estava com o figurino nas cores roxa, branca e preta e acredito que tecido de cetim, pois quando estava diante de alguma luz era possível ver o brilho do tecido, o rosto pintado de preto, a cafuringa¹⁴ estava com as cores amarela, vermelha, azul e verde. Nela havia muito brilho, pois era possível notar a utilização de materiais reluzentes, brilhantes. Poderia dizer que uma boa parte desses materiais que estavam ali em sua cafuringa, eram bijuterias, joias, pequenos espelhos.

Também lembro de um dos entremeios que foi citado nessa conversa: o Jaraguá. Ele é temido por todos, as crianças se assustam, se escondem e até tentam fugir quando ele aparece para brincar. Seu corpo é longo e gigante, a sua cabeça lembra a de um cavalo. Há quem diga que até os adultos o temem. Mas será que ele é tudo isso que dizem? Pois bem, ele entra no terreiro não para assustar e muito menos causar medo. A sua intenção é entrar na roda e brincar. Ele, na verdade, é bem bonitinho e, no meio de tudo isso, mostra que sabe vadiar. Quando de repente o medo desaparece e dá lugar para alegria e todo mundo começa a cantar. Você tem medo do Jaraguá?

Música¹⁵: Jaraguá / Domínio Público (JARAGUÁ..., 2019)

Letra:

Estava debaixo	O bichinho é bonitinho
De um arvoredor	Ele sabe vadiar
Ao meio-dia	Cata piolho cata piolho
Estava descansando	Cata piolho Jaraguá
Ouvi um canto	O bichinho é bonitinho
Tão saudoso	Ele sabe vadiar
Só me parece	Faz cafuné faz cafuné

¹⁴ “[...] A parte mais atraente está no chapéu todo enfeitado de fitas e espelinhos. Esses espelhos têm uma finalidade mágica, funcionam como amuleto, servem para o choque de retorno: todo o mal, todos os maus desejos que baterem naqueles espelhos retornarão para quem os tenha tido. Eles têm função amulética, defensiva, protetiva, é o que afirmam. As coroas são de uso privativo do rei e da rainha. Já os palhaços usam um chapéu cônico chamado cafuringa ou gafurinha” (ARAUJO, 2004, p. 479).

¹⁵ Link da música: <https://www.letas.mus.br/carroca-de-mamulengos/907443/> - Grupo Carroça de Mamulengos – 19/09/2022 – 11:37.

Um passarim cantando
 Mas que bicho feio
 Virgem Mãe de Deus
 É o Jaraguá, ô maninha
 Para pegar o Mateus
 Chegou chegou
 Já chegou meu Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Cumprimenta cumprimenta
 A criançada, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Ta bonito ta bonito
 Ta bonito Jaraguá

Faz cafuné, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Meia volta meia volta
 Volta e meia, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Vai embora vai embora
 Vai embora, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Foi embora foi embora
 Foi embora, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar.



Figura¹⁶ 4 – Seminário - brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante.

Esse Jaraguá ele é bonitinho e cuidado que ele sabe vadiar. Olha só como é gostoso, como é bom, bonito e maravilhoso sentar-se numa roda para cantar, contar e brincar. Nesse embalo em que nos envolveu o Jaraguá, pois ela estava procurando pegar o Mateus. Mas quem é esse de cara pinta no reisado que entra para mexer com todos?

¹⁶ Roda de conversas sobre brincadeira e reisado que fez parte da programação do Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil Fortaleza/Ce dentro do programa criança e arte – 21/05/2022 – Reisado Nossa Senhora da Saúde de Fortaleza. Mestre Marcos Foto: Nayra Maria. Link da roda de conversa: <https://www.youtube.com/watch?v=-7ZhXi9-9-Q>.

2.2 Quem é esse de cara pintada que brinca o Reisado?



Figura 5 – Foto Paulo Sérgio.



Figura 6 – Foto do Paulo Sérgio.

E quem seria este cabra? Esse de óculos preto e cara pintada? Com chapéu colorido, todo enfeitado e cheio de brilho? Do amuleto de proteção ele não abre mão. O rosário que sempre leva perto do coração. Agora quero convidar Oswaldo Barroso para desse personagem falar:

Cartola vermelha (que chama de cafuringa) enfeitada de espelhos e fitas sobre a cabeça. Óculos escuros, rosto pintado de preto (com tisna de panela e vaselina) mesmo que já seja negro, uniforme de cangaceiro, com revólver, cartucheira e pente de balas atravessado no peito (antigamente carregava uma espingarda de bambu nos ombros), junto com um enorme rosário (feito de semente de mucunã ou mamucaba, pedaços de espiga de milho, carretéis de linha, pequenas bonecas de plástico ou madeira etc.), no qual reza um irreverente “Pai Nosso”. (4) Numa mão, leva um pandeiro ou um ganzá e na outra, uma “macaca” (espécie de chicote), com a qual corre em perseguição aos meninos e surra os personagens grotescos. Assim é o Mateus, negro e ex-escravo, a segunda figura mais importante na estrutura de personagens do Reisado e, certamente, a primeira na preferência do público. “É a graça do Reisado”, como diz o Mestre Antônio Félix (BARROSO, 2021, p. 114).

Nessa narrativa que o Oswaldo Barroso traz, é perceptível a presença de muitos elementos que o Mateus utiliza para chamar a atenção do público. O figurino, os acessórios, o pandeiro, o

rosário, as cores e brilhos que colocam na cafuringa por meio de espelhos ou até mesmo objetos reluzentes. Ele está preparado para prender sua atenção. Esse é o Mateus, um personagem que de todas as formas vai buscar fazer você rir. Seja pelas peças cantadas (música) ou se aproveitando de alguma situação. Há quem pense que está sozinho, mas isso não é verdade. Dentro dessa brincadeira, muitos personagens participam.

Caro leitor, quero te convidar agora para conhecer um pouco dos personagens que fazem parte do universo do Reisado. Daqueles que, às vezes, aparecem para brincar com o Mateus e com todos que se fazem presente na hora da brincadeira. Quero ressaltar que a intenção não é se aprofundar na construção desses personagens e sim apresentá-los a você, pois o Mateus nunca está sozinho. Ele sempre tem seus companheiros de aventuras.

Oswald Barroso (2021), em seu livro *Teatro como encantamento Bois e Reisados de Caretas*, descreve os entremeios como blocos de cenas que compõem a construção do Reisado. Dentro dessa composição cênica, foi possível encontrar a presença do boi e da burrinha nos reisados pesquisados pelo Oswald. Esses dois personagens têm presença obrigatória na estrutura desses reisados que foram pesquisados pelo autor.

Entremeios são quadros cênicos que compõem o Reisado. Seus personagens não fazem parte da estrutura fixa da brincadeira, entram apenas na cena que lhes cabe. Geralmente são chamados ao terreiro pelos brincantes, com uma peça cantada, para no final de seu quadro se despedirem. Podem ser bichos e tipos humanos, ou até mesmo seres híbridos nascidos do imaginário da brincadeira. Outros entremeios constituem-se de pequenos dramas e, mais usualmente, de comédias, ou até mesmo de contradanças, como nos Reisados de bailes e de congos. No Reisado de Caretas, assim como nos demais Reisados cearenses, os entremeios obrigatórios são o do Boi e o da Burrinha, porque animais presentes no presépio, durante a visita dos Reis Magos, segundo o entendimento dos brincantes. O Boi e a Burrinha foram encontrados em todos os Reisados por nós pesquisados (BARROSO, 2021, p. 88).

O motivo pelo qual foi encontrado esses dois personagens, segundo o autor, parte do entendimento dos brincantes que esses dois animais estão presentes no presépio durante a visita dos Reis Magos ao menino Jesus. Há também personagens que podem ter uma forma híbrida. Metade bicho e metade humano. Sua participação na brincadeira não é fixa, ou seja, sua entrada na cena só acontece quando é solicitada.

Os demais bichos e entremeios não são obrigatórios. Muitas vezes aparecem com nomes diferentes, embora com características semelhantes. Neste sentido, o exemplo mais notável é o Cabeça de Fogo, chamado por este nome na maior parte dos Reisados (entre eles nos de Canindé, Itaitinga, Horizonte, Quixadá, Campos Sales, Miraíma e Palmácia), mas conhecido também por denominações as mais diversas. Pode aparecer, tanto como fantasma masculino, quanto como fantasma feminino, trazendo algumas variações formais, com o nome de Boca de Forno (em Meruoca), Zé Bibiu (em Beberibe), Velha (em Miraíma), Nêga ou Alma (em Campos Sales), Maria Ligeira

(em Granja), Maria Zezita (em Santana do Acaraú), Chamego (Acaraú) ou Phantasma (em Sobral) (BARROSO, 2021, p. 88).

É possível notar que existem entremeios diferente de um reisado para outro. Em uma das conversas que tive com Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde, ele compartilhou que os seus personagens surgem às vezes de situações que acontecem em sua vida e que, a partir dessa experiência, vem em sua mente a imagem de um entremeio. O seu Reisado é composto pelos personagens: o Mateus, os Guerreiros, a Rainha, a Princesa, o Marinheiro, o Zé Fulô, o Capitão, o Camaleão, o Boi, o Sapo, a Ema, o Canarinho, a burrinha e o Jaraguá.

Uma curiosidade que surgiu em nossas conversas foi a ausência da Catirina. Ele confessou que sua companheira ainda está a caminho do seu encontro. Mesmo com tantos anos que já se passaram, ele reforça que ela ainda vai chegar. Enquanto ela não chega, o seu Mateus vai brincando com os demais personagens. Agora vamos mergulhar em momentos que me deparei com o Mateus.

O interessante é que, apesar do Mateus sempre estar acompanhado de um companheiro, a Catirina também se faz presente em suas peripécias, nas suas brincadeiras que envolve os outros personagens e o público. Conforme Oswald Barroso (2021), esses dois personagens são negros e ex-escravos. Eles têm liberdade para transitar pelas brincadeiras e histórias de maneira livre. Não se prendendo a uma estrutura fixa e, assim, fazendo um jogo de improvisação durante as cenas, eles podem desobedecer às ordens do Mestre. Fazer como o próprio autor fala, galhofadas com valores morais constituído, sejam profanos ou religiosos. Isso me lembrou, em uma das conversas que tive com o Mestre Marcos, sobre o tipo de Mateus que ele faz.

Ele disse: *“É assim, há uma grande diversidade desse mesmo personagem, há uma diversidade de pessoas que fazem o personagem do Mateus. Quem encarna esse personagem em sim, é a gente. Eu sou uma coisa e ele é outra. Há uma diferença muito grande, porque o Mateus ele pode ser irresponsável, responsável, brincalhão, ele é dançarino, ator, cantor, é tudo. Ele que toma conta do reisado”*.

Usam máscara as figuras cômicas: Mateus, Catirina, Palhaço, Papangus e Caretas. Dos entremeios, só os bichos: Boi, Urubu, Bode, Ema e Caboré, e um único tipo humano, o Inocência. A máscara do Palhaço, como de alguns Caretas de Reisado, traduz-se como uma pintura de rosto, ao estilo dos palhaços de circo (BARROSO, 2019, p. 118).

Em umas de suas falas, lembro bem quando falou sobre o Mateus ser um ex-escravo que perdeu o seu trono para um Rei tirano e cruel. E que mesmo depois de perder o seu reino e a sua cora, ele conseguiu se tornar o bobo da corte. Estratégia para ficar perto do rei que o

expulsou. Fazia apresentações para alegrar a sua majestade. Porém, sua verdadeira intenção era conseguir de volta o seu trono. Pois na primeira oportunidade, iria tomar o que era dele por direito.



Figura 7¹⁷ - Foto Paulo Sérgio – Aqui o Mateus estava reforçando a fala do Mestre Marcos sobre a história do destronamento e a busca do Mateus pelo trono.

Outra observação que faço, é sobre algumas características do Mateus que o Mestre Marcos faz. Em sua fala, ele diz que o seu personagem, apesar de ter essa liberdade que o Oswald Barroso cita em seu livro “Reis de congo” e traços que podem ser profanos ou religioso, sua preferência na construção do seu Mateus acaba por ser mais respeitoso, ter o cuidado para não ser inconveniente ou causar alguma situação constrangedora com alguém da plateia e do Reisado.

¹⁷ Registro feito Paulo Sérgio (esposo). Olha só o Mateus (Cristiano) do Reisado Nossa Senhora de Fátima do Mestre Criliano, filho do Mestre Zé Pio do Boi Ceará de Fortaleza. Encontrei ele na barra do Ceará no mês de outubro de 2022.

Porém, não renuncia à alegria, espontaneidade, improviso e fazer com que todos que estão presentes assistindo o Reisado, possam rir muito com suas piadas e brincadeiras. Além disso, sempre dá um jeitinho de acabar com a paciência da sua Mestreira e mexer com todo mundo. Há quem pense que essas artimanhas e brincadeiras, que o personagem faz durante a apresentação, são feitas para atrapalhar, deixar confuso o público, ou até mesmo querer chamar a atenção de todos para sua encenação.



Figura 8¹⁸ - Foto Paulo Sérgio – Aqui os dois Mateus estavam falando sobre a alegria que os levam para as pessoas, que é alegria e diversão e da sua importância do reisado.

Nos dois registros fotográficos que compartilhei aqui com vocês, se trata de um dia que aconteceu esse encontro lindo, onde dois reisados da cidade Fortaleza, o Reisado Nossa Senhora da Saúde e Reisado Nossa Senhora de Fátima. Eles foram se apresentar próximo da Barra do Ceará, no mês de outubro de 2022. Nesse dia, o único sentimento que ocupa o espaço que

¹⁸ Registro feito Paulo Sérgio (esposo). Olha só o Mateus (Cristiano) do Reisado Nossa Senhora de Fátima e o Mateus (Mestre Marcos) do Reisado Nossa da Saúde de Fortaleza e Eu. O encontro aconteceu na barra do Ceará no mês de outubro de 2022. Os dois reisados se apresentaram no mesmo local.

estávamos, era o de alegria, diversão e união. Não havia espaço para disputar qual o melhor reisado. Só se notava uma união. Parecia que dois se tornavam um só Reisado.



Figura 9¹⁹ -Foto Paulo Sérgio – Reisado Nossa Senhora da Saúde e Reisado Nossa Senhora de Fátima.

Pois bem, em seu livro *A Máscara* (2019), Oswald fala que toda essa engenharia cênica que o Mateus traz para a cena, é pensada e construída para trazer diversão e movimento. As intervenções que o Mateus faz com que a Mestra ou o Mestre, com os personagens e com o próprio público. A percepção inicial de quem está vendo a brincadeira que ele faz com todos que fazem parte do reisado e com as todos que estão ali presentes, é que ele está bagunçando,

¹⁹ Registro feito por Paulo Sérgio (esposo). Dois reisados e várias gerações juntas.

atrapalhando. No entanto, não é bem isso, pelo contrário, ele faz todo esse chafurdo, essa bagunça para gerar dinamismo e alegria.

Ao contrário das demais figuras que seguem cegamente as ordens do Mestre ou do Capitão e tem um lugar fixo na articulação espacial do Reisado, o Mateus goza de total liberdade de movimentos para representar seu papel e interferir na função (BARROSO, 2019, p. 146).

Mateus, você é incrível, a facilidade gigantesca que tem de tirar um sorriso de mim ou de qualquer outra pessoa que estiver assistindo à brincadeira é extraordinária. Confesso que, inicialmente, não estava preocupado em te entender de maneira técnica, conceitual, tentar buscar definições que pudessem explicar sua potência cênica, até porque era a minha primeira vivência com você e com todos que faziam e fazem parte desse universo mágico.

Então, a única coisa que me passava pela cabeça era simplesmente aproveitar o momento para brincar, rir e deixar a alegria invadir meu corpo. Ah, meu amigo, eu sou assim mesmo! Tenho uma certa dificuldade para encerrar um assunto e acabo iniciando outro.

Desde o dia que tivemos o nosso primeiro encontro no Centro Dragão do Mar em 2010, posso dizer que um longo tempo se passou até nos encontrarmos novamente demorou muito, pois foi em 2017 que as possibilidades de encontrar você, passaram a ser, de uma certa maneira, mais frequentes. É a partir desse momento que relembrarei situações que me levaram ao encontro com o personagem do Mateus.

Em 2017 passei a trabalhar Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil-Fortaleza/CE, como produtor cultural da programação infantil “Criança e Arte”. Foi então que percebi possibilidade de colocar manifestações da cultura popular tradicional na programação das atividades infantis.

Logo pensei que seria uma oportunidade para me aproximar mais do reisado. Tratei de entrar em contato com os brincantes ou com os responsáveis pelos agendamentos das apresentações, pois assim colocaria nas programações do CCBNB-Fortaleza, na programação do “Criança e Arte”. Assim, você, Mateus, poderia compartilhar as suas inúmeras aventuras com as crianças. Nos próximos parágrafos irei listar, por meio de imagens de apresentações de reisados, de personagens que fazem parte do mesmo e de brincadeiras populares.

Grupo Miraira – LPCT – Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais – Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2017 - Brincadeiras em Noite de luar.



Figura 10 - Grupo Miraira – LPCT – Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais – Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2017.

Em junho de 2019, Mestre Martonio Holanda de Sobral com o espetáculo Janela de Brincantes no CCBNB – Fortaleza-CE.



Figura 11 - Espetáculo Janela de Brincantes - Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2019.

A Cia Carroça de Mamulengo do Juazeiro do Norte com o espetáculo Histórias Brincantes se apresentou no ano de 2020. A apresentação aconteceu antes da pandemia.



Figura 12 - Carroça de Mamulengos - Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2020.

Trabalhos apresentados antes da pandemia e na pós-pandemia, precisei reencontrar Mateus. Decidi fazer outro convite a você para se apresentar no CCBNB-Fortaleza/CE nos dias 21 e 28 de maio de 2022. E ali estava você, se apresentando no espetáculo: As alegrias de Mateus e a dança do boi bumbá do grupo Calu Maravilha Fortaleza/CE.

No ano de 2022, no palco do CCBNB-Fortaleza/CE, nos dias 13 e 20 de agosto, a programação contou com o espetáculo Os Mateus. A apresentação era composta por uma atriz e um ator da cidade de Pacajus/CE. Artistas independentes.

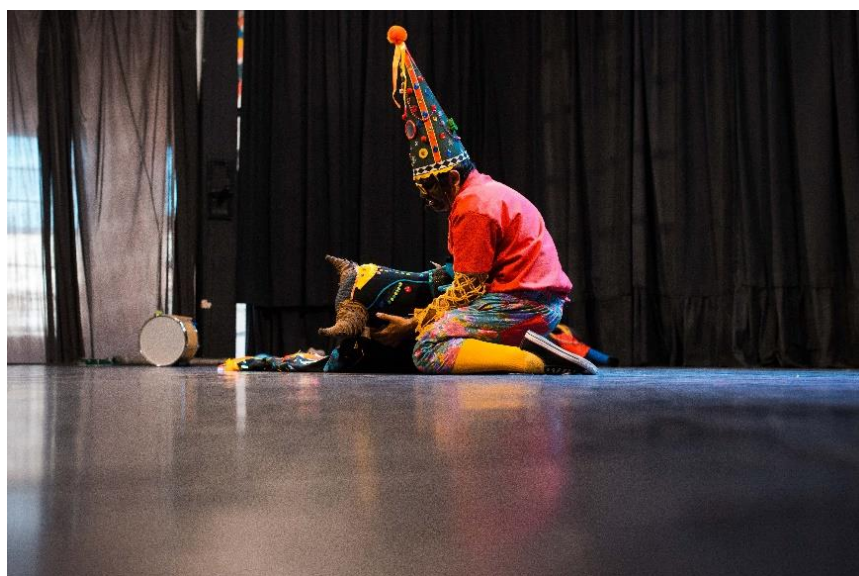


Figura 13 - Os Mateus -Apresentação no CCBNB-Fortaleza 2022.



Figura 14 - Os Mateus - Apresentação no CCBNB - Fortaleza 2022.

Nesse período em que tive a oportunidade de ver você em cena nas mais diversas formas, passei a te olhar de um jeito diferente, interessado em entender melhor como você conseguia, com tanta maestria e potência cênica, trazer alegria, nostalgia e diversão? De onde você tira tanta energia para não deixar o seu corpo se cansar? O brincar seria o combustível que não te faz parar de brincar? De que maneira as memórias afetivas de um brincar podem ser matéria para uma encenação? O que tem por trás desse corpo que não para de brincar? O que o brincante tinha nas mangas, para contagiar tanta gente e, ao mesmo tempo, fazer uma multidão ficar de olhos atentos à ele? Como era feito esse jogo de brincar com os entremeios que surgiam durante a brincadeira do reisado?



Figura 15²⁰ - Produção Natal de Luz de Fortaleza/CE 2019.

²⁰ Produção no Natal de Luz de Fortaleza no ano de 2019 - no dia 14 de dezembro às 18:30h. Na praça Cristo Redentor. Momento em estava observando a apresentação do Reisado Nossa Senhora de Fátima.

Era noite e eu estava trabalhando na produção das atividades infantis do Natal de Luz de Fortaleza, em 2019 no dia 14 de dezembro às 18h:30h na praça Cristo Redentor. A praça estava cheia, todos estavam à espera do Reisado Nossa Senhora de Fátima e aí você chegou. Começou a puxar o reisado, a brincadeira, a chamar a atenção e, nisso tudo, ao seu lado, tinha uma criança, brincando de ser Mateus.

Não consigo tirar essa imagem da minha cabeça. Lembra que falei sobre revisitar o passado, presente e o futuro? Pois foi um turbilhão de emoções, lembranças, de encontros e de pensamentos sobre o que eu estava vendo e sentindo em relação às memórias da minha infância. Eu tive a oportunidade de ver o Mateus nesse encontro dos três tempos: passado, presente e um possível futuro. Os meus olhos brilhavam e o coração não se aguentava de tanta nostalgia com um misto de alegria.

Eu fiquei encantado e cheio de empolgação. Minha vontade, naquele momento, era de correr até vocês e brincar também, mais preferi ficar só olhando, espreitando e pensando: aquela criança e você, pareciam estar tão conectados, era como se ela fosse seu passado e você o futuro dela, ou melhor, você era o presente, que se tornaria um passado e ela seria seu futuro. Eu não sei bem como explicar. Eu só consigo lembrar dessa energia que adentrou em meu corpo, dessas duas gerações se encontrando e trazendo alegria.

Nisso, fiquei mais inquieto e curioso para conhecer melhor o Mateus. Esse corpo que pulsa quando está brincando, o mesmo que se desprende de qualquer conceito que o impeça de levar alegria e risos, usando a potência corpórea expressiva que traz por tantas gerações, carregando inúmeras histórias e vivências do brincar no reisado. Queria também entender de que modo esse corpo que brinca consegue, com tanta força cênica, caminhar por lugares estranhos, que não é o seu terreiro, tornar tão latente a brincadeira do reisado em qualquer lugar.

O Mateus ou Careta traz a cara pintada de preto e veste um macacão estampado. Vem tocando pandeiro e usa um chapéu enfeitado com fitas coloridas, chamado de cafuringa. Ele representa um vizinho do Rei, casado com Catirina. Tendo ação cênica livre e de improviso próprio, ele é a alegria e a espontaneidade da brincadeira (SOUZA, 2014, p. 195-196).

Oswald Barroso em seu livro *A Máscara* (2019), traz uma fala do pesquisador Zeca Ligiero, em que ele fala sobre as percepções que podemos ter quando utilizamos a máscara. É uma ferramenta que possibilita ao mascarado de ser quem ele quiser. Convencer ao público que a personagem que está presente é de fato o ser apresentado, nos faz pensar se realmente não há outra pessoa por trás daquela máscara.

Neste sentido, a máscara é, a um só tempo, signo e instrumento de encantamentos. Libera seu portador do próprio ego e abre espaço para a vivência de novos eus. Ele próprio torna-se um deus em diálogo com outros deuses, introduzindo-se na dimensão dos seres que transitam para além da realidade perceptível. Seu corpo abre-se à incorporação do sagrado, dos muitos espíritos que se movimentam no espaço divino, almas de animais, vegetais, minerais, ancestrais e entidades outras (BARROSO, 2019, p. 19).

Lembrei das vezes que utilizei máscara para fazer apresentações e consigo descrever que a sensação era de estar protegido, como se fosse um escudo. Edgleison abria em si mesmo espaços para experimentar outras qualidades de presença a partir da máscara. Um “escudo” que me protegia de minhas corporeidades recorrentes e um “instrumento de encantamentos” que me levava a brincar de ser outros.

Todos nós temos uma imagem de máscara quando fechamos os olhos. Por alguma razão ela é associada ao mundo festivo do carnaval ou ao do teatro. Na linguagem popular também associamos a palavra “mascarado”, ao indivíduo que se esconde de si mesmo, o qual não conseguimos perceber quem é realmente: falso, esnobe, disfarçado, alterado, dissimulado, fingido, sonso, astuto, furtivo. Na expressão popular se diz “caiu a máscara”, quando descobrimos algo que estava oculto em alguém que se disfarçava. Portanto, máscara, tem sido diretamente associada na vida real à escudo protetor, a uma forma pejorativa de ocultamento, de disfarce, falsidade (BARROSO, 2019, p. 7).

Lembro que o Mestre Marcos também compartilhou a sensação que ele sente quando ele está se vestindo, colocando os acessórios para compor o figurino e, finalmente, quando terminava de pintar o rosto. Pronto, o Mateus nascia e como ele mesmo falava: *“Depois que eu visto a roupa e pinto a cara. Ai pronto! Meu irmão. Como aquele nomo de um programa antigo. O sai de baixo. Pois é, sai de baixo viu! O negócio pega. Porque a gente humorista. Tudo com muito respeito”*. Exatamente como eu me sentia também quando colocava um figurino e uma máscara ou quando tinha que pintar o rosto.

Ao tratar do uso da máscara, ainda que o foco desta pesquisa não seja a discussão étnico-racial, não posso deixar de mencionar que existem reflexões e tensionamentos entre pesquisadores do campo das culturas populares em relação a pintar o rosto de preto. Numa perspectiva, alguns estudiosos defendem o uso da pintura e procuram distinguir a sua prática de qualquer proximidade ao chamado *blackface*. Em outra direção, alguns movimentos e pesquisadores identificam um ponto sensível nessa caracterização diante das emergentes reflexões sobre racialidade no Brasil contemporâneo. À título de exemplo dessa questão, em pesquisa sobre o Maracatu cearense, em que pintar a face de preto também se mostra presente, o artista e pesquisador Gilson Brandão Costa (2009, p. 58) aponta:

No maracatu cearense, a máscara adquiriu uma marca distintiva dentre as representações dos outros maracatus, no contexto nordestino e brasileiro. Possível herança dos reisados, cujos protagonistas Mateus e Catirina do Bumba-Meu-Boi figuras cômicas manifestavam-se na cena com a máscara negra pintada no próprio rosto? (COSTA, 2009, p. 58).

Segundo Oswald Barroso (1996, p. 93) “o rosto era pintado de preto, com tisna de panela e vaselina, mesmo que já seja negro”. Conversando com o Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde, em uma de suas falas, ele relata que, antes usava tisna de panela, vaselina ou até mesmo carvão, mas com o decorrer dos anos que brincadeira, ele começou a usar tinta para o rosto. Segundo ele, simboliza o negro que foi escravizado. Porém, me contou uma história. O Mateus é um rei que foi tirado do seu trono, sua coroa foi tomada por outro e acabou que virando o bobo da corte para animar o rei. No entanto, essa diversão que leva para a realeza, nada mais é, que uma estratégia para conseguir seu trono e sua coroa. Além da pintura, ele também usa um óculos escuros para cobrir os olhos e, dessa forma, sua face fica toda coberta.

Na prática local, há controvérsias históricas. Argumenta-se em primeiro plano que se deve a Raimundo Alves Feitosa, o qual assimilou a forma em passagem pelo carnaval de Recife, nos primeiros anos da década de trinta, ao presentificar o cortejo das Cabindas⁴², em Pernambuco onde “homens fantasiados de negras, com rosto pintado de preto que desfilavam no Carnaval”,⁴³ ao contrário do maracatu de baque solto pernambucano que não utilizava a máscara negra. No processo de criação do Az de Ouro já aparecia a pintura no folguedo, feita no próprio rosto do brincante com fuligem de lamparina, enunciando e ressaltando a plasticidade. No contexto local, todavia a presença da pintura negra no corpo já era utilizada, conforme relatos de cronistas, já no século XIX (NOGUEIRA, 1981, p. 138-149).

Como pode ser verificado na reflexão proposta pelo pesquisador Gilson Brandão Costa, é um tema sensível para as reflexões, sobre a tradição da cultura popular diante dos debates e leituras decoloniais. Como pesquisador, pretendo seguir acompanhando esse debate, que muito me interessa e, como será visto mais adiante, optei por não usar a máscara ou pintar o rosto na minha criação cênica, por entender que este ponto ainda merece um maior aprofundamento.

Retomando a discussão sobre as características do Mateus, Oswald Barroso em seu livro *Teatro como Encantamento Bois e reisados de Caretas* (2013), descreve a performance cênica do brincante, na qual é possível notar a presença de movimentos pré-estabelecidos e construídos por um repertório de gestos, vozes e movimentos que ajudam o brincante na apresentação e na composição do personagem. Esses saberes são repassados por meio da tradição. Ele ainda ressalta:

Quem já presenciou o gestual singular e quase acrobático dos Caretas e Mateus de Reisados e Bois, muitas vezes executados por brincantes que beiram os 70 anos de idade, sabe que quase sempre se trata de uma série de movimentos preestabelecidos,

executa dos por corpos preparados, que incorporam procedimentos artísticos e extra cotidianos, característicos do que a antropologia teatral considera ser o ator performático [...] (BARROSO, 2013, p. 306).

Pensando junto com a Lourdes Macena e Oswald Barroso, eu lembrei de ocasiões, uma delas em que tive o prazer de conhecer o Mestre Expedito Caboco, do Juazeiro do Norte, da Banda Cabaçal, também Mestre de Mamulengo, brincante de perna de pau, mágico e Mateus. Esse encontro aconteceu por meio de um convite que me foi feito pela Paula Silveira da Cunha. Ela pediu para acompanhar as entrevistas com os mestres que são do reisado ou que interpretam o personagem Mateus. O projeto²¹ tinha como proposta escrever um livro e fazer um documentário intitulado *Mestres da Cultura Cearense – a tradução das tradições no ano de 2021*.

Em maio de 2021, estávamos no Crato/CE e, mais precisamente, na casa do Mestre Expedito Caboco. Pedimos a ele que falasse sobre sua história, de como tudo começou e da forma como se tornou mestre da cultura. Sua fala inicial foi sobre suas questões de saúde, pois naquele momento estava com dificuldade de enxergar de um olho e sua audição já estava bastante comprometida, mas isso não o impediu de compartilhar sua história e sabedoria.

Naquela oportunidade, o mestre falou um pouco sobre a aprendizagem para construir o personagem Mateus:

Eita! Ó. Quando, a pessoa tem vontade numa coisa. Quando ele brinca pela primeira vez. Ele não quer mais afrouxar aquilo ali de mão. É o meu causo. Eu tô com 72 anos mas na hora que a pessoa precisasse. Mestre eu quero que o senhor vá fazer uma representação de Mateu. Avé Maria! Eu vô com todo prazer. Comecei novo. Aprendi algumas besteira. Eu aprendi com o Mestre que eu brinquei com ele. Que era o Manoel do Pinto. Ele era uma pessoa muito bom pra dentro da cultura, pra os Mestre do Reisado daqui. Gostava muito dele. Ele era um espetáculo. Eu chamo ele de Mestre Manoel do Pinto. Ele era antigo. Mestre Miguel Clemente também foi um dos Mateu bom aqui dentro do Juazeiro. Mateu bom também. Mestre Cachoeirinha. Mestre Expedito, Mestre Miguel Clemente²².

Eu perguntei: *Mestre o que o senhor fazia para apresentar o Mateus?*

Mestre: *Chega na hora, improvisa na hora. As músicas que eu canto, algumas eu falo em poema e depois eu canto a música.*

²¹ O projeto que fiz parte, O documentário *Mestres da Cultura Cearense – a tradução das tradições*, é uma realização do Instituto de Culturas Populares, idealizado por Paula Silveira e dirigido por Paulo Winz, reúne depoimentos das mestras e mestres da cultura cearense, com o intuito de fazer um registro histórico a respeito dos saberes e fazeres e, seus legados às novas gerações. Link do documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=GYAcoOiM0nI>.

²² Entrevista feita pessoalmente na casa do Mestre Expedito Caboco no mês de junho de 2021 - O documentário *Mestres da Cultura Cearense – a tradução das tradições*, é uma realização do Instituto de Culturas Populares.

Eu percebi que a cada pergunta e resposta do Mestre, ele se emocionava, pois lembrava de como tudo começou e da sua resistência em manter viva a tradição dos seus saberes do personagem Mateus e da Banda Cabaçal. Foi emocionante ver a sede insaciável de viver, brincar, tocar e ser feliz. Terminamos de fazer as perguntas e pedimos ao Mestre e os brincantes para fazermos alguns registros fotográficos deles. Depois disso, eles se prepararam para tocar e dançar.

No momento em que eu observava o Mestre, ele, mesmo com suas limitações, era possível notar a sua empolgação. O corpo transbordava de tanta alegria. Parecia que, quanto mais dançava e tocava o pífano, mais aumentava a sua energia. Poderia dizer que ele estava gritando para todos ouvirem que estava feliz de sentir-se vivo.

Era contagiante ver que, mesmo depois de muito tempo, ele consegue trazer inspiração e alegria com sua sabedoria. Como ele mesmo falou: “*ave Maria, se me chamar eu vô com todo prazer*”. Oswald fala exatamente sobre a presença de códigos e da destreza que os mestres. Ele descreve:

[...] Os mestres e melhores brincantes desses folguedos são, geralmente, atores-dançarinos que cantam. Durante as suas performances, lançam mão de um vasto repertório de gestos, vozes e movimentos, que receberam da tradição, sem que, no entanto, deixem de contribuir pessoalmente para a ampliação desse repertório, com a inclusão de novos signos ou com a recriação de antigos. Mesmo quando improvisam, utilizam determinados princípios, um estoque de signos com uma sintaxe, ou seja, um modo de utilizá-los, transmitidos pela via da observação direta e da transmissão oral. Usam, o que poderíamos chamar, um código anônimo e informal (mas em todo caso, um código), com a flexibilidade necessária não somente à expressão do talento individual do brincante, mas também à sua adaptação às circunstâncias do momento e do lugar (BARROSO, 2013, p. 306).

Segue algumas imagens registradas desse momento com o Mestre Expedito Caboco:



Figura 16 - Quadro da casa do Mestre. Expedito Caboco. Foto do Mateus.



Figura 17- Quadro da casa do Mestre. Expedito Caboco. Foto do Mateus.



Figura 18 - Banda Cabaçal do Mestre Expedito Caboco.

Fois desses encontros que tive com os brincantes que fazem o personagem do Mateus ou até mesmo assistindo apresentações dos reisados, que observei que, mesmo tendo uma base fixa de como construir esse personagem, o brincante acaba por utilizar seus próprios recursos que se fazem presentes em sua vida e as referências que foram repassadas por seus ancestrais.

Cada um tem seus traços, tamanhos, gestos, figurinos, maneiras de brincar com o público, formas de interagir com os outros personagens do Reisado, tem aquele que não é feito de carne e osso. É isso! Eu estou me referindo ao Mateus de Mamulengo, o de fantoche e ainda tem o Mateus criança, aquele que, bem novo, ainda vai descobrir seus caminhos desde pequeno.

Pois bem. Voltando a falar das habilidades que os Mestres mostram quando brincam e ainda partindo da fala do Mestre expedito Caboco, quando ele diz: *“Eita! Ó. Quando, a pessoa*

tem vontade numa coisa. Quando ele brinca pela primeira vez. Ele não quer mais afrouxar aquilo ali de mão”.

Acredito que essa energia incansável que uma criança tem quando está brincando, seja de reisado ou de outras brincadeiras populares, os Mestres que brincam e que fazem o Mateus em seus Reisados, de alguma maneira conseguem alimentar essa força ao ponto que essa alegria não se esvai. Eles simplesmente vão se alimentando de muitos outros elementos para não deixar essa energia sumir.

Quero aproveitar para citar a fala do Mestre Marcos do reisado Nossa Senhora da Saúde de Fortaleza Ceará. Eu o perguntei em uma de nossas conversas sobre o Mateus e ele falou:

É assim, há uma diversidade sendo o mesmo personagem, há uma diversidade da pessoa, de pessoas assim que faz o papel de Mateus, e que encarna esse personagem. o personagem em si, é a gente. eu sou uma coisa e ele é outra, assim ele é totalmente diferente. Há uma diferença muito grande, porque o Mateus ele é irresponsável, responsável, brincalhão, ele é dançarino, é ator, é tudo, cantor, é tudo. ele toma conta do reisado, um dos principais que toma conta do reisado.

Aqui é o Mestre. Reforço as múltiplas habilidades que o brincante tem em desempenhar o brincar no reisado.

A todo instante, durante nossas conversas, eu sempre sentia em sua fala muito afeto quando falava da sua trajetória, como tudo começou e como ele se tornou Mateus. O Mestre fala de forma muito afetuosa do seu Mateus e, principalmente, da grande responsabilidade que seu personagem tem com o Reisado: o de protetor, como aquele que zela, e mais que isso, como a coluna do reisado. O alicerce que sustenta.

Mas o Mateus, na roda, tem ainda outras atribuições. É ele um dos principais responsáveis, junto com o Mestre (ou Capitão), pela organização da brincadeira. Explica Miguel, Mateus de Reis de Congo, no Cariri cearense: “O Mateus é uma pessoa de segurança, que a Delegacia de Polícia, a Delegacia de Ensino, a Secretaria de Segurança tem a maior firmeza no Mateus do Reisado. Porque o Mateus do Reisado é aqui a pessoa da responsabilidade, de se responsabilizar por todas as espadas dentro do Reisado (BARROSO, 2019, p. 147).

Penso que, quando ele fala dessa grande importância que esse personagem tem, ele não está anulando os demais personagens e brincantes que fazem parte da brincadeira, pelo contrário, eu percebo que ele fala dessa forma por que ele, enquanto Mestre do Reisado e brincante, que está à frente do cortejo, guiando e tendo essa visão prévia do que está à frente.

Antes e durante o espetáculo, as atribuições do Mateus são muitas: reunir as figuras na casa do Mestre (ou em outra casa que sirva de ‘sede’ ao Reisado), sair na frente

pelo caminho até o local da apresentação, cantando toadas, fazendo graça e anunciando o espetáculo, pedir ao dono da casa para abrir a porta, por meio de rezas, varrer e aguar o terreiro, parodiar todas as loas, orações, embaixadas, combates e danças do Reisado, disputar o trono do Rei, ‘mexer’ com a plateia, rezar no rosário, fazer entrar os entremeios, enfim, cumprir e descumprir as ordens do Mestre (BARROSO, 2019, p. 147).

Durante as conversas que tivemos, ele sempre falava dos demais, colocando-os como peças importantes do seu reisado. Oswald Barroso, em seu livro *Reis de Congo*, Reforça essa força e carisma que o Mateus tem junto com o público. Partindo dessa fala do mestre, Oswald em seu livro, enfatiza que:

O Mateus representa o mundo invertido. Parodia com galhofa todos os rituais, sejam religiosos ou guerreiros, do Reisado. Senta-se no trono do Rei. Ao contrário das demais figuras que seguem cegamente as ordens do Mestre e têm um lugar fixo na articulação espacial do Reisado, o Mateus goza de total liberdade de movimentos para representar seu papel e interferir na função. Pilheria e brinca com a plateia (o que é interdito ao restante do figural). É a alegria do Reisado. Aboia e dá gaitadas a todo momento. Como disse Zuza Cordeiro: “Os Mateus são a baliza do Reisado, seus pés e sua cabeceira.” Seus gestos são ágeis, quase acrobáticos, sua voz nunca é natural (quotidiana), movimenta-se com desenvoltura por todo o espaço de encenação. Mais que dionisíaco, é um personagem grotesco (BARROSO, 2021, p. 116).

A partir das conversas com os mestres e estudos sobre o Mateus, identifico que, apesar de cada brincante poder agregar traços singulares ao seu modo de brincar ao Mateus, as principais características atribuídas a ele são: movimentos ágeis, o corpo em prontidão, pensamento rápido, domínio com o público, atento às possibilidades do improviso, liberdade para interagir com todas as personagens, uma forte presença cênica, habilidades com instrumento musical, uma memória capaz de guardar inúmeras peças cantadas (música) etc.

Destaco ainda, conforme aponta Barroso (2013), que a transmissão desses saberes a partir da observação direta e da oralidade, a qual muitas vezes só é adquirida por meio dessa vivência diária que se tem com o mentor, no caso o mestre da cultura popular, é possível trazer uma releitura, fazer uma tentativa de uma representação desse personagem partindo de pesquisas e estudos não sejam suficientes para tentar trazer minimamente esse corpo que brinca, que traz uma ancestralidade, que traz uma história de vida. E se acionássemos nossas memórias adormecidas por meio desse brincar que é o reisado e nos levássemos para o tempo que éramos crianças? E que tal se você voltasse para o quintal do seu brincar?

3 DE VOLTA AO QUINTAL DO MEU BRINCAR

Agora, vamos entrar no quintal do brincar que faz parte da infância. Conhecer algumas brincadeiras que nos levam para vários mundos. Eu consigo lembrar do meu coração transbordando de euforia e alegria, pelo simples ato de correr para não ser pego no pega-pega. Uma sensação de medo misturado à alegria e agitação que levava meu coração ao êxtase. Vamos deixar nossas memórias da infância florescerem por meio das brincadeiras?

Música: Reisado Nossa Senhora da Saúde – Mestre Marcos
 Ô meu Jesus, vós que sois tão poderoso 2x
 Nos defendei, nos guiai num bom caminho 2x
 Essa cora que levamos na cabeça 2x
 É uma coroa de setenta e dois espinhos 2x
 Eita reisado

Foi quando eu vi o reisado e o Mateus que me fizeram acionar lembranças de quando criança. Momentos quando eu pulava elástico ou corda para simplesmente suar, ficar com respiração ofegante, com as pernas trêmulas, mas mesmo o cansaço querendo ocupar meu corpo, de alguma maneira eu não o deixava se instalar em mim. Ei, vamos pular corda?

Música: Um homem bateu em minha porta
 Cantava quando criança

Um homem bateu em minha porta
 E eu abri
 Senhoras e senhores
 Põe a mão no chão
 Senhoras e senhores
 Pulem em um pé só
 Senhoras e senhores
 Deem uma rodadinha
 E vá pro olho da rua

Quando escuto essa música ou vejo uma cena de crianças brincando de pular corda, eu começo a transbordar de memórias afetivas. É como se eu não estivesse mais no tempo presente. Eu me transporto para o quintal da casa da minha Tia Mazé, irmã do meu pai, José Airton. Eu sempre ia às sextas-feiras e ficava na casa dela até o domingo. E pode ter certeza de uma coisa: nós passávamos o dia todo brincando. “Não existe impossibilidade na brincadeira. Ela é a própria possibilidade de se performar o mundo. Toda a possibilidade. Toda uma palheta da virtualidade procurando corpos na matéria. O brincar intensifica a potência do corpo” (ALMEIDA, 2020, p. 28).

Você também acha que na brincadeira não existe impossibilidade? A gente viaja entre mundos, seres, tempos, idades... num instante? O ato de brincar nos desloca e torna lúdico o aqui e agora?

Uma dessas brincadeiras era de pular corda. Pegávamos uma corda grande, feita de um material semelhante ao da linha nylon. Eu, meu primo Jociano e minha prima Jociana, passávamos um bom tempo brincando com ela. O grande desafio era exatamente pular, cantar e, de acordo com os comandos da letra da música, íamos executando as tarefas e quem conseguisse ir até o final, vencia.

Do salto da corda, vamos agora para outro tempo. O ano era 2021. Durante algumas noites houve uns encontros com alguns Mestres da Cultura no canal do IFCE²³, com o seguinte título: *Encontro de saberes do IFCE-Fortaleza*. A professora Lourdes Macena, havia feito o convite aos alunos para participarem desse evento. Foram momentos que os mestres e mestras transmitiam seus saberes e afeto que levam em seu coração.

Foram nessas conversas que outras memórias afetivas do brincar foram acionadas. Com as falas da Mestra Ana e dramista²⁴ de Tianguá/CE e o Mestre Raimundo, do Reisado dos irmãos que, mais uma vez, tive a sensação de voltar ao passado de quando era criança.

Era uma noite de novembro de 2021, quando a mestra começou a falar sobre sua história, como ela vivia, as dificuldades que passava e que ainda passa, mas que não se vê parando de levar suas histórias, dramas e músicas para alegrar o coração das pessoas.

Perceber que, mesmo com tantos percalços, com tantas dificuldades e limitações que ainda existe em sua vida, ela mostrava muito afeto, amor, carinho, cuidado e, principalmente, a alegria de querer simplesmente viver e de maneira feliz, alegre e sorrir para os problemas que aparecem na vida. Essa atitude, me remeteu à lembrança da minha avó, principalmente quando ela chamava seus netos para contar a história de como ela se tornou uma rezadeira, quem a inspirou. Ouvir a Mestra, me transportou para esse momento da minha vida.

²³ Links: <https://www.youtube.com/watch?v=iMNdzp542RI> e <https://www.youtube.com/watch?v=Rwrr8e2ALTQ>.

²⁴ “Mulher dramista é aquela que se propõe a participar de um drama. Os dramas envolvem cantos, danças e interpretação dos textos criados exclusivamente para este fim, podendo ter o acompanhamento musical, por homens e mulheres, através de violão, sanfona, pandeiro, zabumba e triângulo. As dramistas possuem indumentária característica para suas apresentações, destacando-se pela elegância e adornos dos vestidos, sendo complementadas com adereços de cabeça (tiaras, véus, coroas etc.) e de mão. Para efeito deste edital, as temáticas apresentadas pelas dramistas devem contemplar peças tradicionais relacionadas ao ciclo do Natal” (PONTES, 2013, p. 102).
Fonte: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/Dramas/Tiangua/RELATOS%20ORAIS%20DE%20MULHERES%20DRAMISTAS%20E%20A%20ARTE%20DE%20REPRESENTAR.pdf>.



Figura 19 - Aniversário de 5 anos-Arquivo pessoal do pesquisador (1991)²⁵.

Naquele momento, a saudade apertou o coração. Recordei de momentos que tive com a minha avó, a dona Maria. Essa lembrança é exatamente sobre os tijolinhos que ela fazia. Para quem não conhece, o tijolinho é a famosa cocada, mas que eu conheço como tijolinho.

Nossa, era incrível! Porque até hoje não comi um tijolinho como o da minha avó. O seu preparo era da seguinte forma: primeiro, ela mesmo descascava o coco com uma foice ou enxada. Depois quebrava com um ferro que ela usava para pisar pimenta com alho no pilão. Em seguida, colocava a água de coco numa vasilha de alumínio.

Ela pegava e perguntava se eu queria aquela água. Eu respondia que sim. Ela pegava uma cadeira de madeira, o ralador, colocava o ralador no banco, sentava-se em cima dele, prendia uma bacia entre as pernas, próximo das batatas das pernas (panturrilhas) e começa a ralar. E ralava, ralava, ralava todo o coco. Deixava quase sem nada. Só para depois perguntar se eu queria aquela quenga quase sem coco. Eu respondia rapidamente que sim.

²⁵ Na foto está meu avó Oscar e minha avó Maria. Aniversário de cinco anos de idade.

Finalmente ela tinha terminado de ralar todos os cocos. Após isso, ela colocava dentro da panela grande de cerâmica todo o coco. Pegava o açúcar e colocava bastante, muito mesmo. Assim, com uma colher de pau, ela misturava todo o açúcar e coco que tinha dentro da panela.

Era chegando a tão aguardada hora de montar o tijolinho. Havia umas bodegas perto da sua casa que vendiam formas de madeira. Elas tinham um aspecto de escada (cavalete). Com uma colher, ela pegava uma pequena porção e ia colocando nos espaços vazios das formas. Preenchia tudo. Depois de um tempo, já morno, ela desenformava e colocava todos em uma bacia de alumínio. Eu ficava tão ansioso que não esperava ela me oferecer. Pedia logo.

A Mestra Ana me fez lembrar, também, de uma de muitas brincadeiras que eu gostava de brincar. O que eu utilizava para construir esse brinquedo, eram as quengas que a minha avó me dava quando terminava de ralar o coco. Eu, meus primos e amigos da época da minha infância, usávamos as quengas para fazer pernas de cavalos. Esse brinquedo lembra muito as pernas de paus que são usadas nas artes circenses. Eu procurava uns punhos de rede na casa da minha mãe e, quando não tinha lá, eu ia pedir à minha avó.

Ela geralmente tinha guardado, pois quando uma rede não dava mais para ser utilizada, ela tirava os punhos para fazer um varal e com o resto da rede fazia pano de chão. Com os punhos, eu aproveitava para fixar nas quengas, fazendo um furo em cada uma. Passa o punho pelo furo e fazia um nó por dentro para prender o punho. Pronto, já estava feito! Era chegada a hora da competição. Corrida de perna de cavalo. E você quer entrar nessa brincadeira?

Na continuidade deste capítulo, abordamos algumas lembranças de infância e reflexões conceituais sobre o brincar.

3.1 O brincar em mim

Mateus, se eu pudesse te contar das inúmeras vezes que, quando criança, meu corpo brincou. Nossa, uma das sensações que viria à minha mente, seria o fôlego que não me faltava. Quando corria, parecia que minha energia corpórea era ilimitada. O coração parecia que iria sair pela boca. Mas eu não estava nem um pouco preocupado. Acho que não me importava se, de repente, eu fosse desmaiar de tão cansado. Essa correria toda que estou te falando se refere àquelas brincadeiras de correr. Pega-pegas, bandeirante, sete pecados, dentre outras.

Sabe o que é bandeirante, Mateus? É uma brincadeira que eu costumava brincar com meus colegas da escola e meus amigos e primos. Funcionava da seguinte maneira: eram formados dois grupos, ambos com a mesma quantidade de integrantes. Era feito a escolha de

um local, geralmente um espaço amplo. Depois dividíamos esse local em duas partes. Cada grupo ocuparia uma parte do espaço.

Em cada extremidade, teria uma bandeira que representaria cada grupo. Quero salientar que nossa bandeira não era bem uma bandeira, mais sim uma chinela. O grande desafio era pegar a bandeira do adversário e levá-la para o seu grupo. Porém, se você fosse tocado pelo seu rival, ficava parado como uma estátua. Só poderia continuar correndo se algum dos seus companheiros lhe tocasse.

A sede pela brincadeira era tão grande que, mesmo depois de chegar da escola, a criança toda do local onde eu morava com meus pais, todo mundo se reunia cedinho da noite e já formavam os dois grupos que iriam competir no bandeirante. Acabei de lembrar que não tinha essa de correr com sapato ou tênis. Pelo contrário, ficávamos de pés descalços. Era tanta areia onde brincávamos, que não importava se ia fazer muita poeira ou se iríamos ficar sujos. Isso não importava.

Eu simplesmente não conseguia sentir o cansaço, o suor, a respiração ofegante, as pernas trêmulas, o coração que quase saltava pela boca. Nada disso me cansava, pelo contrário, parecia até mesmo que, quanto mais eu gastava energia, mais as baterias do meu corpo recarregavam e essa vontade de brincar parecia que nunca ia acabar. O importante era jogar.



Figura 20 – Foto do acervo pessoal – Quintal da casa dos meus avós maternos²⁶.

²⁶ Esse é o quintal dos meus avós maternos. Neste local, era onde geralmente eu brincava com meus primos e amigos. O espaço era tão grande que dava para fazer tantas coisas. As brincadeiras eram as mais diversas possíveis:



Figura 21 – Foto do acervo pessoal – Frente de um clube de festas que também fica perto da casa dos meus pais²⁷.

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana” (HUIZINGA, 2000, p. 33).

Partindo dessas premissas que o jogo traz, segundo Huizinga (2000), onde se estabelecem regras que precisam ser seguidas. Escolher um espaço para ser ocupado e que possa suprir as necessidades que o jogo pede. Eu lembro claramente desse sentimento de tensão que o autor fala. Era angustiante. A sensação de não saber o que fazer. Procurava meios para reverter o jogo. Nossa, eu ficava muito tenso! Vamos voltar para o jogo de bandeirante. Vou citar duas situações em que eu me encontrava tenso e alegre.

Situação I: o meu grupo de maneira imprudente, impulsiva, não pensavam em estratégias para conseguir pegar a bandeira de maneira segura. Pelo contrário, simplesmente iam e, conseqüentemente, haviam momentos que estava sozinho tentando proteger a bandeira. Mais como fazia sozinho? Embora tivessem alguns participantes petrificados por tentarem pegar a nossa bandeira. Eles estavam em vantagem. Então, sim, eu ficava desesperado. Olhava

Bila no buraco, sete pecados, bandeirante, pega-pega, bandido e ladrão, João a trepa, solta arraia e muitas outras. Era um terreiro onde tudo era possível.

²⁷ O dia que ganhei e comecei a andar numa bicicleta maior que meu tamanho. Foi uma aventura. Um misto de alegria e medo, porém com muita diversão.

para todos os lados e, por todo canto, tinha alguém já dentro do nosso espaço. Estavam só esperando a oportunidade certa para pegar a bandeira e acabavam vencendo.

Situação II: o que mais causava a sensação de alegria, não era o simples fato de vencer. Ganhar o jogo sempre sem sombra de dúvida, é sempre bom. Mas imagina vencer uma brincadeira a qual o nível está lá no alto. Quase que impossível. Ou melhor, ninguém imaginava que isso poderia acontecer. Pois bem, quando iniciávamos a competição, não sei bem como, mas haviam situações que eu já tinha pegado a bandeira do adversário e já estava junto com os meus companheiros, gritando e comemorando a nossa vitória. Confesso que não sei de onde tirava tanta audácia e coragem, mas dava certo. Algumas vezes.

Eram exatamente momentos como esse, Mateus, em que eu sentia a leveza de se sentir presente em uma sensação de profunda alegria e, ao mesmo tempo, de tranquilidade e paz. Quando brincava, eu não me preocupava com o tempo. Ah, o tempo! Quando a gente menos percebe, ele já tem passado. Então, era mais ou menos isso, eu não notava o tempo passar. Era como se não existisse, porque a brincadeira nos envolve de maneira imersiva e por todas as portas da percepção.

Eu queria simplesmente aproveitar a situação, viver de maneira intensa aquele momento, sem pensar quando iria acabar. Era só diversão. Eu lá queria saber se estava perto da hora do lanche, do almoço, de tomar banho, de jantar, de ir dormir. Se o recreio tinha acabado. Você consegue entender, Mateus? Eu apenas queria brincar, brincar e brincar. Era algo extraordinário.



Figura 22 – Foto do acervo pessoal – Parte externa da escola que estudei da segunda série a quarta série. Neste mesmo lugar era onde brincávamos de bandeirante²⁸.

²⁸ Nesta foto, estão duas amigas da época da segunda à quinta série e minha professora de matemática. O local que estamos é, exatamente, a parte externa da escola que estudava. Ela se chama Escola de Ensino Municipal de Ensino Fundamental da Cerâmica. A Cerâmica recebe esse nome, pois na região tinha, e ainda tem, muitas cerâmicas, indústrias que fabricam telhas e tijolos. Porém, ela era vizinha de uma cerâmica. Neste espaço que era livre, era sagrado toda tarde ou manhã, assim que tocasse o sinal para o recreio. Nossa! Todos da sala saíam correndo para começar a brincar de bandeirante. Detalhe: já saíamos com as duas equipes formadas para não perder tempo.



Figura 23 – Foto do acervo pessoal – Parte externa da frente da casa dos meus avós maternos. No lado esquerdo da fotografia, era onde brincávamos também de bandeirante e outras brincadeiras²⁹.

Meu amigo Mateus, você não tem ideia de como eu ficava quando a sirene da escola tocava para o recreio. O meu corpo já começava a dar sinais de euforia, agitação, transpirava, sentia ferver os pés. Era chegada finalmente a hora. Eu nem conseguia acreditar, era uma correria, uma pressa, parecia que o mundo ia acabar. Chegou finalmente a hora de brincar de bandeirantes.

Todavia, conforme já salientamos, esta consciência do fato de “só fazer de conta” no jogo não impede de modo algum que ele se processe com a maior seriedade, com um enlevo e um entusiasmo que chegam ao arrebatamento e, pelo menos temporariamente, tiram todo o significado da palavra “só” da frase acima. Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. O contraste entre jogo e seriedade é sempre fluido. A inferioridade do jogo é sempre compensada pela correspondente superioridade de sua seriedade. O jogo se torna seriedade e a seriedade, jogo (HUIZINGA, 2000, p. 11).

Meu Deus do céu, era tanta poeira, o sol escaldante, muito suor, joelho machucado, calo nos pés. Mas você pensa que isso era um problema? Jamais! Isso era combustível para não parar de brincar, e olha que o tempo realmente passava despercebido. Quando eu ia ver, já tinha terminado. Eu já planejava quem iria fazer parte do meu grupo no dia seguinte. Essa era apenas

²⁹ Essa foto é da frente da casa da minha Vó Maria. Ela tinha uma bodega com meu Avô Oscar. E era nessa mesma casa que ela recebia pessoas à procura de cura. Ela era rezadeira. Na parte direita da foto, se pode notar uma casa. Era a casa dos meus pais e que, ainda hoje, continua sendo no mesmo local. O que mudou foi que ela deixou de ser uma casa de taipa. Na mesma foto se pode observar no lado esquerdo, ficava uma parte do terreno do meu avô Oscar. Neste local brincávamos de “eu sou pobre de marré” e inclusive com as quengas que fazíamos como se fosse perna de cavalo.

uma das muitas brincadeiras que vivi em minha infância e que muito me ajudou nessa questão de trabalhar em grupo, pensar em estratégias e como executá-las.

Eu diria que meu corpo vivenciou brincadeiras que proporcionaram uma experiência de me perceber no mundo. Notar os limites que meu corpo poderia atingir. Claro que isso acontecia de maneira inconsciente, pois não tinha referências teóricas para tentar explicar a potencialidade expressiva que meu corpo poderia atingir simplesmente brincando.

Cadê o grilo, João-trepa, esconde-esconde, pega-pega, João-ajuda, cobra-cega, gato mia, carimba, passa-anel, pião, bila no buraco, bila no triângulo, cabo de guerra, vivo ou morto, trava-línguas, pular-corda, pular-elástico, brincar de casinha, eu sou pobre de marré, cavalinho de carnaubeira, pé de cavalo de quenga, brincar de mucunã. Essas são algumas brincadeiras que fizeram parte do meu quintal. Cada uma delas tinham regras para serem seguidas. Muitas das vezes usar a imaginação para entrar no jogo. Huizinga fala de algumas características do jogo:

Chegamos, assim, à primeira das características fundamentais do jogo: o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade. Uma segunda característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Toda criança sabe perfeitamente quando está “só fazendo de conta” ou quando está “só brincando”. A seguinte história, que me foi contada pelo pai de um menino, constitui um excelente exemplo de como essa consciência está profundamente enraizada no espírito das crianças. O pai foi encontrar seu filhinho de quatro anos brincando “de trenzinho” na frente de uma fila de cadeiras (HUIZINGA, 2000, p. 11).

Eu penso, durante toda a minha infância. Despretensiosamente e sem nenhuma intenção, eu estava ali, trabalhando várias possibilidades de estimular o meu corpo. Em cada uma dessas brincadeiras citadas, nelas eu exercitava a percepção do espaço que ocupava, o trabalho coletivo, estratégias para o jogo, a prontidão corporal, a reflexão acerca do convívio social, a sensibilidade de perceber o outro.

Durante todo esse período da minha infância, eu estava me permitindo a passar por um processo de treino corporal que nem sequer imaginava que serviria para minha vida e para a prática do teatro e da educação. Isso tudo de maneira inconsciente, espontânea e impulsiva. Quero salientar que o ato de brincar, mesmo com os meus trinta e cinco anos de idade, quando me vejo em uma situação que vou relembrar essas vivências, sinto algo que não consigo de fato descrever com exatidão, mas sinto uma energia de liberdade, de estar livre e não pensar no amanhã, no que vai acontecer daqui a algumas horas, eu simplesmente me permito a viver aquela memória corpórea que foi ativada. Eu diria mais, a sensação de ser transportado para aquela época, onde eu pude viver de forma intensa e sem medo de ser julgado.

Confesso que viver nesse mundo do encantamento, do lúdico, onde a criatividade era constantemente estimulada, pois não se tinha muito. Eu tinha que construir, muitas vezes, meus próprios brinquedos. Perto da minha casa tinha carnaubeiras. Uma árvore que lembra um pouco um pé de coqueiro. Então, era a partir da sua folha que construí um cavalo e com ele criar uma história cheia de aventuras e perigos.

O ato de brincar, esse mergulho na ludicidade, é algo inerente à condição humana e se mostra presente mesmo em contextos sociais de muita vulnerabilidade. O trabalho *Jogos Infantis* do artista belga radicado no México, Francis Alys, é um comovente registro em vídeo de crianças brincando. Os locais que foram feitos os registros, eram cidades, aldeias ou zonas de guerra. Ele notou que as regras de algumas brincadeiras se repetem de um país para outro. Ele cita as seguintes: cadeira musical, pipa, bolinha de gude, castelos de areia, pedra-papel-tesoura. Ainda fala sobre o protagonismo da criança que está brincando.



Foto: Children's Games, 1999. Francis Alys.



Foto: Reel-Unreel, 2011. Francis Alys.

A criança que, em sua imaginação, encontra inúmeras possibilidades de construir histórias. Imagina você conseguir transformar um espaço devastado pelo medo e morte que a guerra consegue trazer. Francis Alys traz a imagem de uma criança do Afeganistão que brincava com um pneu de bicicleta e uma vara. Eu fiquei lembrando quando também brincava com esses mesmos instrumentos.

Ele detalha que as crianças investiam tanta energia de maneira gratuita e sem nenhum retorno aparente. A não ser a alegria que sentiam em simplesmente mover o pneu com a vara. Eu me lembro como se fosse ontem. Eu brincando com um pneu de bicicleta. A energia era ilimitada e o coração transbordava de felicidade. Isso tudo com simples objetos. O que simplesmente acontecia que o ato de ver eu conseguir fazer um pneu girar com apenas um graveto e, mesmo assim, não cair.

O grande desafio era tentar acompanhar a velocidade do pneu, pois quanto mais eu usava o graveto para dar impulso, mais ele acelerava. Chegava em um determinado momento que as pernas não conseguiam acompanhar e, aí, o que me restava era parar e ver o pneu seguir o seu rumo. Depois, ele perdia velocidade e caía.

Partindo dessas imagens, outro brinquedo que costumava fazer era cavalinho de folha de carnaúba. Como não tinha coragem de montar um cavalo de verdade, eu criava o meu próprio. Onde eu morava com meus pais, tinha bastante carnaubeiras. Eu pedia ao meu pai para trazer umas folhas de carnaubeira. Depois ele tirava os espinhos que ficavam na lateral da folha e o restante eu fazia. O cabresto era feito com punho de rede. Quando terminava, era só aventura. Desbravar os lugares mais perigosos com o meu cavalo.



Figura 24 – Foto do acervo pessoal – Próximo da Lagoa do Camará – Aquiraz.



Figura 25 – Foto do acervo pessoal – Lagoa do Camará – Aquiraz³⁰.

³⁰ As fotos desses registros foram feitas no dia 14 de maio de 2023. Camará é um distrito do município brasileiro de Aquiraz, no litoral oeste da Região Metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará. Mais especificamente, essa imagem se trata da Lagoa do Camará, que fica próxima da casa dos meus pais. Lá, eu ia com meus amigos, primos e meus pais tomar banho. Foi onde aprendi a nadar. Como estava precisando das folhas da carnaúba para fazer o cavalinho, aproveitei para dar uma parada e procurar algumas folhas.



Figura 26 – Foto do acervo pessoal – Lagoa do Camará – Aquiraz



Figura 27 – Foto do acervo pessoal – Lagoa do Camará – Aquiraz.



Figura 28 – Foto Fazenda brilho do mar.

Voltando à brincadeira de pular corda, do início de nossa conversa, imagina só: você precisa pular corda e cantar ao mesmo tempo. Detalhe: não era uma simples música. Sua letra dava coordenadas de como deveria pular. Ponha a mão no chão. Pule com um pé só. Dê uma

rodadinha e vá pro olho da rua. E, a cada etapa que se passava, a velocidade da corda e da música aumentava. Isso possibilitava trabalhar a precisão e prontidão de ficar atento ao movimento da corda e pular no exato momento que ela toca o chão e, assim, garantir a permanência no jogo.

A brincadeira ficava mais interessante e desafiadora. Isso só acontecia, porque colocava-se uma canção e, com ela, vinham mais obstáculos. Então, eu não podia baixar a guarda, o meu corpo precisava estar pronto para executar cada desafio lançado pela música. E a bila no buraco? Exigia muita concentração, atenção, para usar com sabedoria a quantidade exata de força que deveria para conseguir colocar a bila no buraco. Do contrário, poderia perder e sair do jogo.

Ainda hoje, quando percebo que estou em uma roda de brincadeiras, a minha memória corporal transporta-me para esse lugar de leveza, risos, despreocupação, alegria, coletividade, espontaneidade, imaginação, onde eu posso simplesmente viver sem pensar em meus problemas, minhas frustrações. Eu apenas brinco.

Brincar é um ato de estar, esquecer, viver, lembrar, ressignificar, sonhar, imaginar, lutar, resistir e se divertir. As memórias afetivas relacionadas ao ato de brincar. Um brincar que traz lembranças de um dia em que se vivia de forma despreziosamente, apenas com um único propósito: o de se divertir, aproveitar o momento ou simplesmente brincar.

3.2 O jogo vai começar. Corre que vai começar a brincadeira. É um, é dois e meio, é 3 e já! Noções de jogo

Vamos começar essa brincadeira? Quem quer jogar? O pesquisador e artista da cena Gil Roberto (2020), em sua pesquisa, me fez pensar sobre esse lugar, onde o pequeno (criança) se torna gigante, onde um mero objeto que, aparentemente não serviria para nada, ocupa o espaço com potência e uma grande energia transborda de um corpo carregado de vontade de brincar. Ele ainda fala do espaço onde ausência de objetos prontos possibilitam a construção de um universo ou um mundo.

Acabei de lembrar que o pequenino Edgleison costumava construir, em sua casa, muitos brinquedos. Um deles, feito com garrafa de plástico de refrigerante. Não sei bem como eu pensava na construção. Possivelmente, eu aprendi na escola, mas não lembro com exatidão. Outro material que usava era um pedaço de barbante. Eu procurava por toda a casa da minha mãe para tentar encontrar essas garrafas.

Quando não encontrava, ia direto aperrear a minha Vó Maria. Ela, geralmente tinha, pois ela e meu Vô Oscar tinham uma bodega. A construção do brinquedo é da seguinte forma: com duas garrafas vazias, cortava as duas ao meio. A parte onde fica a tampa seria utilizada. Com uma fita adesiva, juntava as duas metades. O seu formato lembra vagamente um balão junino. Depois, dividia o barbante em dois pedaços e passava por dentro da garrafa. Deixava dos dois lados onde ficava a tampa da garrafa, os barbantes. Dava um nó em cada ponta e, depois, era só brincar. Eu estou me referindo ao brinquedo do vai-vem.



Figura 29 – Foto do acervo pessoal – Bodega da minha Avó Maria e do meu Avô Oscar³¹.

Continuando com as reflexões propostas por Gil Roberto (2020), o brincar dá movimento à vida, faz o mundo girar, nos leva às inúmeras possibilidades de visitarmos os mais diversos mundos. O ato de errar, se torna uma ferramenta para experimentar a descoberta do novo, do inesperado. Os caminhos construídos com as inúmeras possibilidades de brincar com os restos dos retalhos, com o que iria para o lixo. Uma inocência que nos leva para caminhos de constantes recomeços, na qual, se permitir estar fora de si, nos leva para uma criação de novos olhares, de um novo tempo, de outros meios de criar. A presença da repetição que sempre é nova, que traz algo novo.

³¹ Essa era a Botega da minha Avó Maria e Avó Oscar. Era lá que eu conseguia comer “besteira” (doces, xilitos, bolinhos etc.) Era lá, também, que eu conseguia algum material para construir algum brinquedo. Por exemplo, a garrafa de plástico.



Figura 30 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.

Segundo Gil Roberto (2020), quando o brincar faz com que a criança crie, recrie e construa, desconstrua e construa novamente. Assim, fazem surgir espaços criados e preenchidos por elas mesmas. Esses lugares que pouco são vistos por pessoas (adultos), dessa forma, uma outra realidade surge. No brincar, não há limites, amarras, repressões e delimitações. A ação de brincar é uma vastidão de incalculáveis possibilidades de transformações e retransformações. É um infinito de meios para intensificar a potencialidade corpórea, pois a brincadeira busca incansavelmente um corpo para viajar ao tempo em que se configura como real, pois ele é um fragmento do consciente.

Seguindo seu pensamento, quanto mais criança, mais iremos aguçar a curiosidade de experimentar, de descobrir e redescobrir os mais diversos mundos que podemos surgir partindo da construção imagética de uma brincadeira. Esse pode ser um caminho que leva o corpo a se perder, tropeçar ou simplesmente vagar nos erros e, assim, tentar entender quais os limites que o corpo pode ultrapassar.

Por que a seriedade e o medo devem ser comportamentos presentes em uma relação com a ultrapassagem dos limites? Por que o tenso e denso não podem ser gelatinosos? Por que o fim não pode ou deveria ser o início? Se a limitação é uma ação contra a criação e recriação, qual o sentido dela se fazer presente no imaginário do brincar? Essas são questões que emergem ao

percorrer as reflexões de Gil Roberto (2020), embora não se mostrem como foco desta pesquisa, me pareceu um jogo estimulante compartilhá-las.



Figura 31 – Foto Paulo Sérgio – XIV Encontro Mestres do Mundo 2022³².

Seria o Mateus, esse personagem da cultura popular tradicional, o palhaço que brinca com os limites da vida, da ética, que brinca em cima dessa corda bamba e que a todo instante pode pender para um lado, para o outro ou até mesmo acabar caindo. Essa poderia ser, então, a liberdade de ultrapassar os limites que a brincadeira pode nos proporcionar? Partindo dessas questões do brincar.

Quando Huizinga fala sobre essa ocupação voluntária, isso me fez lembrar da brincadeira ou jogo dos sete pecados, hoje conhecida como a de sete passos. Ele funciona da seguinte forma: primeiro, forma-se um grupo com um número de pessoas. Não tem limite de quantidade. Em seguida, desenha um círculo no chão. Na minha época, costumávamos fazer esse desenho com um graveto e marcávamos no chão, na areia. Todos deveriam ficar dentro.

Continuando, pegávamos uma bola e fazíamos um sorteio para saber quem seria o primeiro a iniciar o jogo. Depois, a pessoa sorteada pegava a bola, jogava com toda a força para cima e falava o nome de alguém que estava no círculo. Nesse momento, todos saíam correndo de dentro para ficar o mais longe da pessoa que jogou a bola para o alto. Aquele cujo nome fosse chamado, deixava de fugir para ir pegar a bola.

Quando finalmente a bola estivesse nas mãos da pessoa anunciada, esta falava “sete pecados” e todos paravam naquele instante. O jogador que havia dado o sinal para todos pararem, iria dar sete passos, não importando a distância. Poderia ser até saltos, o que importava

³² Registro feito por Paulo Sérgio (esposo). XIV Encontro Mestres do Mundo de 2023 (semente), momento que aconteceu com as crianças e os Mestres da Cultura Tradicional Popular no jardim do Teatro do José de Alencar. Foi neste local que mergulhamos no terreiro das brincadeiras populares. Foi convidado pela Dra. Lourdes Macena para participar como facilitador.

era seguir a quantidade estabelecida. Isso serviria para ele jogar a bola na pessoa mais próxima dele. Ele jogava fortemente em direção de seu “alvo”, com o objetivo de “carimbá-la”.

Caso a bola batesse no participante e caísse no chão, esse ganha um pecado, que iam sendo somados no decorrer do jogo. Porém, se caísse no chão sem bater no participante ou o participante segurar a bola, não deixando-a encostar no chão, a pessoa que tentou carimbar receberia o pecado. Então, a pessoa que recebeu o pecado ou conseguiu se desviar, podia usar a bola para carimbar outro integrante.

Atentos para as seguintes regras:

1. Quando a bola for ser lançada para cima, todos devem estar no mesmo local.
2. Fazer uma risca ou um círculo no chão, limitando onde todos devem ficar.
3. Orientar para que todos fiquem antes da risca ou dentro do círculo.
4. Só podem correr depois que o nome da pessoa for “gritado”, antes disso, todos devem continuar em seus lugares.
5. Quem for ser carimbada, não deve retirar os pés do chão. O que é permitido é se abaixar um pouco ou fazer leves desvios.
6. No decorrer do jogo, alguém acabará acumulando um total de sete pecados, ele será levado para a parede e colocado de costas num muro para receber sete boladas.

Observação: nesse momento, os participantes vão lançar a bola em direção a quem está no muro a uma distância de sete passos da parede. Pode até parecer violento, mas isso, na minha época, era muito divertido e não havia, em nenhum momento, a intenção de machucar os nossos amigos.

Depois de explicar para os participantes como iria funcionar o jogo, era chegada a hora de repassar as regras do jogo. Isso me fez lembrar das regras que o Huizinga fala em seu livro:

O jogador que desrespeita ou ignora as regras é um “desmancha-prazeres”. Esse, porém, difere do jogador desonesto, do trapaceiro, já que o último finge jogar seriamente o jogo e aparenta reconhecer o círculo mágico. É curioso notar como os jogadores são muito mais indulgentes para com o trapaceiro do que com o desmancha-prazeres; o que se deve ao fato de este último abalar o próprio mundo do jogo. Retirando-se do jogo, denuncia o caráter relativo e frágil desse mundo no qual, temporariamente, se havia encerrado com os outros (HUIZINGA, 2000, p. 14).

Aqui, ele nos traz dois tipos de participantes que podemos encontrar no jogo. O primeiro é aquele que, por falta de atenção ou porque simplesmente ignorou as regras, acaba por atrapalhar todo o andamento. E faz com quebre a energia que está sendo instaurada no espaço. Porém, esse comportamento não é algo premeditado, isso faz com que tudo naquele momento pare para ser repassado tudo novamente e, assim, iniciar o jogo.

O segundo participante é diferente do primeiro, pois ele não foi desatento; pelo contrário, ele, em sua mente, busca nas regras formas e meios de trapacear, enganar e vencer o jogo de qualquer maneira. Isso traz uma outra energia para o espaço. Não apenas rompe com o que estava sendo criado durante o andamento, mas mostra que tem um participante que não se pode confiar, que tem um caráter duvidoso. Vale ressaltar que, quando criança, não conseguimos ver com tanta clareza essas observações. No entanto, acredito que, quando estamos na fase da adolescência, talvez isso seja mais perceptível. Quero reforçar com a citação de Huizinga sobre a importância das regras e que sua existência contribui para conceituar a definição de jogo. Segundo ele:

Por sua vez, essas regras são fator de grande importância para o conceito de jogo. Todo jogo tem suas regras. São elas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão. Uma vez, de passagem, Paul Valéry exprimiu uma ideia das mais importantes: “No que diz respeito às regras de um jogo, nenhum ceticismo é possível, pois o princípio no qual elas assentam é uma verdade apresentada como inabalável”. Sem dúvida, tão logo as regras sejam quebradas, todo o mundo do jogo entra em colapso. O jogo acaba: o apito do árbitro quebra o feitiço e a vida “real” recomeça (HUIZINGA, 2000, p. 14).

Após entrarmos nas rodas com Mateus e mestres da cultura popular tradicional e de revisitar as memórias do brincar que levo comigo. A seguir, na continuidade das reflexões, compartilho o modo como esse mergulho nas águas da memória ganhou materialização cênica ao longo de um processo de criação que resultou no experimento cênico “Quintalembando”.

4 DO QUINTAL À CENA: RELATOS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Neste capítulo III, me proponho a compartilhar aspectos importantes do processo criativo vivenciado e que resultou no experimento cênico “Quintalembando”. Esse exercício de me aproximar do próprio movimento criador, que envolve descrição e análise, tem como inspiração as proposições da pesquisadora Cecília Almeida Salles, em especial o livro *Redes da Criação* (2018). Nessa perspectiva, ao contrário de simplesmente descrever de modo cronológico as principais etapas do processo, optei por um primeiro esforço de olhar para o caminho percorrido em busca de categorias que pudessem me ajudar a nomear e sistematizar o modo como cheguei ao experimento cênico. Assim, me interessou configurar as principais etapas e como cada interação provocou movimento e transformação no processo. Acredito que essa cartografia do percurso construtivo da obra cênica seja mais produtiva para o diálogo com outros artistas, pesquisadores e professores de artes.

Vou elencar pontos que foram identificados e analisados durante a pesquisa que são: pesquisa bibliográfica, listar memórias da minha infância quando brincava, registros das primeiras experimentações cênicas, visitar a casa da minha mãe e da minha vó, o lugar onde fui criado. Encontros com meu orientador e outros pesquisadores. Realização de seminários com temas relacionados à minha pesquisa e com a participação de Mestres da Cultural. Nesse capítulo irei falar de modo geral da produção do experimento cênico que resultou em uma dramaturgia e uma apresentação no formato de audiovisual.

Antes de adentrar nos movimentos e modos de criar experimentados, gostaria de oferecer algumas informações de contexto. O início do processo criativo foi em fevereiro de 2022. Os momentos de ensaio, aberturas de processo se deram quando o Francis, meu orientador, me propôs a construir um rascunho de cena e apresentei no local Centro Cultural do Banco do Nordeste do Brasil de Fortaleza. Foi um processo criativo muitas vezes descontinuado diante das necessidades de orquestrar duas jornadas de trabalho (produtor e professor temporário com carga horária de 40 horas semanais na rede pública). Além disso, um percurso solitário, diferente de outras vivências como ator em que tinha direção, colegas de elenco e outros profissionais envolvidos. Foi nesse encontro-confronto com os fluxos da vida que o experimento “Quintalembando” foi criado. A seguir, você poderá conhecer os meus passos nessa aventura.

Movimento 01 – Pesquisa Bibliográfica: durante todo o processo que aconteceu nesse percurso, foram feitas leituras que estimularam o desenvolvimento da pesquisa e que alimentaram o exercício criativo, onde foi apresentado no capítulo I e II.

Movimento 02 – Inventariar memórias. Registros do primeiro experimento cênico: esse foi um procedimento fundamental e coluna vertebral da minha criação, o exercício de lembrar, de se provocar a lembrar, de registrar essas memórias e experimentar, criar cenas a partir delas. Foi a partir do encontro que tive com o meu orientador, que provocações foram feitas a mim. Ele havia me feito perguntas, as quais foram fundamentais para esse primeiro momento.

Para construir esse primeiro esboço, eu usei uma memória que fez a minha infância e que, até hoje, levo comigo. Foi exatamente numa disciplina da Professora Lourdes Macena no mestrado que pude reviver essa lembrança. Trata-se de quando minha avó materna, a Dona Maria. Eu, por acaso, já falei dela para você. Pois bem, eu pensei. Vou trazer para esse primeiro experimento uma brincadeira que só acontecia por causa da minha avó. Ela fazia o famoso tijolinho da região. Desse doce, que ela fazia, sempre sobrava as quengas do coco e, com elas, eu construía os pés de cavalo, que lembram as pernas de pau. Esse foi um dos elementos.

Depois, fui fazer uma pesquisa por meio de fotografias da minha avó e da minha mãe, Neuza. Só que não se tratava de simples fotografias. Eu lembrei que na época da minha infância, eu conheci um objeto que é conhecido como monóculo, no qual se colocava uma foto em um tamanho pequeno. Ele lembra uma luneta. Decidi ir até a casa da minha mãe e procurar para ver se ela ainda tinha pelo menos um com uma foto da Vó. Para minha sorte, consegui encontrar vários.

A minha mãe guarda, até hoje, um baú antigo que era da minha avó, e nele contém vários objetos dela. Foi nele que encontrei vários monóculos e estavam dentro de um pacote de arroz bastante surrado. Mas fiz questão de usar ele nesse primeiro momento. Se você observar, na figura 32, você vai notar a presença de um pacote de um quilo de arroz e alguns monóculos jogados no chão. Outros objetos que utilizei foram um banco pequeno e uma bolsa com um efeito de retalhos.



Figura 32 - Experimentos da criação.

Agora, é preciso pensar a dramaturgia desse experimento inicial. Pensei, então, em ir falar um pouco mais com o Mestre Marcos para compreender melhor a construção do personagem do Mateus e saber como foi a sua infância, pois a criação do produto estava começando a tomar forma e um detalhe que foi surgindo nesse processo, foi a presença de elementos que lembrava as brincadeiras de quando era criança. Conversamos muito e ele falou sobre o período de quando ele brincava quando criança.

Mestre Marcos falou o seguinte:

O meu pai trabalhava nos correios e sai às 4h da madrugada. E deixa bem claro que não queria que seus filhos ficassem no meio da rua, que saíssem de casa enquanto ele não chegasse do trabalho. Foi a partir disso que aprendeu a brincar dentro de casa. Brincava de bila. Soltava pião. Até que um dia um dos irmãos deles o desafiou a pular a janela da casa para brincar na rua. Eu tinha um calção de algodão que a minha irmã fazia e costurava um bolsinho. Ele servia para eu colocar as minhas bilas. Eu as pegava e colocava no bolso e acabava pulando a janela. No final o meu irmão tinha me desafiado e eu não queria mostrar que estava com medo. E vou te falar uma coisa, eu sou muito bom jogando bila. Nisso eu fiquei jogando e acabei perdendo a noção do tempo. Quando de repente tinha dado o horário do meu chegar do trabalho. Eu estava de cabeça baixa. Quando eu levantei a cabeça, eu só vi o meu chegando de bicicleta. Eu fiquei com tanto medo que ao invés de correr para dentro de casa, eu corria em direção a ele. E eu sabia que ele ia ter uma conversa séria comigo, porque eu o tinha desobedecido. Continuando. Eu passei por ele, rapaz, e as bilas caíndo eu chorando. Já estava chorando, porque sabia que ele ia ter uma conversa comigo. Eu corri por todo quarteirão e ele bem devagarinho. Ele sabia que ia para casa. Quando eu consegui chegar em casa. Passei pelo portão e fui direto para debaixo de uma mesa. Nesse momento eu já tinha perdido toda a noção do tempo.

O Pai do Mestre Marcos falou: “*Pode sair debaixo da mesa e vá lá para o quintal. Era chegada a hora de conversar. E foi uma conversa intensa e longa. Mas eu vou confessar uma coisa. Eu não senti raiva e não guardei nenhuma mágoa dele*”.



Figura 33 - Foto do acervo pessoal³³.



Figura 34 - Foto do acervo pessoal.

O roteiro, inicialmente foi criado para dar um norte na criação da dramaturgia da cena. Partindo dele, eu fui buscando meios que me ajudassem a criar o texto que seria falado em cena. Uma das coisas que usei, foi acionar memórias da minha infância por meio de fotos antigas que minha mãe, Neuza Silva de Souza, tem guardado em sua casa. Textos que fui escrevendo durante a pesquisa e áudios que gravei quando conversei com o Mestre Marcos. Eles foram essenciais para essa construção.

O meu orientador também havia indicado dois filmes que abordam as brincadeiras populares. Foram: *Território do brincar* e *Tarja branca*. Além disso, comecei a me debruçar nas fotos de quando eu era criança e dos momentos que tive com minha avó Maria.

Movimento 03 - Visitas ao passado: nesse momento, decidi fazer visitas na casa da minha mãe, visitar meu bairro, abri o baú com objetos de minha avó. Foi aqui que tive a necessidade de expor o meu corpo aos espaços, lugares e objetos que fizeram parte da minha infância e adolescência. Eu estava à procura de algo que me estimulasse e ajudasse a reconstruir as minhas lembranças. Algo que marcou muito nessas visitas que fazia à casa da minha mãe,

³³ Esse foi o dia que me encontrei com o Mestre Marcos e a Mestra Kátia para falarmos sobre como foi a infância do Mestre em relação as brincadeiras que ele brincava quando criança. Esse momento aconteceu antes do encontro com o Francis para mostrar os primeiros experimentos da cena.

foi sentir e reviver momentos que tive na minha infância, onde consegui lembrar de quando brincava, dos brinquedos que eu mesmo construía, das comidas que minha Vó Maria fazia e, principalmente, lembrar de quando tudo era possível, pois, quando eu era criança, a minha imaginação pode me levar e me transformar em qualquer coisa que eu quisesse.

Dentro do baú da minha avó, eu encontrei vários monóculos, que é um objeto que se assemelha a um binóculo, porém, de um tamanho menor e, dentro dele, é possível visualizar uma foto com uma dimensão pequena. Quando comecei a olhar um por um, muitas lembranças foram acionadas e isso fez com que eu imaginasse possibilidades de criar algo para a cena e dos objetos que poderiam ser usados. Além disso, no baú tinha algumas roupas dela, documentos antigos, imagens de santos, terços, uma rede antiga, punhos de rede e álbuns de foto.

Na criação da cena, dos objetos que fui encontrando nessas visitas, o que permaneceu em cena, foram os monóculos, o terço, os punhos de rede e fiz questão de trazer para a dramaturgia a presença da fé que minha Vó tinha e que aplicava como rezadeira. Isso faria parte do corpo cênico.

Os dias estavam passando e comecei a ter um bloqueio criativo. O prazo para qualificar estava chegando e nada acontecia. Foi, então, que pensei: preciso ir visitar minha mãe. Acredito que próximo do lugar onde fui criado, talvez conseguiria produzir. E foi o que fiz. Preparei minha mochila, a moto e fui para casa da minha.

Quando cheguei lá, guardei minha mochila, fui até minha mãe, tomei a benção e perguntei a ela onde estavam as fotos da família e as fotos da minha vó. Ela disse onde estavam e fui pegar. Era noite quando comecei a olhar os álbuns e uma sensação de nostalgia começou a tomar minha mente. Lembrei de momentos da minha infância e vivências que tive com minha avó. Fiquei emocionado e os olhos começam a marejar de lágrimas.

A minha mente começou a ferver e ideias estavam vindo. Mas como eu ia registrar isso? Eu não tinha levado notebook e nada para escrever. Então, resolvi gravar com meu celular tudo que estava pensando. Durante esse momento, não sei como, mas comecei a criar um texto. Parei de gravar o que estava pensando e fui registrar, por meio de áudio, o texto da cena. Foi incrível! A dramaturgia estava nascendo novamente.

Depois de alguns tropeços nas trilhas da criação, finalmente a dramaturgia estava nascendo. Isso mesmo. Pois bem. Fiquei feliz, pois o texto estava tomando forma. Gravei tudo e teve uma duração de 15 minutos e 45 segundos. Fui dormir com meu coração cheio de alegria e tratei logo de me organizar para, no dia seguinte, fazer a transcrição do áudio. Fui dar aula pela manhã e, mais uma vez, em meu planejamento escolar, usei para fazer isso.

O texto estava escrito e, agora, era necessário reler várias vezes para melhorar o que fosse preciso. Depois disso, outros elementos foram surgindo em cena. Resolvi trazer para cena uma panela de alumínio, pois, como na dramaturgia inicial e, até este momento, a presença do tijolinho que minha avó Mara fazia para eu comer, se manteve presente. Essa panela não era apenas uma panela. Ela ia se transformando em uma bolsa que servia para levar os outros elementos da cena. Em um outro momento da cena, ela se tornava um instrumento de percussão.

Outro objeto que utilizei, desde o início desse processo, foram as quengas, as mesmas que se transformavam em um brinquedo, passaram a se transformar na cena em um ralador de coco. Até então, não havia conseguido colocar nenhuma música. Essa minha ida para a casa da minha mãe, foi de extrema importância, pois minha mente tinha sido ativada de alguma maneira. Dentro da cena, passou a ter música e, no caso, não é apenas tocada, ela seria cantada por mim. Pronto! Já tinha algo novo e, agora, só faltava ensaiar e se preparar para apresentar na qualificação. Os ensaios, como de costume, fiz na escola, em minha casa e em outros momentos no CCBNB-Fortaleza.

Uma frase que me veio à mente foi a seguinte: “Ô Gleicin, Gleicin, Gleicin, vem aqui menino! Mas não precisa correr, não! Não corra não, para você não acabar tacando as venta no chão!”. Ela me chamava dessa forma quando não estava perto dela. Eu ainda precisava fazer mais visitas a esse lugar. Eu sentia que precisava estar onde tudo começou quando era criança.

Movimento 04 – Encontros de orientação e aberturas de processo: momentos em que eu contei com a colaboração do meu orientador no diálogo sobre a criação da cena e em que também convidei pessoas para ver e oferecer considerações. Foi muito importante para a pesquisa e para mim, esses encontros que tive. Pois, ouvir as impressões que outras pessoas tiveram quando assistiram, iriam me possibilitar enxergar o que não conseguia ver. E vou mais além. As conversas eram estimulantes e provocadoras. Eu sentia-me provocado a cada encontro, pois os relatos deixavam-me empolgado. Cada sugestão dada, fazia-me construir mais e mais o produto cênico. Foram três momentos que serão descritos nos próximos parágrafos.

Primeiro encontro: eu e o Francis tivemos o nosso primeiro encontro e conversávamos sobre os escritos que enviei para ele ler. Nisso, a pesquisa foi tomando corpo e as brincadeiras populares começaram a se fazer presentes, tanto na escrita e na criação do produto. Ele, então, pediu para eu construir um rascunho cênico. Isso mexeu comigo e a cabeça ficou a mil. Buscava ideias e nada surgia. Parecia que estava com um bloqueio. Confesso que isso estava me deixando muito inquieto. Eu comecei a perceber que já tinha alguns elementos que poderiam me ajudar a construir a obra cênica. Então, pensei em novamente me encontrar com o Mestre

Marcos para conversar sobre as brincadeiras populares que ele brincava e conversar mais sobre o reisado e o Mateus.

Depois desses encontros que eu tive com o Francis e o Mestre, finalmente consegui organizar melhor as ideias e iniciar a escrita do primeiro roteiro. Inicialmente, foi criado para dar um norte para a criação da dramaturgia da cena. Partindo dele, eu fui buscando meios que me ajudassem a criar o texto que seria encenado.

O meu coração palpitava de alegria. A obra cênica estava começando a nascer. Agora, o que precisava era ensaiar. Aproveitava os horários de planejamento da escola e me trancava no auditório da escola que trabalho, Escola Estadual de Educação Profissional Lúcia Helena Viana Ribeiro – Horizonte, Ceará. Além desses momentos que tinha, eu também reservava momentos no auditório da CCBNB-Fortaleza. E, claro, também ensaiava em minha casa.

O dia para mostrar o primeiro rascunho ao Francis, havia chegado. Neste dia, reservei o auditório no CCBNB-Fortaleza e passei a manhã toda ensaiando várias vezes. Cronometrava para ter uma noção de quanto tempo tinha a cena. Foi numa sexta-feira que nos encontramos, no dia 18 de fevereiro de 2022. Vejam os registros que foram feitos por ele:



Figura 35 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.



Figura 36 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.



Figura 37 - Experimentos.
Foto: Francis Wilker.



Figura 38 - Experimentos.
Foto: Francis Wilker.



Figura 39 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.



Figura 40 - Seminário no BNB.
Foto: Paulo Sérgio.

As duas imagens acima, foram de momentos diferentes. A foto do lado esquerdo, é do dia da apresentação da experimentação da cena que levei para o Francis. Nesse trecho, eu quis trazer uma ação de pintar o rosto, o que possivelmente poderia remeter ao rosto pintado do personagem Mateus do reisado. Durante a fala, eu ia tirando da quenga a tinta e pintava o rosto. Já na fotografia da direita, está o Mestre Marcos. Ele estava pintando o rosto em um dos momentos que estávamos conversando sobre brincadeiras e reisado. Mais adiante, irei falar desse encontro e conversas.

Uma tentativa de construir uma imagem de um menino que, no decorrer da narrativa, ele fosse se transformando em um menino Mateus que vai contando sua história de quando era criança, das brincadeiras que gostavam de brincar. Dos mundos que ele construía no quintal da

sua vó, dos brinquedos que ele mesmo criava, das danações que fazia. Na verdade, a cena estava se encaminhando para um território de memórias afetivas.



Figura 41 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.



Figura 42 - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker.



Figura 43³⁴ - Experimentos da criação.
Foto: Francis Wilker

³⁴ A sequência das três fotos, são referentes aos três arquétipos que o Francis pediu para eu fazer.

Depois que eu apresentei a cena para o Francis, ele me pediu para acionar em minhas memórias os momentos que tive encontro com o personagem Mateus do reisado. A partir disso, construí três arquétipos partindo dessas vivências que tive. Em seguida, solicitou que eu repetisse algumas vezes. Feito isso, pediu que eu criasse um texto utilizando os três tipos de ações que fez e, associado a elas, houvesse falas que remetessem às apresentações do reisado.

Depois de ser apresentado, a primeira coisa que o Francis me pediu, foi que eu escrevesse o que estava sentindo naquele momento. Conversamos sobre o que viu e conseguiu perceber. Ele me indicou caminhos para pensar sobre a cena. Fez tantas observações que nem eu mesmo tinha percebido. O que contribuiu e muito para esse processo inicialmente. Fiquei muito feliz com as anotações. Quero compartilhar com você essas anotações no meu diário de bordo.

Diário de Bordo: medo, ansiedade, alívio, falta de ar, respiração ofegante, coração a mil, corpo alerta, pernas não paravam de tremer. Sensação de corpo ficando leve, pouco perdido. Sensação de nostalgia de um período em que eu era dirigido em cena no “Curso Princípios Básico de Teatro” do José de Alencar em 2006, dirigido pelo professor e diretor João Andrade Joca. Um querido! Vontade de chorar. Entendendo cada vez mais que esse lugar da encenação é meu. Na verdade, foi um misto de sentimentos. Neste dia, eu saí do CCBNB-Fortaleza, bastante instigado a querer, cada vez mais, dar forma, corpo para essa obra cênica.

Segundo encontro: continuando os caminhos do processo criativo, Francis pediu que eu me preparasse para apresentar para ele, assim como para Ivan e Walmick, que são seus orientandos. Agora, eu precisava revisitar o primeiro texto. Fiz leituras e, durante os meus horários do planejamento na escola em que trabalho, procurava ensaiar. Foi então que começou a surgir outros elementos e o texto foi sendo atualizado.

Na cena, resolvi colocar outros elementos cênicos, como, por exemplo: sementes de olho de boi, mas quando criança conhecia como mucunã. Hoje, poderia usar como referência a brincadeira com as pedrinhas.



Figura 44 – Mucunã – Foto: Paulo Sérgio.



Figura 45 – Mucunã – Foto: Paulo Sérgio.

O jogo acontecia da seguinte forma:

1ª Etapa

1. Jogava os cinco mucunãs no chão;
2. Escolhia um deles, jogava para cima. Enquanto eu pegava um dos quatro que estavam no chão, não podia tocar nos outros. Ficava atento para esperar o que estava no alto para cair também na mesma mão que tinha pegado no chão. Repetia essa ação com todos os outros que estavam no chão.

2ª Etapa

1. Eu jogava os cinco mucunãs de novo no chão e tomava novamente um dos mucunãs que estavam no chão;
2. Agora, o jogo começa a ficar mais difícil. Eu tinha que jogar um mucunã para cima e pegava de dois em dois os que estavam no chão.

3ª Etapa

1. Eu jogava os cinco mucunãs no chão e pegava um deles;
2. A dificuldade do jogo só aumentava. Eu jogava um dos mucunãs para cima e pegava, primeiro, um dos mucunãs que estava no chão. Em seguida, eu pegaria os três, de uma só vez.

4ª Etapa

1. Eu jogava os cinco mucunãs e pegava um deles;

2. *Se você pensa que está difícil, eu vou mostrar que aumentava os obstáculos para brincar. Jogava um mucunã para cima e, enquanto ele voltava, pegava os quatro de uma só vez, aparando de maneira rápida a primeira que havia jogado para cima.*

Essa era uma das muitas maneiras que brincavam eu e meus amigos. Nossa! Sempre procurávamos outras formas para tornar cada vez mais difícil. Isso tornava a brincadeira cada vez mais interessante e desafiadora. Vamos brincar de mucunã? Ah, mas vamos deixar para depois. Continuando sobre o texto para ser encenado. Além disso, resolvi colocar uma boneca de pano pequena sentada em uma cadeira de balanço. O novo texto estava pronto.

Agora, era preciso intensificar os ensaios. Buscar entender melhor a presença desses novos elementos em cena e torná-los orgânicos cênicos. Era chegado o dia. Marcamos de nos encontrarmos no auditório do CCBNB- Fortaleza. Eu iria apresentar a cena para o Francis, o meu orientador, e os dois orientandos dele, Ivan e Walmik. Confesso que estava muito nervoso e meio inseguro.

Após a apresentação, fizemos uma roda de conversa, onde eles falaram suas impressões da cena. Os dois orientandos do Francis fizeram seus apontamentos, eu ouvi, anotei e fiquei pensando sobre tudo. Em seguida, o Francis falou e, confesso, sua fala me deixou muito inquieto. Sai da sala refletindo muito sobre suas falas. Foi que entendi que não poderia mais deixar algumas coisas interferirem no meu processo. Agora, precisava mais do que nunca rever tudo que já tinha feito. Revisitar os experimentos anteriores e começar a produzir para apresentar a cena no dia da qualificação.

Então, procurei acessar as minhas memórias de infância, as anotações e fiz algumas vistas ao meu passado, como citei anteriormente. Agora, era preciso ensaiar. Os horários que estava disponível me dedicava à criação. Isso acontecia na escola em que trabalho, minha casa e no CCBNB-Fortaleza. Quero compartilhar com você alguns registros fotográficos.



Figura 46 - Foto: Rosangela (Rô).



Figura 47 - Foto: Rosangela (Rô).



Figura 48 - Foto: Rosangela



Figura 49 - Foto: Rosangela



Figura 50 - Foto: Rosangela.



Figura 51 - Foto: Rosangela



Figura 52 – Foto: Rosangela.



Figura 53 - Foto: Rosangela.

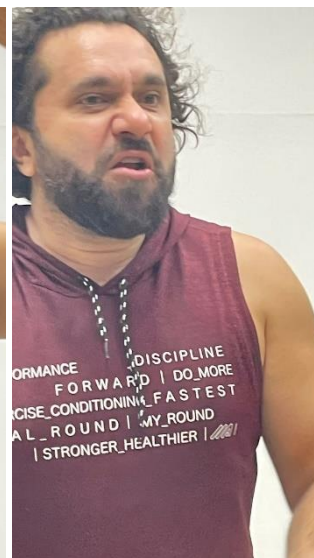
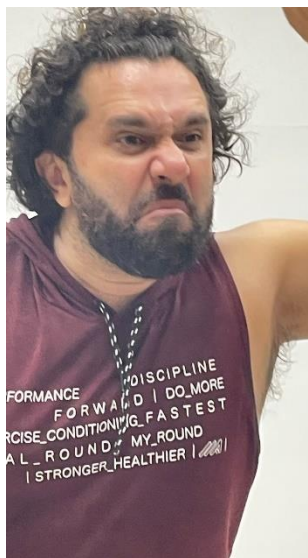
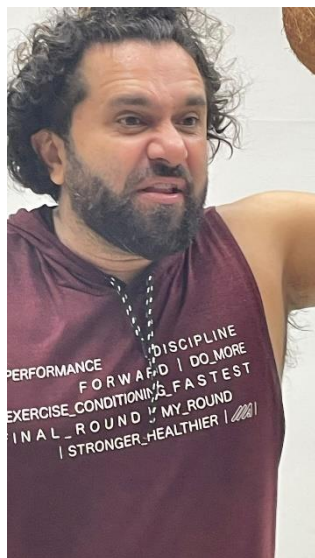


Figura 54 - Foto: Rosangela. Figura 55 - Foto: Rosangela. Figura 56 - Foto: Rosangela.



Figura 57 - Foto: Rosangela. Figura 58 - Foto: Rosangela. Figura 59 - Foto: Rosangela.



Figura 60 - Foto: Rosangela. Figura 61 – Foto: Rosangela. Figura 62 - Foto: Rosangela.



Figura 63 - Foto: Rosangela.



Figura 64 - Foto: Rosangela.



Figura 65 - Foto: Rosangela.



Figura 66 - Foto: Rosangela.

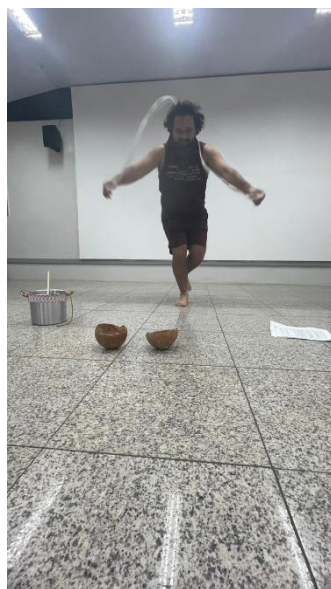


Figura 67 - Foto: Rosangela.

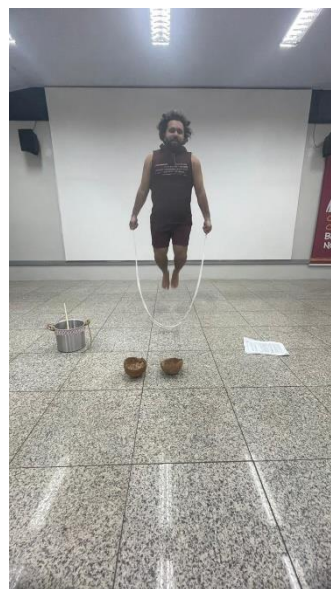


Figura 68 - Foto: Rosangela.



Figura 69 - Foto: Rosangela.



Figura 70 - Foto: Rosangela.



Figura 71 - Foto: Rosangela.



Figura 72 - Foto: Rosangela.

Terceiro encontro: depois de passar pela qualificação, precisei revisitar ao meu quintal das brincadeiras. Tive que fazer algumas leituras e algumas alterações. Visitar outros territórios da brincadeira para entender mais sobre alguns conceitos que são dados para o simples ato de brincar. E, nisso, outros elementos foram sendo inseridos na cena e na dramaturgia. Confesso que cada vez mais se torna um desafio para me chegar no que estava buscando, mas com a orientação do Francis e com as leituras e ensaios a cena foi tomando forma.

Entre um intervalo e outro que tinha do trabalho e do CCBNB-Fortaleza e as sextas que me eram cedidas pela escola que trabalho, aproveitava ao máximo para imergir na pesquisa e pensar sobre tudo que conversei com o Francis sobre o projeto. Neste subcapítulo, vou dividir em duas partes. A primeira irei mostrar registros que foram feitos após a apresentação da minha qualificação. E a segunda parte foi quando mostrei a cena parcialmente pronta para Francis, Mestre Marcos, Mestre Kátia Juliana, Dona Socorro e Paulo Sérgio. As fotografias foram feitas pelo Paulo Sérgio.

Aqui, você vai notar, por meio das imagens, que outros elementos cênicos foram utilizados na cena. Seguem as fotos da primeira parte:



Figura 73 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 74 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 75 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 76 - Foto: Paulo Sérgio. Figura 77 - Foto: Paulo Sérgio. Figura 78 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 79 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 80 - Foto: Paulo Sérgio.

Já neste momento que estava experimentando, outros elementos foram sendo utilizados. Dentre eles, o punho de rede. Ele está na figura 75. Nas demais imagens, se você notar, tem um instrumento musical. Resolvi acrescentar a música na cena, na qual eu iria tocar e cantar músicas. As cores, pouco a pouco, começaram a ocupar espaço e pensei em trazer alguns

bonecos de pano para personificar personagens que estão presentes na dramaturgia. Notem que eles aparecem nas imagens também. Agora, seguem os registros da segunda parte do encontro marcado para apresentar ao Francis, Mestre Marcos, Mestra Kátia Juliana, Dona Socorro e Paulo Sérgio, no auditório do CCBNB-Fortaleza.



Figura 81 - Foto: Paulo Sérgio. Figura 82 - Foto: Paulo Sérgio. Figura 83 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 84 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 85 – Foto: Paulo Sérgio.



Figura 86 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 87 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 88 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 89 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 90 - Foto: Paulo Sérgio.

Após a apresentação, eles falaram suas impressões sobre o que assistiram e como a cena chegou até eles, de que maneira os afetou. O Mestre foi muito generoso e afetuoso. Ele falou que o fez lembrar de quando era criança e de algumas brincadeiras de quando criança. Além disso, compartilhou algumas palavras que conhecia. Por exemplo: quando eu falei na cena sobre o brinquedo feito com quengas de coco. Eu conhecia como perna de cavalo, já ele, conhecia pé de quenga. Ele também lembrou da cocada que era feita na sua infância e das formas que eram

utilizadas para fazer o “tijolinho”. Ele disse, logo, que ia fazer a fôrma dos tijolinhos. Dias depois recebi essa fotografia:



Figura 91 - Foto: Dona Socorro.



Figura 92 - Foto: Dona Socorro.

A Mestra Kátia Juliana também foi muito acolhedora e falou de meios de usar a música de maneira que não prejudicasse o desenvolvimento da cena. Uma das dicas foi a questão da respiração e apontou que seria bom trazer um pouco de cor para o figurino, talvez ter algumas fitas coloridas.

A dona Socorro disse que gostou muito e sentiu uma nostalgia da sua época em que brincava. Ela reforçou a questão de colocar cores no figurino e se prontificou a fazer um cinto colorido. Acredita que ela, simplesmente olhando para mim, conseguiu a numeração do cinto que uso? Pois bem, ela acertou e disse que não se preocupasse que iria fazer. E, para a minha surpresa, ela fez. Enviou o registro do cinto que tinha construído. E olha como ficou.



Figura 93 - Foto: Dona Socorro.



Figura 94 - Foto: Dona Socorro.

Depois dessa conversa após a apresentação, tive um momento na sala do auditório só com o Francis e o Paulo Sérgio. Foi aí que meu orientador começou a tecer suas observações sobre o que notou na encenação e nas propostas que havia lançado. Ele falou que precisamos, no caso eu, construir melhor o esqueleto da cena. Outra observação que foi feita, é que na construção da dramaturgia, era possível perceber a presença de três personagens. A vó Maria, o neto Gelicin e o Narrador; porém, dentre eles, o personagem que estava mais claro em cena era a Vó. Outro ponto a se pensar: a construção desses personagens.

Neste momento, vou descrever um pouco de como foi pensado essas estruturas. Segue abaixo uma tabela das partes da cena:

Entrada	Cocada/Tijolinho	Brinquedo com a quenga do coco	Rezadeira	Saída
---------	------------------	--------------------------------	-----------	-------



Figura 95 - Foto: Paulo Sérgio.

Parte I. E como seria a entrada da cena? Como trazer o Reisado e Mateus para a cena? Foi um questionamento que o Francis fez. Ele pediu para cantar a música que tinha usado. Eu cantei e ele pediu para entrar cantando com muita energia, como se estivesse avisando que algo estava para acontecer. Como se estivesse convidando a todos para me acompanharem, pois uma brincadeira iria acontecer naquele momento. Repassamos algumas vezes e um outro detalhe foi notado por ele: o ritmo da música precisa ser repensado. Nisso fomos experimentando maneiras de como poderia ser cantada e conseguimos chegar numa forma. Outra sugestão foi lançada. Eu poderia ter uma interação com o público, onde eu perguntaria sobre as brincadeiras que eles brincavam quando criança. Mas como eu poderia registrar, guardar e levar essas lembranças comigo? O Francis pensou em algumas ideias e uma delas foi que as pessoas escrevessem em minha blusa.

Durante essa entrada, eu também precisei trazer um corpo que transbordasse de alegria e, ao mesmo tempo, depois que mostrasse uma sede de brincar, pular corda, amarelinha, era necessário encontrar um equilíbrio dentro de um desequilíbrio, pois, além de cantar, brincar, eu estava cantando, tocando e levando uma panela na cabeça com muitos elementos cênicos. Esse era um dos desafios.

Agora, como apresentar inicialmente o Mateus? Foi então que o Francis sugeriu que usasse como ferramenta a lembrança de quando eu o vi brincar no reisado. Até então, a presença que iria se fazer presente em cena, seria a do Narrador. Conseguimos, então, pensar em uma base para a entrada da cena.

Parte II. Quais seriam os elementos que iriam me levar para essa memória da cocada (tijolinho) da minha vó? Foi, então, que o Francis sugeriu a seguinte coisa: a partir da lembrança

do encontro com o Mateus e o Reisado, o Narrador faria a conexão com o personagem Gleicin. Seria nesse momento que as memórias do neto iriam surgir na cena e, conforme cada lembrança fosse acessada, isso levaria até o momento da cocada. Seria também nesse momento que as brincadeiras populares que essa criança brincava iriam aparecer.

Parte III. Na parte três da cena, era necessário explorar mais a brincadeira principal da história e que levou à construção dessa cena. O brinquedo que era feito com as quengas de coco, foi sugerido que mostrasse pra além da construção do brinquedo, que também fosse trabalhado e mostrado a evolução que o menino Glecin conseguia utilizar o brinquedo. Chegando a um ponto de criar a habilidade, mas isso precisava ser de maneira gradativa. Quando chegasse no ápice da brincadeira, ele iria sofrer um pequeno acidente. Esse seria o momento para fazer uma conexão com a rezadeira, no caso, minha vó Maria.

Parte IV. Agora, precisava ver como trazer essa parte da crença e prática da minha vó como rezadeira. Concordamos que seria importante manter essa parte na cena. Foi então que, a partir do acidente que o neto sofreria brincando com as quengas, que iríamos mostrar o momento da reza. O Gleicin iria cair durante a brincadeira. Nesse momento, o Narrador apareceria e contaria um pouco da história da rezadeira Maria. Claro que de uma maneira lúdica. Vamos agora para a parte da saída, o final.

Parte V. Durante a conversa com o Mestre Marcos e a Mestra Kátia Juliana, Francis perguntou a eles se teria uma peça (música) que eu cantasse para anunciar a minha partida. Eles pensaram e o Mestre sugeriu a seguinte música:

Música de despedida – Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde

Adeus meu posso eu já vou-me embora
Chegou a hora eu tenho que partir
Quando eu for, vou levar saudade
Das brincadeiras que brinquei aqui

Pronto, já tínhamos o desfecho da cena. Ela seria cantada. Após o momento de a rezadeira ser concluído, o Narrador entraria para fechar a cena. A música que o Mestre sugeriu foi perfeita, casou-se exatamente com aquilo que estava sendo construído. E, finalmente, depois de muita conversa com meu orientador e discutirmos sobre o caminho que a cena estava tomando e iria tomar, era chegado o momento de voltar para a escrita, organizar as ideias e continuar a ensaiar.

Movimento 05: Debates temáticos - a realização do seminário que procurou tocar em temas que minha pesquisa se dedicou. Depois do encontro que tive com Francis, ficou mais latente a presença das brincadeiras populares no meu processo de criação. A cada revisão que

eu fazia no texto, as memórias desse brincar surgiam e, de alguma maneira, a imagem da minha vó que era rezadeira aparecia nesse quintal de memórias afetivas. E pensar que tudo começou com o reisado e o Mateus. De alguma maneira a cultura popular tradicional me levou para esse lugar.

Foi então que eu junto com o Francis, pensamos em fazer um encontro com o Mestre Marcos, Mestre Zé Pio, a Professora Dra. Edneia Quinto, Dra. Lourdes Macena, Mestra Kátia do Reisado Nossa Senhora da Saúde. Isso iria acontecer no Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil em Fortaleza.

E foi o que fizemos. Organizamos esse momento e coloquei na programação do infantil do CCBNB-Fortaleza, no caso no programa “Criança e arte”, o qual sou produtor responsável pelas atividades infantis. Tinha como nome “BNB E O PROGRAMA CRIANÇA E ARTE, APRESENTAM O SEMINÁRIO - BRINCAR ME FAZ LEMBRAR: MEMÓRIA, BRINCADEIRA E BRINCANTE”. Logo, a seguir você vai ler o release que foi feito para esse momento, o qual foi construído por mim e Francis.

O Seminário Brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante, integra a programação Criança e Arte do Centro Cultural Banco do Nordeste e abre um importante espaço de reflexão sobre o ato de brincar na constituição de nossas subjetividades e identidades culturais.

Para abordar o tema, foram convidados Mestres da Cultura e pesquisadores do campo acadêmico que, de diferentes maneiras, se dedicam a praticar e a pesquisar o brincar e o brincante. Como o brincar constitui a nossa formação? O que a prática dos brincantes de Mateus pode nos ensinar sobre a brincadeira? Essas são algumas das questões que movimentam o encontro e colocam em discussão temas como infância, memória e criação. O evento contará com duas mesas de debate e seis convidados.

O seminário inaugura ainda uma parceria entre a equipe de curadoria do BNB e o Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). O evento será gratuito, aberto ao público em geral e os participantes poderão solicitar emissão de certificado de participação.

O seminário aconteceu de maneira incrível, onde eu e os convidados conversamos sobre reisado, memória, infância e brincadeiras populares. Procurei deixar o espaço o mais aconchegante possível, pois queria que o clima do local deixasse as pessoas ficarem o mais à vontade possível. Era uma roda de conversar sobre nossas lembranças de quando eramos criança. Voltar ao passado e reviver esses momentos.

Foi utilizado um dispositivo proposto às pessoas que participaram do seminário, a partir de uma sugestão da professora Ednea Tutti, foi a utilização de fotografias. O enunciado feito foi “escolha uma foto de quando você era criança que faz lembrar quando brincava”. Assim, um dos procedimentos vivenciado ao longo do meu percurso criativo – revisitar fotos da infância –, também foi proposto às pessoas convidadas. A seguir, compartilho um depoimento da professora Lourdes Macena no referido evento que procura evidenciar a potência da utilização de fotografias para ativar a memória e estimular relatos que podem ser tomados como material poético para a criação:

Minha lembrança de infância. Eu sempre fui uma menina que brincava muito com coisas de menino. Talvez os meus amigos fossem mais meninos. Eu jogava bila. Aquela brincadeira de desenhar o peixe no chão. Pois é, eu brincava muito disso. Eu gostava muito de cantiga de roda, mas eu brincava, eu gostava muito de brincadeira de correr, porque como eu era muito magra, não tinha quem me pegasse. Agora chama de polícia e ladrão, não sei como chamam agora. Não sei como era o nome. Agora, pega-pega, bandeira. Eu era escolhida. Votada no jogo. Porque todo mundo me queria. Pois é, porque eu corria muito. Gostava muito de subir em pé de cajuero, muito. Subir em pé de seriguela. Sempre fui muito boa. Então quero lhe dizer, que essa memória. A foto me trouxe esse lugar afetivo do Sertão, do lugar onde sempre gostei de estar. Onde podia estar pouco. Porque tive que vir para a cidade. Mas ela me trouxe isso. E eu fiquei feliz, porque são as únicas duas fotos, assim eu tenho outras a partir daí. Talvez tivesse em Fortaleza. Mais assim, do passado, mais passado. Foram as únicas (Por: Lurdinha Macena – Fala durante uma roda de conversas sobre brincadeira no ano de 2022 no CCBN-Fortaleza).

É interessante notar como o relato que emerge a partir do diálogo sobre a fotografia carrega informações sobre: corporeidade (“eu corria muito”), sociabilidade (“meus amigos fossem mais os meninos”), brincadeiras (subir em árvores, desenhar no chão, bila, cantiga de roda, polícia e ladrão), espaços (chão, subir em árvores). São elementos que, a depender dos interesses de cada artista, oferecem férteis estímulos para a criação cênica.

Seguem os cards que foram feitos para divulgação do evento.



Foto 96 – Luana Oliveira (card)³⁵



Foto 97 – Luana Oliveira (card)³⁶

³⁵ Link do primeiro dia do seminário: <https://www.youtube.com/watch?v=-7ZhXi9-9-Q&t=1284s>.

³⁶ Link do segundo dia do seminário: <https://www.youtube.com/watch?v=HwePNAFTkGo>.

A foto abaixo, em que aparece o Mateus e o Jaraguá, foi um momento do encontro que aconteceu na conversa com o Mestre Marcos e que está dando vida ao Jaraguá. Foi a primeira vez que senti na pele o que fazer parte dessa brincadeira, mesmo que tenha sido por pouco tempo. E foi uma surpresa. Eu não esperava que fosse acontecer isso. O mestre perguntou se eu queria brincar de ser Jaraguá. Eu logo fui aceitando. E comecei a me vestir e fui brincar.



Foto 98 – Nayra Maria – Seminário - brincar me faz lembrar: memória, brincadeira e brincante”³⁷.

Foi nesse momento que eu tive a minha primeira vivência sendo o Jaraguá do Reisado Nossa Senhora da Saúde de Fortaleza. Isso aconteceu durante o seminário que tinha a presença do Mestre Marcos, Mestra Kátia Juliana, minha amiga Tutti, o meu orientador Francis e alguns amigos que se faziam presentes no local. Se tratava de uma roda de conversa sobre brincadeiras, memória, brincante e reisado, quase perto de encerrar a conversa, que estava cheia de muitas lembranças afetivas.

Pois bem! O Mestre Marcos me surpreendeu fazendo um convite para brincar de Jaraguá. Meu Deus! Eu fiquei em choque. Mas respondi logo que sim. Estava nervoso e com medo, pois não sabia o que fazer. Nunca tinha brincado no reisado e, muito menos, fazer um dos entremeios. Eu, até então, apenas era e sou um observador que ama o reisado, alguém que fica encantado com toda a brincadeira.

Eu não estava acreditando no que estava acontecendo. Eu tinha muita vontade de brincar reisado, mas não esperava que fosse naquele momento. Ainda tomado pela felicidade e meio

³⁷ Momento que brincava de Jaraguá com o Mateus (Mestre Marcos do Reisado Nossa Senhora da Saúde). Foi incrível a sensação de brincar pela primeira vez de Jaraguá.

perdido, não sabia se estava fazendo da maneira certa. Em que momento eu deveria iniciar. No momento em que estava vestindo o Jaraguá, não tinha ideia como era que movimentava a boca dele. O Mestre, então, me explicou. Mostrou uma cordinha que tinha perto da boca e que ela ajudaria a fazer a movimentação de abrir e fechar a boca do Jaraguá.

O Mestre Marcos e a Mestra Kátia Juliana, chamou todos para fazer uma roda e começaram a cantar a música do Jaraguá. Ainda de maneira tímida, eu fui dando vida ao Jaraguá e quando fui ver, já estava super à vontade. Parecia que já brincava há anos e nisso desembestei a brincar. Foi um oceano de emoções que ocupavam meu corpo. Essa memória, sem sombra de dúvidas, irei guardar e lembrar sempre com meu afeto.

Que tal você ver um pouco desse encontro?



Foto 99 – Paulo Sérgio – Momento em que estava me preparando para ser o Jaraguá³⁸.



Figura 100 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 101 - Foto: Paulo Sérgio.

³⁸ Foi nesse momento que eu estava me preparando para dar vida ao Jaraguá.



Figura 102 - Foto: Nayra Maria.



Figura 103 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 104 - Foto: Paulo Sérgio.



Figura 105 - Foto: Nayra Maria.



Figura 106 - Foto: Nayra Maria.



Figura 107 - Foto: Nayra Maria.



Figura 108 - Foto: Nayra Maria.

Durante a conversa, a Mestra Kátia Juliana respondeu a uma pergunta do Francis. Ele perguntou como se aprende a ser brincante? Já que você viveu isso na pele. E sua resposta me chamou a atenção. Ela respondeu:

Eu não digo aprender. Eu digo viver e vivenciar o dia a dia. Como a gente fala para os meninos. Aquela pergunto que você fez. A pessoa querer ser Mateus. A gente não ensina. É a vivência diária. É o que aconteceu comigo. A vivência de viajar com o cordão do Caruar. A vivência dentro de casa com meu pai. Vivência de ir para UFC – Universidade federal do Ceará, se apresentar com o cordão. Ir para o Juazeiro do Norte e aprender com a Mestra Margarida. Ver eles dançando e tudo. Então são vivências que acontecem. E hoje eu sou muito feliz, por ter essa vivência no dia a dia. Porque o meu é palhaço 24h. Não é só quando estar vestido. Isso é a verdade. Então é assim, pra me eu aprendi, eu vivenciei. Pra me eu sempre digo isso. Isso me fez tá aqui hoje, 18 anos sendo Mestra do reisado Nossa Senhora da Saúde, e eu quero levar por muitos e muitos anos ainda, essa cultura. Entendeu? (Por: Mestra Kátia Juliana do Reisado Nossa Senhora da Saúde. Fala feita durante uma roda de conversa sobre brincadeiras, brincante, reisado e memória em 2022 no auditório do CCBNB-Fortaleza).

Todos esses encontros que tive durante esse processo de pesquisa e criação, foram muito importantes, pois, por meio das trocas que tive com todos, possibilitou-me enxergar caminhos que, até então, não havia notado. Vamos agora para o próximo passo dessa jornada.

Movimento 06: Elaboração do experimento cênico - nesse tópico irei falar de modo geral como resultou a dramaturgia/encenação resultante. A partir dos diferentes movimentos do processo de criação descritos, o roteiro dramatúrgico foi organizado com rubricas, descrevendo movimentos e uso de objetos e também as falas. O roteiro é composto de três movimentos: a chegada do brincante no espaço e saudação do público; narrar memórias, quando compartilho os brinquedos que construía e as brincadeiras que brincava, o tijolinho (cocada) que minha Vó Maria fazia; despedida, momento em que o brincante canta, se despede do público e deixa o espaço.

Em relação à encenação, a centralidade está no trabalho do ator, são recursos de cena (pedaço de corda, quengas de coco, uma panela de alumínio, um ralador de coco, três mesas de tamanhos diferentes, um jaraguá, Mateus e Catirina de madeira, um apito, um terço, um boneco e uma boneca de pano, uma colher de pau, vários punhos de rede, monóculos, um pequeno pôquer de ervas, um banco de madeira, forma de madeira e um saiote com fitas coloridas) e o desafio é instaurar esse universo lúdico a partir do jogo com o espaço, as canções, objetos, narrativas e espectadores.

É importante ressaltar que alguns dos elementos de cena foram confeccionados pelo Mestre Marcos e Dona Socorro, como a forma de madeira para os tijolinhos e saiote com fitas coloridas. Essa configuração da encenação procura também permitir uma cena com maior

mobilidade, podendo ser apresentada em pátios de escolas, salas de aula, espaços cênicos, entre outros locais em que pretendo seguir experimentando o trabalho. Segue em anexo o texto do solo cênico “Quintalembando”.

Movimento 07: Apresentação e Registro Audiovisual. Um dia antes da estreia, tratei de ir ver o local onde aconteceria a apresentação. Conversei com a equipa do CCBNB-Fortaleza para alinhar as necessidades técnicas do espaço como: limpeza, quantidade de cadeiras, luz e som. Além disso, conversei com os técnicos de vídeo, para explicar como iria acontecer a encenação, pois o solo iria ser filmado.

Finalmente, o dia de apresentar o solo cênico tinha chegado. Em parceria com o Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil de Fortaleza, o produto entrou na agenda da programação do mês de junho de 2023, apresentado na sala da Cinemateca no horário das 9h. Essa apresentação não seria aberta ao público, pois ela iria entrar no formato virtual, onde seria inserido no canal do youtube do CCBNB-Fortaleza. Embora, eu tive a grata surpresa de receber uma aluna e sua mamãe para assistir e não poderia deixar elas voltarem sem assistir. Dessa forma, além da equipe, tivemos duas pessoas como público. O investimento no registro audiovisual como um produto desse percurso e, também, um material que você pode consultar para seguir aperfeiçoando o trabalho cênico, uma vez que é um trabalho autoral em que você não tem um diretor. Então, o vídeo te possibilita se ver em cena e poder pensar e refletir sobre sua performance.

Quando terminamos de gravar, senti um turbilhão de emoções que me preenchiam. Eu não sabia, ao certo, o que estava sentido, mas poderia elencar um sentimento: a alegria. Eu estava feliz por mais uma etapa cumprida desse caminho que estava trilhando. Eu também recebi abraços de todos que estavam na sala e, por isso, me senti acolhido.

Outra coisa que aconteceu de maneira voluntária, foi a conversa que aconteceu sobre a apresentação. Eu não tinha gerado nenhum encaminhamento ou alinhado sobre essa ação de discursão. Mas foi muito bom ouvir os comentários e as diferentes formas de pensamentos que cada um teve do que viu. Cada um com suas experiências de vidas, conseguiram notar coisas que os levaram para uma lembrança. Depois desse momento, começamos a desfazer o cenário e a guardar todo o material.

Segue o card que foi feito para programação do mês de junho.

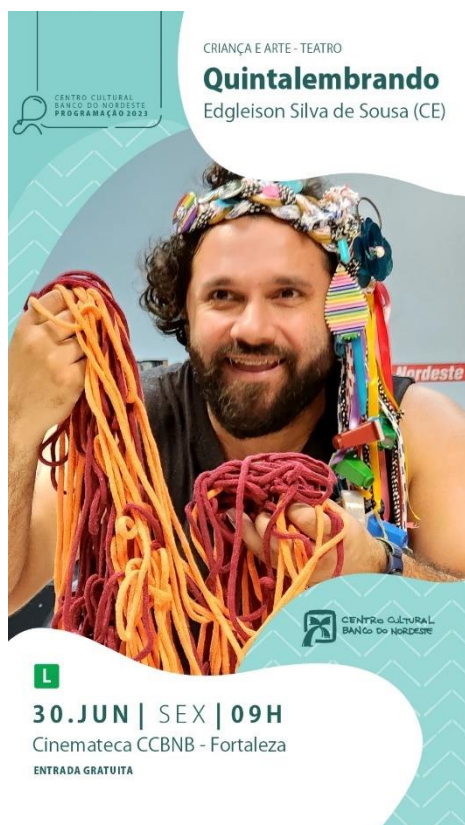


Figura 109 - Foto: Luana Oliveira- Story.



Figura 110 - Foto: Luana Oliveira – Publicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não deixe de brincar...

O percurso desta pesquisa teve como foco de interesse, refletir sobre as possibilidades de criação cênica a partir do encontro com o reisado e com as minhas próprias memórias do brincar. Procurei ampliar meus conhecimentos sobre aspectos históricos e estéticos do Reisado, com um olhar mais demorado para o personagem Mateus. Além disso, me mobilizei num fluxo dedicado a recuperar lembranças de minha infância a partir de diferentes estímulos. Ao longo da pesquisa, pude cartografar os seguintes movimentos do percurso criativo vivenciado: pesquisa bibliográfica; inventariar memórias e registros do primeiro experimento cênico; visitar o passado, onde precisei buscar meios para ativar minhas memórias da infância; encontros de orientações e aberturas de processo, momento em que compartilhei a construção da cena e ouvi as impressões dos convidados que tinham assistido; debates temáticos, a realização do seminário que procurei tocar em temas que minha pesquisa se dedicou; elaboração do experimento cênico - nesse tópico foi falado de modo geral como resultou a dramaturgia/encenação resultante e apresentação e registro audiovisual do produto cênico. A caminhada não-linear e nem cronológica, por esses modos de criar, possibilitou o desenvolvimento do experimento cênico “Quintalembando”, apresentado publicamente e também documentado como produto audiovisual que se articula com esta dissertação.

Um presente, nessa estrada da pesquisa, foi a oportunidade de dialogar com mestres e mestras da cultura popular. Com essas pessoas, pude aprender/pensar/refletir sobre cultura popular, sobre resistir e jamais desistir. Aprendi que a brincadeira do reisado não se trata apenas de uma luta e resistência, é também um momento de diversão, de desconectar a mente do mundo e se deixar mergulhar no mundo das brincadeiras, onde é possível encontrar guerreiros, princesas, reis, rainhas, jaraguás, bois, Mateus, Catirinas, burrinhas, marinheiros e muitos outros personagens.

Como artista da cena, percorrer este caminho de pesquisa me possibilitou conhecer esse mundo da brincadeira do reisado pode nos levar para os mais diversos mundos que a nossa imaginação possa construir. Descobri que o brincar é um território vasto de possibilidades de desconstrução e construção, que o quintal da nossa casa pode ter tudo que quisermos. Não há limites para quem quer brincar.

Eu também pensei muito na minha Avó Maria, uma mulher de muita fé e uma rezadeira que ajudava a todos sem esperar um retorno ou gratificação. Não podemos deixar que a Cultura

Popular Tradicional fique no esquecimento, que não esteja apenas nos livros e vídeos. É preciso deixar ela viva cada vez mais nos lugares onde grupos de brincantes brincam e levar para outros espaços. Levar para o mundo conhecer e brincar. Com isso, eu pude experimentar utilizações de objetos que só tinha usado quando criança e, a partir daí, perceber como o meu corpo e com a idade de 37 anos iria reagir no processo de construção do personagem e da cena. Entrei em um território onde optei por escrever e dirigir a cena, o que foi um grande desafio.

Enquanto professor de artes na educação básica, as reflexões aqui tecidas me estimularam a considerar que pretendo levar o produto cênico para escolas do Estado e outros espaços de formação e, após a cada apresentação, fazer uma roda de conversas para partilharmos as impressões que foram sentidas naquele momento. Pretendo também divulgar o link do vídeo para as turmas que sou professor e para os demais lugares que eu venha a me apresentar.

Nos desafios da vivência como pesquisador na pós-graduação, identifico que minhas principais aprendizagens envolveram os métodos de escrita, os tipos de pesquisa que podem ser feitas, os desafios em ter que conciliar trabalho e pesquisa. Aprendi a identificar recursos que eu fazia para pesquisar e criar, faziam parte de uma metodologia, mas o que foi surpreendente para mim, foi que o caminho que pensei em trilhar quando entrei no mestrado, ele foi se configurando, criando uma outra forma, tomando um corpo, mas não perdeu sua essência. Porém, ainda tenho a aprender como pesquisador e essa vivência me deixou muito provocado a fazer meu doutorado.

É nessa perspectiva, que cultivo o desejo de que o encontro com as reflexões aqui propostas afete outras pessoas interessadas nessa temática de modo a que elas possam descobrir outras possibilidades de criação cênica a partir do brincar, pois o campo da brincadeira, o terreiro do reisado, são territórios que ainda guardam muitas descobertas e que precisam ser expostas para o mundo. Essa pesquisa que fiz, é um grão diante do que ainda há para ser descoberto. Portanto, espero que você, que está lendo, tenha se sentido instigado a entrar nesse quintal do brincar.

Agora, como pessoa adulta, gostaria de finalizar me despedindo do Mateus, aquele que me trouxe até aqui:

Querido Mateus, eu fico muito feliz de ter encontrado você na jornada da minha vida. Jamais irei esquecer o dia que lhe vi pela primeira. Foram sentimentos que mexeram comigo, com minhas lembranças de quando era criança. Quero agradecer por você ter me deixado entrar no seu quintal das brincadeiras. Foi com você que pude entender que não podemos deixar aquela

criança que um dia fomos adormecer. Ela precisa sempre estar viva dentro de nós, pois é o combustível que nos leva para uma vida cheia de alegria e esperança. Pois não se pode viver sem diversão. O brincar nos torna mais humanos, nos ensina a importância do trabalho coletivo, nos impulsiona romper com as cercas do impossível.

O brincar sempre vai deixar algo mais leve, pois, em um dado momento, iremos nos deparar sem nos preocuparmos com os ponteiros do relógio. Pode até parecer bobagem, mas andamos tão preocupados em não perdermos tempo, que acabamos perdendo. A brincadeira precisa estar sempre com a chama acesa. E como fazer isso depois de adulto? Precisamos procurar meios de ativar essas memórias, visitar nosso quintal quando éramos crianças, conversar com nossos pais, avós e avôs, vasculhar o baú que há tempos estava fechado. Talvez na casa da sua mãe tenha um. Vai lá e pergunta a ela. Não deixei de brincar, pois quando paramos, deixamos de viver.

Aqui quero só reforçar a minha gratidão a você Mateus, que foi tão generoso, acolhedor, brincalhão e que me ajudou nessa trilha, nesse labirinto, nessa amarelinha, nesse pega-pega, que foi construir o meu solo cênico e entender que não podemos deixar a brincadeira acabar. Obrigado, meu amigo!

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Culturas populares e a luta decolonial**. XV Enecult – encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador/Bahia, 2019.
- ALMEIDA, Gil. **Inumanidades, modos de agir**: por uma ética da criação no teatro e na performance. 254 f. 2020. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I festas, bailados, mitos e lendas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento**: bois e reisados de caretas. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.
- BARROSO, Oswald. **Reis de Congo**. [s. l.: s. n.], 1996.
- BARROSO, Oswald. **Máscaras**: do teatro ritual ao teatro brincante. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. [s. l.]: Global, 2002.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2021.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens** São Paulo (SP): Perspectiva, 2007. Série Estudos.
- COSTA, Gilson Brandão. **A Festa é de Maracatu: Cultura e Performance no Maracatu Cearense**. 2009. 196f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- CUNHA, Paula Silveira da (org.). **Mestres da cultura cearense a tradução das tradições**. Fortaleza: Instituto Unilla, de Arte Educação e Culturas Populares, 2021.
- ENCONTRO dos Saberes**: 3º Dia. Fortaleza: [s. n.], 2021. 1 vídeo. (2:12:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=48t64duG2dw>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- IZQUIERDO, Iván Antonio. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 98, p. 9-16, jun. 2013.
- MATURANA, Humberto R. **Amar e brincar fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2018.
- SOUZA, Maria de Lourdes Macena de. **Sendo como se fosse**: as danças dramáticas na ação docente do ator- professor. [s. l.: s. n.], 2014.

SEMINÁRIO Brincar Me Faz Lembrar: Memória, Brincadeira e Brincante - Mesa I. Fortaleza: [s. n.], 2022. 1 vídeo. (1:46:13). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7ZhXi9-9-Q&t=1284s>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SEMINÁRIO Brincar Me Faz Lembrar: Memória, Brincadeira e Brincante - Mesa II. Fortaleza: [s. n.], 2022. 1 vídeo. (1:46:13). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwePNAFTkGo>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PONTES, Márcio de Araújo. Relatos orais de mulheres dramistas e a arte de representar dramas em Tianguá-Ceará. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL POLÍTICA, ÉTICA E CONHECIMENTO*, XII, 2014, Piauí. **Anais [...]**. Piauí: Associação Brasileira de História Oral, 2014. p. 1-10.

**ANEXO A – RELAÇÃO DE REISADOS E BOIS PESQUISADOS POR OSWALD
BARROSO**

RELAÇÃO DE REISADOS E BOIS
1 Reis de Bailes do Sítio Pelo Sinal, município de Barbalha, Mestre Luiz Vitorino, registro e entrevista realizada em 1978.
2 Boi Lua Branca, Bairro Henrique Jorge, Fortaleza. Mestre João Bernardo da Silva. Registro feito em dezembro de 1983.
3 Reisado de Aprazível, distrito do município de Tamboril, Mestre João Cavalcante, registro e entrevista feita durante a Feira da Reforma, realizada em Fortaleza, no dia 12 de agosto de 1989.
4 Reisado de Alto Alegre, município de Quixadá, Mestre Nonato Pio, registro e entrevista realizada durante a Feira da Reforma Agrária, em Fortaleza, no dia 12 de agosto de 1989.
5 Reisado de Maceió, município de Itapipoca, Mestre Antônio Bica, registro e entrevista realizada, em Fortaleza, durante a Feira da Reforma Agrária, no dia 12 de agosto de 1989.
6 Boi de Maceió, município de Aracati, Mestre Raimundo André da Costa, entrevista com mestre em 03 de setembro de 1989.
7 Reisado de Caretas da Fazenda Ipueira da Vaca, localidade de Jacinto, município de Canindé, entrevista com Mestre Raimundo Ramos da Silva, no dia 1 de outubro de 1989. Apresentação registrada no Teatro da Boca Rica, em Fortaleza, dia 18 de dezembro de 2004.
8 Reisado do Bairro São Mateus, na Cidade de Canindé, Mestre Lino e brincantes Luiz Ramos, Preto, Mario Bilro e com Elisa Souza Ramos, esposa do mestre Manuel Ramos Sobrinho, entrevistas feitas no dia 2 de outubro de 1989.
9 Boi Ideal, cidade de Sobral, mestre Panteca, entrevista realizada em 21 de outubro de 1989, em Sobral e apresentação registrada, em outubro de 2004, em Fortaleza, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.
10 Reisado de Caboclo, município de Meruoca, Mestre Chico Petronilo, em 22 de outubro de 1989.
11 Reisado de Caretas de Lagoa dos Pinheiros, município de Campos Sales, Mestres Antonio de Mariquinha e Antonio Romeiro, entrevista em 15 de dezembro de 1989.
12 Boi Reis de Ouro, bairro do Pirambu, em Fortaleza, entrevista com Mestre José Maria Viana, nos dias 10, 15 e 17 de fevereiro de 1990.

13 Boi Pintadinho, cidade de Camocim, entrevista com Mestre Nego Chico, e brincantes Cardeal e João Batista do Nascimento (Catirina), em 30 de junho de 1990.
14 Boi Ceará, Fortaleza, apresentação do Theatro José de Alencar, Mestra Ilda, em 29/08/95.
15 Reisado de Pai João, município de Aratuba, Mestre José Lima Sousa, entrevista realizada em outubro de 1995.
16 Reisado de Pacoti, Mestra Edite, entrevista com Raimundo Alves de Souza, em 21/10/95
17 Reisado do Sítio Arábias, Mestre Vicente Chagas, município de Guaramiranga, registro e entrevista realizadas, em 1995 e em agosto de 2004.
18 Boi de Campestre da Penha, município de Beberibe, Mestra Hosana Francisca dos Santos, em 05 de novembro de 1995.
19 Reisado do Prado, município de Granja, Mestre João Mocó, entrevista feita em 28 de julho de 1996.
20 Reisado de Potengi: Mestre Antônio Luís de Souza, Sítio Sassaré, registro feito em dezembro de 1997, entrevista feita em 14 de novembro de 2005.
21 Reso Tremembé, localidade de Varjota, em Almofala, brincantes Manoel Raimundo Cabral, Francisca Cabral de Holanda e Marcelino José Correia. 1999.
22 Boi Coração, localidade de Poço da Onça, município de Miraíma, mestre Manoel Torrado, pesquisas realizadas em 1997 e novembro de 2004.
23 Reisado de Couro, do sítio Barro Vermelho, em Barbalha. Dia 31/05/03. Entrevista com Luís Correia da Silva.
24 Boi Bordado, em Córrego da Nica, localidade do município de Aracati, Mestre Antônio Palhaço, entrevista com mestre e brincantes, em 24 de julho de 2003.
25 Boi de Cardeais, bairro da cidade de Jaguaruana, entrevista com Severino Batista Filho, brincante de Boi, em 03 de setembro de 2003.
26 Boi de Afogados, localidade do município de Jaguaruana, entrevista com José Alderi Alves e moradores, em 03 de setembro de 2003.
27 Boi, Giqui, Distrito do Município Jaguaruana, entrevista com José Rodrgues do Nascimento, o Zé de Tereza, 82 anos, Mestre de Boi, e com Zanita Maria Monteiro, professora, brincante de Boi e Mestra de Presépio, em 04 de setembro de 2003.
28 Reisado de Caretas, de Laje do Juca, proximidades de Carquejo, município de Mucambo, Mestre Alcides Carlo, entrevista com o brincante Francisco Carlos, em 24 de outubro de 2003.

29 Reisado de Caretas do Caldeirão, Mucambo, entrevista com o brincante Miguel Sátiro de Mendonça, em 25 de outubro de 2003.
30 Boi da Juventude, Praia das Goiabeiras, bairro do Pirambu, em Fortaleza, mestre Zé Pio. Registros realizados em dezembro, de 2003, e em 22 de janeiro de 2005.
31 Boi Capivara, Reisado de Caretas da Fazenda Capivara, do município de Pentecoste, registro e entrevistas com brincantes realizadas na Fazenda Muquenzinho, em 03 de janeiro de 2004. Registro e entrevistas com brincantes realizadas em Pentecoste, Fazenda Capivara e Tamarino, na noite de 05/01/2005.
32 Boi Coração, município de Ocara, mestre Luciano Correia e brincantes, registro e entrevistas realizadas em 06 de janeiro de 2004, 26 de dezembro de 2005 e 06/01/06.
33 Reisado de Santana, assentamento no município de Monsenhor Tabosa, mestre Florêncio Virgílio do Nascimento (70 anos) e brincante Antônio Ludu, registro e entrevista realizada em 05 de setembro de 2004.
34 Reisado de Cachoeira do Fogo, município de Independência, Mestre José Augusto (José Rômulo da Silva, 62 anos), registro e entrevista realizados em 12 de outubro de 2004 e 18 de dezembro, no Teatro da Boca Rica, em Fortaleza.
35 Reisado de Caretas Boi Estrela, de Quixeramobim. Mestre Antônio Piauí, entrevista realizada em 1 de novembro de 2004 e registro realizado em dezembro de 2005.
36 Reisado de Caretas, Boi Coração, de Boa Água, Quixadá, entrevista e registro em vídeo realizado em 1 de novembro de 2004.
37 Reisado e Boi do Henrique Jorge, registro realizado ao lado da Matriz de Parangaba, em Fortaleza, em dezembro de 2004. Organizadora: Poliana.
38 Reisado de Caretas de Quiterianópolis, Mestre Tonico Lacerda, apresentação realizada no dia 06 de janeiro de 2005, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza.
39 Reisado de Caretas do Mestre Caboclo Lino, apresentação sob o comando de Vanda, durante o I Festival Internacional de Circo, Bonecos e Artes de Rua, em Arneiroz. Dia 24 de maio de 2005.
40 Reisado do Assentamento de Lagoa Esperança da Manga, Sobral, do Mestre Antônio. Dia 19 de julho de 2005, no Campus do Itaperi, da UECE, durante a Reunião Anual da SBPC.
41 Reisado da Faceira, Limoeiro, em 1 e 22 de agosto de 2005, Mestre José Simão, dono: Chico da Faceira.
42 Reisado de Nova Jaguaribara, Reisado de Caretas, famílias Bandeira, José Bandeira, e Arruda, Edvar Arruda e Silva, em 07/08/05.

43 Reisados de Quixeré, Registros e entrevistas: 25 de agosto de 2005, em Jaguaruana, e no dia 4 de janeiro de 2006, no Centro Dragão do Mar, em Fortaleza. Dono: Antonio Manoel Filho, o Toinho.
44 Reisado de Caretas, Baturité, Mestre Chagas Xavier. Dono do Boi: Eduardo Tito Machado. Entrevista no dia 20/09/2005.
45 Reisado de Caretas, Palmácia. Mestre José Bernardo, registro de apresentação, 22/09/2005, em Santo Antônio, Pacoti.
46 Reisado de Caretas, Capistrano, Mestre Sebastião Chicute, Sebastião Alves Lourenço, entrevista no dia 24/09/2005, e registro realizado em 26 de dezembro de 2005.
47 Reisado de Caretas, Itapiúna, Mestre Renato, João Sérgio de Sousa, entrevista dia 24/09/2005.
48 Reisado de Parajuru, Boi Coração, Reisado de Caretas, Município de Beberibe, entrevista com brincante Artur Medeiros Lima, Seu Artur, em 14/10/2005.
49 Reisado de Lindóia, município de Senador Pompeu, Reisado de Caretas, Caboclo Zé Viana, em 16/10/05.
50 Reisado de Joaquim de Cima, município de Senador Pompeu, Caboclo Manuel Pedro do Nascimento, em 16/10/05.
51 Reisado de Abaiara, Reisado de Congo, Mestre José David de Sousa, em 12/11/2005.
52 Reisado de Congos, Mauriti, Vila Operária, Mestre Denísio Félix, responsável atual: Genésio Félix de Moura, entrevista feita em 13 de novembro, 2005.
53 Reisado de Caretas, Araripe, Sítio Teixeira, Mestre Chiquinho Veloso, entrevista feita em 15 de novembro, 2005. Caboclo do Boi, atual: Reginaldo Veloso.
54 Reisado de Caretas, Campos Sales, localidade de Alívio, Mestre José Ribeiro da Silva, entrevista dia 17/11/2005.
55 Reisado de Caretas, Madalena, Fazenda Teotônio e Bairro Henrique Jorge, (Dono: Simão, Caboclo: Birô), entrevistas realizadas em 9 de dezembro de 2005.
56 Reisado de Caretas, Senador Pompeu, localidade de Lindóia, Caboclo: José Viana. Localidade de São Joaquim de Cima: Caboclo do Boi: João Chico. Dezembro de 2005.
57 Reisado de Caretas, Choró Limão, Rua São Sebastião, dia 18 de dezembro de 2005, Caboclo do Boi: Luís Gonzaga Vicente das Chagas.
58 Reisado de Caretas, Boi Surubim, Acarape, Responsável: André Luiz Barros Macedo Oliveira, apresentação em Ocara, no dia 26 de dezembro de 2005.

59 Reisado de Caretas, Mestre José Augusto, localidade de Barra Nova, Itapíúna, apresentação registrada em Ocara, no dia 26 de dezembro de 2005.
60 Boi Surubim, município de Acarape, Reisado de Caretas, registro feito em Ocara, Caboclo André Luiz Barros Macedo de Oliveira, em 06/01/06.
61 Reisado de Lagoa do Mineiro, Itarema, Mestre Pedro Jorge, registro feito no dia 6 de janeiro de 2006.
62 Reisado de São Francisco, município de Catarina, Reisado de Caretas, Mestre Enéas Garcia da Silva, em 14 de janeiro de 2006.
63 Reisado de Corredores, município de Cariús, Reisado de Congos, Mestre Francisco do Neco, em 18/01/06.
64 Reisado de Itaitinga, Reisado de Caretas, Caboclo João Fragoso, em 10/02/06.
65 Boi de Capuan, município de Caucaia, Caboclo Zé Tatu, em 12/02/06.
66 Boi Bonito, localidade de Jandaiguaba, município de Caucaia, Mestre Potengi Guedes Filho, o Babi, em 12/02/06.
67 Boi de Itapebussu, município de Maranguape, Reisado de Caretas, Caboclo ManuelPandeiro, em 03/03/06.
68 Reisado de Lagoa do Mato, Itatira, Mestre Antonio Bernardo da Silva, registro feito em 10/03/06.
69 Reisado de Alegre, município de Guaraciaba do Norte, Reisado de Caretas, brincantesEvandro Gomes e Gerardo Alves Pereira.
70 Reisado do Sítio São José, em Guaraciaba do Norte, Reisado de Caretas, dono: Manoel Cândido de Souza, em 14/03/06.
71 Reisado de Santa Quitéria, Reis de Caretas, Mestres Antonio Ferreira Lima e Antonio Jorge de Paiva (o Darlei). Registro feito em 15/03/06.
72 Reisado de Pirituba, município de Graça, Reisado de Caretas, Caboclo: José Francisco Barros, o Zé Firmino, em 18/03/06.
73 Reisado de Cariré, Reisado de Caretas, Caboclo: Raimundo Nonato Evangelista Moraes, em 18/03/06.
74 Reisado de Poço da Onça, município de Tauá, Reisado de Caretas, brincante José Alves de Araújo, em 02/04/06.
75 Reisado de Caetano de Cima, município de Amontada, Reisado de Caretas, brincante Francisco Manoel de Souza, em 12/04/06.

76 Reisado de Esperinha, município de Trairi, Reisado de Caretas, Caboclo: Francisco Barbosa de Lima, o Seu Todi, em 15/04/06.
77 Boi de Camocim, município de Camocim, Mestre Antônio Carvalho dos Santos, o Doidim, em 18/04/06.
78 Reisado de Tatajuba, município de Camocim, Reisado de Caretas, Caboclo Antônio Edson Pontes, o Capitão Bola, em 22/04/06.
79 Reisado de Torrões, município de Ipaporanga, Reisado de Caretas, Caboclo Luís Rodrigues da Silva, o Luís Batizal, em 26/04/06.
80 Reisado de Bom Sucesso, município de Novo Oriente, Reisado de Caretas, Caboclo José Sobral da Costa, o Zé Chico, em 27/05/06.
81 Reisado de Moringue, município de Nova Russas, Reisado de Caretas, Caboclo: Raimundo Bezerra de Souza, o Raimundo Alfredo, em 31/05/06.
82 Reisado de Caretas do Sítio Escuro, município de Tamboril, Mestre Zé da Preta, em 30/05/06.

ANEXO B – REISADOS POR MACRORREGIÃO DO ESTADO DO CEARÁ³⁹

FORTALEZA E REGIÃO METROPOLITANA: 6 municípios, 13 grupos.
1 - Caucaia: Boi, distrito de Capuan (Zé Tatu), e localidade de Jandaiguaba (Potengi Guedes Filho, o Babi).
2 - Fortaleza: Bois, Boi Lua Branca, Bairro Henrique Jorge (Mestre João Bernardo da Silva), Boi Reis de Ouro, Bairro Pirambu (Mestre José Maria Viana), Boi da Juventude, Praia das Goiabeiras (Mestre José Pio), Boi Tirol, Tirol (Mestre Deusdete), Boi Ceará, Conj. José Walter (Mestra Ilda).
3 - Itaitinga: Reisado de Caretas, sede (Mestre João Paulo Fragoso).
4 - Maranguape: Reisado de Caretas, distritos de Ladeira Grande, e Itapebussu (Manoel Rodrigues da Silva, o Manoel Pandeiro).
5 – Pacatuba: Boi, do Bairro São Luís, Mestra Vilalba Férrer de Oliveira.
6 – Horizonte: Boi Chicoião, na localidade de Timbaúba, distrito de Queimadas, Mestre José Bento de Lima, o Zé Bento. Boi do Dourado, na localidade de Dourado, Mestra Maria do Carmo.

LITORAL LESTE: 3 municípios, 7 grupos.
1 Aracati: Boi, localidade de Maceió (Mestre Raimundo André da Costa), Córrego da Nica (Mestre Antônio Palhaço).
2 Beberibe: Bois, localidade de Campestre da Penha (Mestra Hosana Francisca dos Santos), localidade de Parajuru, brincante Artur Medeiros, no Sítio São Lucas (Boi Surubim) e em Barrinha.
3 Itaiçaba: Reisado de Caretas, na sede do Município.

LITORAL OESTE E VALE DO CURU: 19 municípios, 32 grupos.
1 – Acaraú: Reisado de Caretas da localidade de Santa Fé.
2 - Amontada: Reisado de Caretas, povoado de Caetano de Cima, Mestre Francisco Manoel de Sousa.
3 – Apuiarés: Reisado de Caretas de Várzea Grande, Mestre Francisco Antonio dos Santos Alves, o Tanilo. Antigo mestre: Sebastião Pereira Ladislau.

³⁹ Localizados através de pesquisa direta do autor ou mapeamentos da Secult-Ce e Unicef-Ce.

4 – Bela Cruz: Reisado de Caretas de Jenipapeiro, mestre Domingos Pereira do Nascimento. Reisado de São Gonçalo, mestre Benedito Marciano dos Santos. Reisado de Caretas, sede do município, Mestre Zé Antônio.
5 - Camocim: Bois, sede do município, Boi Pintadinho, Mestre Nêgo Chico, e Boi do Mestre Antônio Carvalho dos Santos, o Doidim. Reisado de Caretas da praia de Tatajuba, Mestre Antônio Edson Pontes, o Capitão Bola.
6 - Granja: Boi, Prado, Mestre João Evangelista dos Santos, o João Mocó.
7 - Itapipoca: Boi, Assentamento Maceió, Mestre Antônio Bica.
8 - Itarema: Rezos no Assentamento de Lagoa do Mineiro, Mestre Pedro Jorge dos Santos; em Varjota, Mestres Manoel Raimundo Cabral e Marcelino José Correia; no Córrego João Pereira; e no Córrego das Moças.
9 – Jijoca de Jericoacoara: Reisado de Caretas de Seu Mundim, no Córrego da Forquilha.
10 - Martinópolis: Reisado de Caretas da Turma do Brito. Mestra atual: Maria do Carmo. Mestre antigo: Chico Brito (veio do Piauí).
11 - Marco: Reisado de Caretas, Mestre Francisco Faustino de Maria, o Zé Faustino; e Reisado de Caretas de Manuel Ubaldo Reis, o Manuel Balde. Rezo de Arara, Mestre Zé Raimundo.
12 - Miraíma: Reisado de Caretas, localidade de Poço da Onça, Mestre Mestre Manoel Torrado.
13 - Morrinhos: Reisado de Caretas da Família Romão, localidade de Juiz. Mestra atual: Maria de Lourdes Mariano. Antigo mestre: Pedro Mariano.
14 - Paraipaba: Reisado de Caretas, Boi de Dona Zica, Mestra Zica Alves Bastos. Antigo mestre Manuel Nunes, o Evaristo.
15 - Pentecostes: Reisado de Caretas, Fazenda Capivara, Caboclo do Boi: Chico Pendenza, localidade de Pedra Branca.
16 - Tejuçuoca: Reisado do Boqueirão, Distrito de Malaquias, Mestre Cláudio Alves Araújo, o Cláudio Boa; Reisado de Caretas do Açude, Mestre Genésio da Silva; Reisado de Caretas de Jardim, Mestre Sebastião Gomes dos Santos, o Tio Bartô.
17 - Trairi: Reisado de Caretas, povoado de Esperinha, Mestre Francisco Barbosa de Lima, o Todí; Boi de Rezo de Marrecas; Boi do Guajiru, Mestre Raimundo Nonato Dias de Moura.
18 – Tururu, Reisado de Caretas, Assentamento de Novo Horizonte, Mestre Antonino.
19 – Uruburetama: Reisado de Caretas do Lajeiros, adulto e infantil.

MACIÇO DE BATURITÉ: 11 municípios, 13 grupos.

1 – Acarape: Reisado de Caretas, Boi Surubim, Caboclo do Boi: André Luiz Barros Macedo Oliveira.
2 - Aratuba: Reisado de Caretas, localidade de Pai João (Mestre José Lima Sousa).
3 - Guaramiranga: Reisado de Caretas, do Sítio Arábias (Mestre Vicente Chagas) e do Mestre Antônio José Lima, o Zequinha.
4 - Capistrano: Reisado de Caretas (Mestre Sebastião Alves Lourenço, Sebastião Chicute).
5 – Baturité: Reisado de Caretas, Mestre Chagas Xavier.
6 - Itapiúna: Boi (Mestre João Sergio de Souza, o Renato do Boi), e Reisado de Caretas, localidade de Barra Nova, Caboclo do Boi: José Augusto.
7 - Mulungu. Reisado de Caretas: Mestre Raimundo Marcos Vieira.
8 - Ocara: Reisado de Caretas (Mestre Luciano Correia dos Santos).
9 – Pacoti. Reisado de Caretas, (Mestra Dona Edite)
10 - Palmácia. Reisado de Gado dos Rodrigues (Mestre José Bernardo).
11 - Redenção: Boi, Mestre Manuel Viana de Souza.

MÉDIO JAGUARIBE: 6 municípios e 9 grupos

1- Jaguaribara: Reisado de Caretas, sede (famílias Arruda: Edmar Arruda e Silva, e Bandeira: Zé Bandeira).
2 - Jaguaruana: Bois, do Bairro de Cardeais, localidade de Afogados, e do Distrito de Giqui (Mestre Zé de Tereza).
3 - Limoeiro do Norte: Boi, localidade de Faceira (dono: Francisco das Chagas da Costa, Mestre Chico e Caboclo do Boi: Zé Romão).
4 - Quixeré, Reisado Beija-Flor, Mestre Antonio Manoel Filho, o Toinho. Boi de Tisna, mestre Manuel de Laura, em Boqueirão.
5 – Russas: Boi Russano, localidade de São João de Deus (Mestre Beija-Flor), Boi Pai do Campo (Francisco Ozano, antigo mestre, e Zé Graciano, mestre atual).
6 – São João do Jaguaribe: Boi, na localidade de Bela Vista, Mestre José Conrado.

VALE DO ACARAÚ– IBIAPABA: 13 municípios, 24 grupos.

1 - Cariré: Reisado de Caretas, sede (Raimundo Nonato Evangelista Moraes).
--

2 - Croatá: Reisado de Caretas, Mestre João Ribeiro Oliveira, João Marica.
3 – Forquilha: Reisado de Caretas, Boi do Mestre Raimundo Altino.
4 - Graça: Reisado de Caretas, localidade de Pirituba (José Francisco Barros, o Zé Firmino).
5 – Guaraciaba do Norte: Reisados de Caretas, Distrito de Alegre (Caboclos Evandro Gomes e Gerardo Alves Pereira), e Sítio São José (dono Manuel Cândido de Sousa).
6 – Ibiapina. Reisado de Caretas
7 – Irauçuba: Reisado de Caretas, do Mestre Antônio Conrado, sede.
8 - Meruoca: Reisado de Caboclos (Mestre Chico Petronilo).
9 - Mucambo: Reisado de Caretas, Laje do Juca, distrito de Carquejo (Mestre Alcides Carlo), e no Sítio Caldeirão.
10 - Pacujá: Reisado de Caretas.
11 - Santana do Acaraú: Boi, Mestra Maria Dagmar de Souza.
12 - Sobral: Bois. Ideal (Mestre Panteca), Lagartixa (Mestre Tarcísio Margarida), Jacaré (Mestre Fernandes Faria). Reisado de Caretas do Assentamento Lagoa Esperança da Manga (Mestre Antônio Ferreira Lima), Reisado de Caretas da localidade de Recreio (Mestre Manoel de Sousa, o Nel), Boi Cristal do bairro Sinhá (Mestre Luís Tupinambá Gomes, o Babá), Boi Vamp da sede do município (Francisco Eugênio Garcia, galante), Reisado do Centro Cultural de Aracatiaçu, Boi Tradição do bairro Dom Expedito, Boi Caiçara do bairro Dom Expedito (Mestre Francisco Fábio, o Palmeira).
13 - Viçosa do Ceará, Reisado de Caretas. (Antônio Araújo de Carvalho, Mestre).

SERTÃO CENTRAL: 14 municípios, 25 grupos.

1 - Boa Viagem: Reisados de Caretas, na sede do município, Mestres Antônio Amaro da Silva e Deoclécio Lobo de Sousa. Reisado de Caretas, Boi João Paulo II, Mestre José Arlindo Simão Vieira.
2 - Banabuiú, Reisado de Caretas, localidade de Laranjeiras.
3 - Canindé: Reisados de Caretas, Assentamento de Ipueira da Vaca (Mestres Raimundo Ramos da Silva e Manoel Ramos), e Bairro São Mateus (Mestre Lino).
4 - Caridade: Reisados de Caretas nas localidades de Campos Belos e Inhuporanga.
5 – Choró Limão: Rua São Sebastião, Reisado de Caretas, Caboclo do Boi: Luís Gonzaga Vicente das Chagas, Dono do Boi: Otacílio Primo de Oliveira.
6 – Ibaretama: Boi Coração, Mestre Raimundo Faustino da Silva, o Popó; e Boi, na sede do município, do Mestre Francisco Suerdo Rodrigues.

7 – Itatira: distrito de Lagoa do Mato, Reis de Caretas (Mestre Antônio Bernardo da Silva)
8 - Madalena, Reisado de Caretas, Fazenda Teotônio e Bairro Henrique Jorge, (Dono do Boi: Simão, Caboclo do Boi: Francisco de Paula, o Birô).
9 - Paramoti: Reisado de Caretas, na localidade de Melado; e Reisado do Alto da Bela Vista, de Caretas.
10 – Pedra Branca, Boi, no bairro de Santa Úrsula, na sede do município, Mestre Ferreirão.
11 - Quixadá: Reisado de Caretas, Assentamento de Alto Alegre (Mestre Nonato Pio), e em Boa Água, Distrito de Cipó dos Anjos (Mestre Francisco Firmino de Assis).
12 - Quixeramobim: Reisado Boi Maravilha, sede (Mestre Antônio Batista da Silva, o Antônio Piauí). Boi, Fazenda Lajes, distrito de São Miguel.
13 – Santa Quitéria, distrito de Lisieux: Reisado de Caretas, encarregado Antônio Jorge de Paiva, o Darlei.
14 - Senador Pompeu: Reisado de Caretas, Lindóia, Caboclo do Boi: José Viana. São Joaquim de Cima, Caboclo do Boi: João Chico. Reisado do Sítio Poço do Peixe (Mestre João Inácio dos Santos).

INHAMUNS: 12 municípios, 24 grupos.

1 – Arneiroz: Reisado de Caretas, Mestre Antonio Lino da Rocha, o Caboclo Lino.
2 – Crateús: Reisado de Caretas de Patos, na Vila Graça; Caboclo: Antônio Cícero de Oliveira.
3 - Independência: Reisado de Caretas do Assentamento Cachoeira do Fogo, Mestre José Rômulo da Silva, o José Augusto.
4 - Ipaporanga: Reisado de Caretas, localidade de Torrões, Mestre Luís Rodrigues da Silva, o Luís Batizal; antigos mestres Manoel de Souza Nascimento e João Rodrigues Martins. Reisado de Caretas de Água Branca; Luís Salu é o Careta Caçula. Reisado de Caretas de Cajás dos Borges, Mestre João Gomes da Silva, o João Nêga. Reisado de Caretas do Sacramento. Mestre José Alves Barroso, o Zé Bileta.
5 - Monsenhor Tabosa: Reisado de Caretas do Assentamento Santana, Mestre Florêncio Virgílio do Nascimento.
6 - Nova Russas: Reisado de Caretas da localidade de Moringue, Mestre Raimundo Bezerra de Souza, o Raimundo Alfredo.
7 - Novo Oriente: Reisado de Caretas do povoado de Bom Sucesso, Mestre José Sobral da Costa, o Zé do Chico. Há também um Reisado Mirim, em Bom Sucesso. Reisado de Caretas

de São Pedro, Caboclos: Cícero José da Silva e Antônio Oliveira, o Citônio. Reisado de Caretas de Morgado, Caboclos: João Batista e Antônio Rodrigues. Reisado de Caretas do Mestre Macaxeira, na sede do Município, Bairro Oriente. Reisado de Caretas Mirim, no Bairro Oriente, na sede do Município. Reisado de Caretas da Comunidade Quilombola de Minador.
8 – Parambu: Reisado de Caretas de Campo Grande, Mestre Cecílio. Há também Caretas de Semana Santa, em Monte Sion.
9 – Poranga: Reisado de Caretas do Distrito de Arraial, Mestre Raimundo Gomes do Nascimento. Reisado de Caretas do Bairro de Jardim das Oliveiras, Mestre Luiz de Souza Lima, o Luiz Chico.
10 - Quiterianópolis: Reisado de Caretas, Mestre Tonico Lacerda.
11 - Tamboril: Reisado de Caretas, Assentamento Aprazível, Mestre João Cavalcante. Reisado de Caretas do Sítio Escuro, Mestre Zé da Preta.
12 - Tauá: Reisado de Caretas de Poço da Onça, Mestre José Alves de Araújo. Reisado de Caretas da sede do Município, Mestre Antônio Carcará.

CENTRO SUL: 4 municípios, 4 grupos.

1 - Catarina: Reisado de Caretas, localidade de São Francisco.
2 - Cariús: Reisado de Congos, povoado de Corredores (Mestre Francisco do Neco).
3 - Cedro: Reisado de Caretas: mestre João Batista Ferreira.
4 – Tarrafas. Reisado de Caretas. Mestre Francisco Norões Menezes.
5- Várzea Alegre. Reisado de Caretas, formado por mulheres, Sítio Roçado de Dentro, mestra Francisca Alencar.

CARIRI: 11 municípios, 26 grupos.

1 - Abaiara: Reisado de Congos, Mestre José David de Sousa.
2 – Araripe: Reisado de Caretas, Sítio Teixeira, Mestre Chiquinho Veloso, responsável atual: Reginaldo Veloso. Reisado de Congos do Distrito de Pajeú, Mestre José Antônio de Souza, o Zeli.
3 - Barbalha: Reisados de Congo: (Mestres Damião Barbosa e Francisco Belizário dos Santos), Reisado de Couro ou Caretas, Sítio Barro Vermelho (Mestre José Pedro de Oliveira). Reisado de Bailes, Sítio Pelo Sinal (Mestre Luís Vitorino).

4 - Campos Sales: Reisado de Congos e Reisado de Caretas, Lagoa dos Pinheiros (Mestres Antonio de Mariquinha e Antonio Romeiro, atualmente Chica do Rosário). Sítio Alívio, Reisado de Caretas, Mestre José Ribeiro da Silva.
5 – Caririaçu – Reisado de Congo, Mestre José Matias da Silva.
6 – Crato: Reisado da Bela Vista (ou da Vila Lobo), Mestre Aldenir Calou. Reisado Infantil da Bela Vista, Mestra Luisiane Calou. Reisado Feminino de Dedé Luna.
7 - Juazeiro do Norte: Reisados de Congos, sede, Reisado São Sebastião, de Sebastião Cosmo, Reisado Nossa Senhora de Fátima, de Maria de Fátima, Guerreiro de Dona Margarida, Reisado Dois Irmãos (ou Discípulos de Mestre Pedro), Reisado Estrela Guia, (Mestra Lúcia), Reisado do Salesiano (Francisco Felipe Marques, Mestre Tico). Há ainda os reisados de mestre Tarcísio e o da Mestra Vicência.
8 - Mauriti, Reisado de Congos, Vila Operária, Mestre Denísio Félix, responsável atual: Genésio Félix de Moura.
9 - Missão Velha: Reisado de Congos, Sítio Pontal da Serra, mestre Raimundo Firmino dos Santos, o Raimundo Boi.
10 - Potengi: Reisado de Caretas, Sítio Sassaré (Mestre Antônio Luís de Souza).
11– Salitre: Reisado de Caretas na sede do município (Raimundo Bonequeiro, antigo mestre)

REISADOS POR MUNICÍPIOS

1 - Abaiara: Reisado de Congos, Mestre José David de Sousa.
2 – Acarape: Reisado de Caretas, Boi Surubim, Caboclo do Boi: André Luiz Barros Macedo Oliveira.
3 – Acaraú: Reisado de Caretas da localidade de Santa Fé.
4 - Amontada: Reisado de Caretas, povoado de Caetano de Cima, Mestre Francisco Manoel de Sousa.
5 – Apuiarés: Reisado de Caretas, localidade de Várzea Grande, Mestre Antônio dos Santos Alves, o Tanilo.
6 - Aracati: Boi, localidade de Maceió (Mestre Raimundo André da Costa), Córrego da Nica (Mestre Antônio Palhaço).
7 – Araripe: Reisado de Caretas, Sítio Teixeira, Mestre Chiquinho Veloso, responsável atual: Reginaldo Veloso. Reisado de Congo: Distrito de Pajeú. José Antônio de Souza, o Zeli.
8 - Aratuba: Reisado de Caretas, localidade de Pai João (Mestre José Lima Sousa).
9 – Arneiroz: Reisado de Caretas, Mestre Caboclo Lino.

10 - Banabuiú, Reisado de Caretas, localidade de Laranjeiras,
11 - Barbalha: Reisados de Congo: (Mestres Damião Barbosa – Sítio Cabeceiras, Luís Tomé – Alto da Alegria, Antonio José da Silva – Conjunto Nova Esperança e Francisco Belizário dos Santos – Sítio Lagoa), Reisado de Couro ou Caretas, Sítio Barro Vermelho (Mestre José Pedro de Oliveira). Reisado de Bailes, Sítio Pelo Sinal (Mestre Luís Vitorino).
12 – Baturité: Reisado de Caretas, Mestre Chagas Xavier.
13 - Beberibe: Boi, localidade de Campestre da Penha (Mestra Hosana Francisca dos Santos). Localidade de Parajuru, brincante Artur Medeiros.
14 – Bela Cruz: Reisado de Caretas de Jenipapeiro, mestre Domingos Pereira do Nascimento. Reisado de São Gonçalo, mestre Benedito Marciano dos Santos. Reisado de Caretas, sede do município, Mestre Zé Antônio.
15 - Boa Viagem: Reisados de Caretas. (Mestres: Antônio Amaro da Silva e Deoclécio Lobo de Sousa).
16 - Camocim: Boi Pintadinho (Mestre Nêgo Chico).
17 - Campos Sales: Reisado de Congos e Reisado de Caretas, Lagoa dos Pinheiros (Mestres Antonio de Mariquinha e Antonio Romeiro, atualmente Chica do Rosário). Sítio Alívio, Reisado de Caretas, Mestre José Ribeiro da Silva.
18 - Canindé: Reisados de Caretas, Assentamento de Ipueira da Vaca (Mestres Raimundo Ramos da Silva e Manoel Ramos), e Bairro São Mateus (Mestre Lino).
19 - Capistrano: Reisado de Caretas (Mestre Sebastião Alves Lourenço, Sebastião Chicute).
20 - Caridade: localidades de Campos Belos, Inhuporanga. Reisados de Caretas
21 - Cariré: Reisado de Caretas, sede (Raimundo Nonato Evangelista Moraes).
22 - Caririaçu: Reisado de Congo, Mestre José Matias da Silva.
23 - Cariús: Reisado de Congos, povoado de Corredores (Mestre Francisco do Neco).
24 – Catarina: Reisado de Caretas, localidade de São Francisco.
25 - Caucaia: Boi, distrito de Capuan (Zé Tatu), e localidade de Jandaiguaba (Potengi Guedes Filho, o Babi).
26 - Cedro: Reisado de Caretas: mestre João Batista Ferreira.
27 – Choró Limão: Rua São Sebastião, Reisado de Caretas, Caboclo do Boi: Luís Gonzaga Vicente das Chagas, Dono do Boi: Otacílio Primo de Oliveira.
28 – Crateús: Reisado de Caretas de Patos, na Vila Graça; Caboclo: Antônio Cícero de Oliveira.

29 - Crato: Reisado de Congo da Vila Lobo: Mestre Aldenir Calou. Reisado de Congo Infantil da Bela Vista, Mestra Luisiane Calou. Reisado de Congo: Mestra Mazé Oliveira Luna.
30 - Croatá: Reisado de Caretas, Mestre João Ribeiro Oliveira, João Marica.
31 - Forquilha: Boi do Mestre Raimundo Altino.
32 - Fortaleza: Bois, Boi Lua Branca, Bairro Henrique Jorge (Mestre João Bernardo da Silva), Boi Reis de Ouro, Bairro Pirambu (Mestre José Maria Viana), Boi da Juventude, Praia das Goiabeiras (Mestre José Pio), Boi Tirol, Tirol (Mestre Deusdete), Boi Ceará, Conj. José Walter (Mestra Ilda).
33 - Graça: Reisado de Caretas, localidade de Pirituba (José Francisco Barros, o Zé Firmino).
34 - Granja: Boi, Prado (Mestre João Evangelista dos Santos, João Mocó).
35 – Guaraciaba do Norte: Reisados de Caretas, Distrito de Alegre (Caboclos Evandro Gomes e Gerardo Alves Pereira), e Sítio São José (dono Manuel Cândido de Sousa).
36 - Guaramiranga: Reisado de Caretas, Sítio Arábias (Mestre Vicente Chagas Gondim) e Mestre Antônio José Lima, o Zequinha.
37 – Horizonte: Boi Chicoião, na localidade de Timbaúba, distrito de Queimadas, Mestre José Bento de Lima, o Zé Bento. Boi do Dourado, na localidade de Dourado, Mestra Maria do Carmo.
38 - Ibaretama: Boi Coração. Mestre Raimundo Faustino da Silva (Popó).
39 – Ibiapina. Reisado de Caretas
40 - Independência: Reisado de Caretas, Assentamento Cachoeira do Fogo (José Rômulo da Silva, Mestre José Augusto).
41 - Ipaporanga: Reisado de Caretas, localidade de Torrões, Mestre Luís Rodrigues da Silva, o Luís Batizal; antigos mestres Manoel de Souza Nascimento e João Rodrigues Martins. Reisado de Caretas de Água Branca; Luís Salu é o Careta Caçula. Reisado de Caretas de Cajás dos Borges, Mestre João Gomes da Silva, o João Nêga. Reisado de Caretas do Sacramento. Mestre José Alves Barroso, o Zé Bileta.
42 – Irauçuba: Reisado de Caretas, do Mestre Antônio Conrado, sede.
43 – Itaíba: Reisado de Caretas, na sede do Município.
44 - Itaitinga: Reisado de Caretas, sede (Mestre João Paulo Fragoso).
45 - Itapipoca: Boi, Assentamento Maceió (Mestre Antônio Bica).
46 - Itapiúna: Boi (Mestre João Sergio de Souza, o Renato do Boi), e Reisado de Caretas, localidade de Barra Nova, Caboclo do Boi: José Augusto Tibúrcio.

47 – Itarema: Boi Lagoa da Arte, de Lagoa do Mineiro, Mestre Pedro Jorge. Itarema: Rezo, localidade de Varjota (Mestres Manoel Raimundo Cabral e Marcelino José Correia).
48 - Itatira. Reisado de Caretas de Lagoa do Mato, Mestre Antonio Bernardo da Silva.
49- Jaguaribara: Reisado de Caretas, sede (famílias Arruda: Edmar Arruda e Silva, e Bandeira: Zé Bandeira).
50 - Jaguaruana: Bois, Bairro de Cardeais, localidade de Afogados, e Distrito de Giqui (Mestre Zé de Tereza).
51 – Jijoca de Jericoacoara: Reisado de Caretas de Seu Mundim, no Córrego da Forquilha.
52 - Juazeiro do Norte: Reisados de Congos, sede, Reisado São Sebastião, de Sebastião Cosmo, Reisado Nossa Senhora de Fátima, de Maria de Fátima, Guerreiro de Dona Margarida, Reisado Dois Irmãos (ou Discípulos de Mestre Pedro), Reisado de Lúcia, Reisado dos Franciscanos (Mestre Matias), Reisado do Salesiano (Francisco Felipe Marques, Mestre Tico). Reisado de Dedé Luna, feito só por mulheres. Há ainda os reisados de mestre Tarcísio e o da Mestra Vicência.
53 - Limoeiro do Norte: Boi da Faceira (José Simão, mestre, e Francisco das Chagas da Costa, dono).
54 – Madalena, Reisado de Caretas, Fazenda Teotônio e Bairro Henrique Jorge, (Dono do Boi: Simão, Caboclo do Boi: Birô).
55 - Maranguape: Reisado de Caretas, Ladeira Grande.
56 - Marco: Reisado de Caretas, Mestre Francisco Faustino de Maria, o Zé Faustino; e Reisado de Caretas de Manuel Ubaldo Reis, o Manuel Balde. Rezo de Arara, Mestre Zé Raimundo.
57 - Martinópolis: Reisado de Caretas da Turma do Brito. Mestra atual: Maria do Carmo. Mestre antigo: Chico Brito (veio do Piauí).
58 – Mauriti, Reisado de Congos, Vila Operária, Mestre Denísio Félix, responsável atual: Genésio Félix de Moura.
59 - Meruoca: Reisado de Caboclos (Mestre Chico Petronilo).
60 - Miraíma: Reisado de Caretas, localidade de Poço da Onça (Mestre Manoel Torrado).
61 - Missão Velha: Reisado de Congos, Sítio Pontal da Serra, mestre Raimundo Firmino dos Santos, o Raimundo Boi.
62 - Monsenhor Tabosa: Reisado de Caretas, Assentamento Santana (Mestre Florêncio Virgílio do Nascimento).

63 - Morrinhos: Reisado de Caretas da Família Romão, localidade de Juiz. Mestra atual: Maria de Lourdes Mariano. Antigo mestre: Pedro Mariano.
64 - Mucambo: Reisado de Caretas, Laje do Juca, distrito de Carquejo (Mestre Alcides Carlo), e no Sítio Caldeirão.
65 - Mulungu. Reisado de Caretas: Mestre Raimundo Marcos Vieira.
66 - Nova Russas: Reisado de Caretas da localidade de Moringue, Mestre Raimundo Bezerra de Souza, o Raimundo Alfredo.
67 - Novo Oriente: Reisado de Caretas do povoado de Bom Sucesso, Mestre José Sobral da Costa, o Zé do Chico. Há também um Reisado Mirim, em Bom Sucesso. Reisado de Caretas de São Pedro, Caboclos: Cícero José da Silva e Antônio Oliveira, o Citônio. Reisado de Caretas de Morgado, Caboclos: João Batista e Antônio Rodrigues. Reisado de Caretas do Mestre Macaxeira, na sede do Município, Bairro Oriente. Reisado de Caretas Mirim, no Bairro Oriente, na sede do Município. Reisado de Caretas da Comunidade Quilombola de Minador.
68 - Ocara: Reisado de Caretas (Mestre Luciano Correia dos Santos).
69 – Pacatuba: Boi, do Bairro São Luís, Mestra Vilalba Férrer de Oliveira.
70 – Pacoti. Reisado de Caretas, (Mestra Dona Edite).
71 - Pacujá: Reisado de Caretas na Fazenda Vertente (Chico Domingos).
72 – Palmácia, localidade de Gado dos Rodrigues, Mestre José Bernardo, Reisado de Caretas.
73 - Paraipaba: Reisado de Caretas, Boi de Dona Zica, Mestra Zica Alves Bastos. Antigo mestre Manuel Nunes, o Evaristo.
74 – Parambu: Reisado de Caretas de Campo Grande, Mestre Cecílio. Há também Caretas de Semana Santa, em Monte Sion.
75- Paramoti: Reisado de Caretas, na localidade de Melado; e Reisado do Alto da Bela Vista, de Caretas.
76 – Pedra Branca, Boi, no bairro de Santa Úrsula, na sede do município, Mestre Ferreirão.
77- Pentecoste: Reisado de Caretas, Fazenda Capivara (Caboclo do Boi: Chico Pendenza).
78 – Poranga: Reisado de Caretas do Distrito de Arraial, Mestre Raimundo Gomes do Nascimento. Reisado de Caretas do Bairro de Jardim das Oliveiras, Mestre Luiz de Souza Lima, o Luiz Chico.
79 - Potengi: Reisado de Caretas, Sítio Sassaré (Mestre Antônio Luís de Souza).
80 - Quiterianópolis: Reisado de Caretas (Mestre Tonico Lacerda) e Mestre João Silva de Macedo.

81 - Quixadá: Reisado de Caretas, Assentamento de Alto Alegre (Mestre Nonato Pio), Boa Água, Distrito de Cipó dos Anjos (Mestre Francisco Firmino de Assis).
82 - Quixeramobim: Reisado (Mestre Antônio Batista da Silva, o Antônio Piauí).
83 – Quixeré, Reisado Beija-Flor. Dono: Antonio Manoel Filho, o Toinho. Boi de Tisna, mestre Manuel de Laura, em Boqueirão.
84 - Redenção: Boi, Mestre Manuel Viana de Souza.
85 – Russas, Boi Russano, de Raimundo da Júlia e Beija-Flor, e Boi Pau do Campo.
86– Salitre: Reisado de Caretas na sede do município (Raimundo Bonequeiro, antigo mestre).
87 - Santana do Acaraú: Boi, Mestra Maria Dagmar de Souza.
88 - Santa Quitéria: Reisado de Caretas, Mestres Antonio Ferreira Lima e Antonio Jorge de Paiva (Darlei).
89 – São João do Jaguaribe: Boi, na localidade de Bela Vista, Mestre José Conrado.
90 - Senador Pompeu: Reisado de Caretas, Lindóia, Caboclo do Boi: José Viana. São Joaquim de Cima, Caboclo do Boi: João Chico e João André do Nascimento.
91 - Sobral: Bois. Ideal (Mestre Panteca), Lagartixa (Mestre Tarcísio Margarida), Jacaré (Mestre Fernandes Faria). Reisado de Caretas do Assentamento Lagoa Esperança da Manga (Mestre Antônio).
92 - Tamboril: Reisado de Caretas, Assentamento Aprazível (Mestre João Cavalcante). Reisado de Caretas do Sítio Escuro, município de Tamboril, Mestre Zé da Preta.
93 - Tarrafas: Reisado de Caretas, Mestre Francisco Norões de Menezes.
94 - Tauá: Reisado de Caretas de Poço da Onça, Mestre José Alves de Araújo. Reisado de Caretas da sede do Município, Mestre Antônio Carcará.
95 - Tejuçuoca: Reisado do Boqueirão, Distrito de Malaquias. Mestre Cláudio Alves Araújo, o Cláudio Boa. Reisado de Caretas do Açude. Mestre Genésio da Silva. Reisado de Caretas de Jardim. Mestre Sebastião Gomes dos Santos, o Tio Bartô.
96 - Trairi: Boi de Rezo de Marrecas. Boi do Guajiru, Mestre Raimundo Nonato Dias de Moura.
97 – Tururu, Reisado de Caretas, Assentamento de Novo Horizonte, Mestre Antonino.
98 – Ubajara, Reisado de Caretas (Mestre Antônio José da Silva Mulato).
99 – Uruburetama: Reisado de Caretas do Lajeiros, adulto e infantil.
100 - Várzea Alegre. Reisado de Caretas, formado por mulheres, Sítio Roçado de Dentro, mestra Francisca Alencar.
101 – Viçosa do Ceará: Reisado de Caretas. (Antônio Araújo de Carvalho, Mestre).

ANEXO C – REISADOS REGISTRADOS PELO MAPEAMENTO UNICEF (2006)

LITORAL OESTE VALE DO CURU	
ACARAÚ	
Reisado de Santa Fé	
Figuras: Papangus, Velho, Velha, Boi, Jumento, Cassaco, Caboré, Bode, Burra.	
Orquestra: Pandeiro, triângulo, sanfona, cheque de mão etc.	
APUIARÉS	
Reisado de Caretas de Várzea Grande, Mestre Francisco Antonio dos Santos Alves, o Tanilo.	
Antigo mestre: Sebastião Pereira Ladislau. Há Boi, Burra e Cavalo. Orquestra: sanfona e pandeiro.	
BELA CRUZ	
Reisado de Caretas de Jenipapeiro, mestre Domingos Pereira do Nascimento.	
Figuras e Bichos: Velho, Velha, Boi, Burra, Bode e Caçador.	
Reisado de São Gonçalo, mestre Benedito Marciano dos Santos.	
Bichos e Figuras: Boi, Burrinha, Caçador, Jumento e Caboré.	
Orquestra: violão e pandeiro.	
Reisado de Caretas, sede do município, Mestre Zé Antônio.	
JIJOCA DE JERICOACOARA	
Reisado de Caretas de Seu Mundim, no Córrego da Forquilha. Boi, Bode, Caçador, Velha e Caboré. Orquestra: sanfona, pandeiro e tambor.	
MARCO	
Reisado de Caretas, Mestre Francisco Faustino de Maria, o Zé Faustino. Orquestra: sanfona, pandeiro e violão.	
Reisado de Caretas de Manuel Ubaldo Reis, o Manuel Balde.	
Rezo de Arara, Mestre Zé Raimundo. Figuras: Boi, Burra, Bode, Caçador (um cachorro), Jaçanã, Caboré, Lampião, e de 5 a 6 Caretas, entre outros: Velho, Velha e Caçulo.	
MARTINÓPOLES	
Reisado de Caretas da Turma do Brito. Mestra atual: Maria do Carmo. Mestre antiga: Chico Brito (veio do Piauí). Orquestra: sanfona, pandeiro e triângulo.	
MORRINHOS	
Reisado de Caretas da Família Romão, localidade de Juiz. Mestra atual: Maria de Lourdes Mariano. antigo mestre: Pedro Mariano. Boi, Bode, Cachorro Velha e Papangus.	
PARAIPABA	
Reisado de Caretas, Boi de Dona Zica, Mestra Zica Alves Bastos. Antigo mestre Manuel Nunes, o Evaristo.	
TEJUQUOCA	
Reisado do Boqueirão, Distrito de Malaquias. Mestre Cláudio Alves Araújo, o Cláudio Boa.	
Entre outros: Boi e Vaqueiro.	
Reisado de Caretas do Açude. Mestre Genésio da Silva. Entre outros: Vaqueiro, Velha, Boi,	

Burrinha e Caramelo. Orquestra: sanfona, pandeiro e zabumba.
Reisado de Caretas de Jardim. Mestre Sebastião Gomes dos Santos, o Tio Bartô.
TRAIRI
Boi de Rezo de Marrecas. Entre outros: Boi, Papangu e Vaqueiro.
Boi do Guajiru, Mestre Raimundo Nonato Dias de Moura. Entre outros: Vaqueiro, Papangus, Velha, Burrinha e Cavalo.
URUBURETAMA
Reisado de Caretas do Lajeiros, adulto e infantil.

INHAMUNS
ARNEIROZ
Reisado do Mestre Ema, Mestre Antonio Lino da Rocha, o Caboclo Lino. Figuras, Bichos e Entremeios: Mateus, Catirina, Buerreiros e Passistas, Boi, Burrinha, Passarinho, Cavalo, Caipora, Mãe D'Água e Acauã ou Cuã.
CRATEÚS
Reisado de Caretas de Patos, na Vila Graça. Caboclo: Antônio Cícero de Oliveira. Orquestra: Sanfona, pandeiro e triângulo. Há três Caretas, Boi e Burrinha. Há a Besta Fera, Uma caveira que briga com o Boi e ganha uma rapadura para se acalmar (parece o Babau).
IPAPORANGA
Reisado de Caretas de Torrões, Mestre Luís Batizal. Antigos mestres: Manoel de Souza Nascimento e João Rodrigues Martins. Três Reis Magos, Boi, Burrinha, Borboleta, Vaqueiro, Poeta, Jumento, Repentistas, Capitão, Velho e Velha. Sanfona, pandeiro e triângulo.
Reisado de Caretas de Água Branca. Luís Salu, Careta Caçula.
Reisado de Caretas de Cajás dos Borges. Mestre João Gomes da Silva, o João Nêga. Caipora, Saci e Caboclos de Pena, entre outros.
Reisado de Caretas do Sacramento. Mestre José Alves Barroso, o Zé Bileta. Damas, Índios, Velho e Velha, Caretas, Boi e Burra.
NOVA RUSSAS
Reisado de Caretas de Moringue. Feito pelas famílias Carvalho, Freitas e Melquize. Figuras, Bichos e Entremeios: Palhaços, Veleiro (tipo Velho, quem comanda o reisado), Moleque, Vaqueiro, três Moças, Boi e Burrinha. Orquestra: sanfona, violão, pandeiro e triângulo.
NOVO ORIENTE
Reisado de Caretas de Bom Sucesso. Mestres: Zé Chico e Totó. Orquestra, rabeca (Chico Carolino) e zabumba. Boi, Burra, três Caretas e duas Cantadeiras. Há também um Reisado Mirim.
Reisado de Caretas de São Pedro. Caboclos: Cícero José da Silva e Antônio Oliveira, o Citônio.
Reisado de Caretas de Morgado. Caboclos: João Batista e Antônio Rodrigues.
Reisado de Caretas do Mestre Macaxeira, na sede do Município, Bairro Oriente.
Reisado de Caretas Mirim, no Bairro Oriente, na sede do Município.
Reisado de Caretas da Comunidade Quilombola de Minador.

PARAMBU
Reisado de Caretas de Campo Grande, Mestre Cecílio. Há também Caretas de Semana Santa, em Monte Sion.
PORANGA
Reisado de Caretas do Arraial (distrito), Mestre Raimundo Gomes do Nascimento.
Reisado de Caretas do Jardim das Oliveiras, bairro, Mestre Luiz de Souza Lima, o Luiz Chico.
TAUÁ
Reisado de Caretas, Mestre Antônio Carcará.

SERTÃO CENTRAL
BOA VIAGEM
Reisado de Caretas, sede do município, mestre Antônio Amaro da Silva.
Boi João Paulo II, Reisado de Caretas, Mestre José Arlindo Simão Vieira.
IBARETAMA
Boi Coração. Mestre Raimundo Faustino da Silva (Popó). Boi, Burra, Ema, Damas, Cadetes e Caboclinhos.
Boi. Sede do município. Mestre Francisco Suerdo Rodrigues.
PARAMOTI
Reisado do Alto da Bela Vista.
PEDRA BRANCA
Boi, no bairro Santa Úrsula, sede do município, Mestre Ferreirão.
QUIXERAMOBIM
Boi, Fazenda Lajes, distrito de São Miguel.
Boi Maravilha, sede. Mestres antigos: Zé do Boi, depois Antônio de Mariaguida, até chegar nos irmãos Batista: Valdemar, Chido e Piauí.
SANTA QUITÉRIA
Reisado de Caretas, localidade de Lisieux, mestre Antônio Jorge de Paiva (Darlei).
SENADOR POMPEU
Reisado de Caretas, Sítio Poço do Peixe, Mestre João Inácio dos Santos. Algumas figuras: Boi, Burra, Jumento, Ema Zé Grolado e Zé Ciridinho.

LITORAL LESTE- VALE DO JAGUARIBE
ITAÍÇABA
Reisado de Caretas: Boi, Urubu, Burrinha, Maria Fogosa, Babau, Duas Moças, Vovô, Velha Catirina e Caboclo da Festa.

BEBERIBE
Boi Surubim, Sítio Lucas.
SÃO JOÃO DO JAGUARIBE
Boi, localidade de Bela Vista, mestre José Conrado.
RUSSAS
Boi Russano, Mestre Beija-flor, 30 brincantes, de 12 a 66 anos, das comunidades de São João Deus e Timbaúba, fundado em 1999.
Boi Pai do Campo, fundado em 1914, que teve como antigo mestre Francisco Ozano. Extinto em 1989 e reorganizado em 2006 pelo Mestre Zé Graciano.
Peça de Abertura do Boi Pai do Campo: “Pai do Campo chegou /Vamos brincar/Só não quero que venha/Me incomodar. /Balanceia, Pai do Campo/Balanceia para o povo apreciar/Só não quero que venha/Me incomodar. /Balanceia Pai das Ondas/Boi Torino Araçá/Brinca, brinca Pai do Campo/Brinca, brinca, eu quero olhar. /Quero ver meu Pai do Campo/No salão balancear.”

FORTALEZA- REGIÃO METROPOLITANA
ITAITINGA
Reisado de Caretas. Mestre João Paulo Fragoso, Boi Coração. Figuras: 6 Cadetes, 6Dançarinas, 1º. e 2º. Caboclo, Burrinha, Ema, Cabeça de Fogo ou Jaraguá, Índio e Camaleão.
HORIZONTE
Boi Chicoião, Mestre José Bento de Lima (Zé Bento), localidade de Timbaúba, distrito de Queimadas. Figuras: 8 Papangus ou Caretas, Catirina, Burrinha, Jaraguá, Cabeça de Fogo e Índios. Boi do Dourado, localidade de Dourados, Mestra Maria do Carmo.
PACATUBA
Boi do bairro São Luís, Mestra Vilalba Férrer de Oliveira.

ZONA NORTE – SERRA DA IBIAPABA
IBIAPINA: Há um Reisado de Caretas, verificar no Relatório da Expressão Cultural.
FORQUILHA: Boi do Mestre Raimundo Altino.
IRAUÇUBA: Reisado do Mestre Antônio Conrado, na sede.
SOBRAL: Reisado de Caretas, localidade de Recreio, mestre Manoel de Souza, o Nel. Há uma figura por nome Maria Gentina.
Boi Cristal: Bairro da Sinhá, Mestre Luís Tupinambá Gomes, o Babá (filho do dono do Boi Lagartixa).
Boi Vamp: sede, Francisco Eugênio Garcia (galante).
Boi Coração: do Assentamento Lagoa do Mato, Mestre Antônio Ferreira Lima.
Boi Tradição: Bairro Dom Expedito.
Boi Caiçara: Bairro Dom Expedito, mestre Francisco Fábio, o Palmeira.

CARIRI
MISSÃO VELHA: Há um Reisado no Sítio Pontal da Serra, cujo mestre é Raimundo Firmino dos Santos, conhecido como Raimundo Boi.
BREJO SANTO: Reisado de Congo, no Sítio Pontal da Serra, Mestre Raimundinho Cajueiro.
SALITRE: Reisado de Caretas e de Congo, na sede do município, cujo antigo mestre era Raimundo Bonequeiro. Há um Rei e uma Rainha. Mulheres trajam saias brancas compridas, blusas azuis de mangas compridas, bordadas e sandálias. Homens usam calças, botas, chapéu de papelão com fitas coloridas, máscaras com barbas, que eram cortadas durante a apresentação do Reisado, com espada.
CENTRO-SUL
VÁRZEA ALEGRE: Reisado de Caretas, formado por mulheres, Sítio Roçado de Dentro, mestra Francisca Alencar.

APÊNDICE – QUINTALEMBRANDO

(Antes de começar a encenação, toca o apito. Logo em seguida começa a cantar. Repete a música várias vezes. Trazer alegria e animação. Enquanto canta, também dançar e brincar com jogos populares)

Brincar é bom 2x

Brincar foi minha infância 2x

Ainda hoje tenho lembrança do brincar que brinquei 2x

Chegou a vez, eu hoje tô recordando 2x

E a velhice desmanchando o que a Mocidade fez 2x

Narrador:

Brincar é bom. Brincar foi minha infância. Ainda hoje tenho lembrança do brincar que brinquei. O que me trouxe aqui foi o brincar. Porque eu já tinha esquecido de quando eu brinquei. Você tem lembrança do brincar que você brincou? Pode escrever, que eu vou levar comigo. Posso levar? **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)** Quando você era criança, você brincava de que? Pode escrever aqui também. Vou levar também **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)**. Do que você brincava quando era criança? Escreve aqui. Vai comigo também. **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)** E você? Lembra do que brincava quando era criança? Tá, pode escrever aqui.

(Faz esse jogo de perguntas até conseguir preencher a blusa com uma quantidade significativa jogos escritos pela plateia)

Narrador:

Tá bom então. Depois de grande, eu nunca mais brinquei. Gente grande esquece de brincar. Mais por que a gente esquece de brincar quando vira gente grande? Por que esquecemos de algo que trazia tanta alegria?

Narrador:

Mais o que me fez esquecer de brincar? O que aconteceu nesse caminho que a brincadeira foi sumindo da minha vida? Por que eu deixei isso acontecer?

Narrador:

Ei, você, por que esqueceu de brincar? Escreve aqui. Eu quero lembrar das coisas que podem fazer a gente deixar de brincar. **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)** O que te fez deixar a brincadeira de lado? Pode escrever aqui. **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)** Por que você não brinca mais? Toma, escreve bem aqui. **(Entrega uma caneta e pede para escrever na blusa)**.

(Faz esse jogo de perguntas até conseguir preencher a blusa com uma quantidade significativa jogos escritos pela plateia)

Narrador:

Eu adorava quando ouvia o som do apito da escola tocar. **(Toca o apito)** Era hora do recreio. Era hora de brincar. A gente ia brincar de bandeirante. A gente forma os times. Cada um de lado. Era preciso pegar a bandeira do adversário.

Narrador:

Cada integrante do grupo se arriscar para pegar a bandeira. Era difícil pegar aquela bandeira. Mas eu tentava, tentava até conseguir. Eu tinha que desviar dos que estavam tentando me pegar. **(Faz o gesto de desvio)** Por pouco eles não me pegavam.

Narrador:

Eu fui mais rápido **(Grita com energia de vitória)** e consegui levar a bandeira para o meu time. **(Risos)**

Narrador:

Esse negócio de perder tempo. Não era perda de tempo Eu gostava tanto de brincar. Por que eu parei de brincar?

Narrador:

Até que um dia. Era noite. O céu estava estrelado e a lua estava bem cheia. E de repente, eu comecei a ouvir um barulho.

(Entra um som de reisado – Reisado é bom)

(A música toca por um tempo)

Narrador:

Eu fiquei curioso e fui ver o que estava acontecendo. Era tanta gente reunida naquela praça. Eu me aproximei mais um pouco. Foi aí que eu o vi. Ele tinha a cara pinta. Uma cafuringa colorida cheia de coisas reluzentes. Sua roupa era colorida. Carregava um rosário. E ainda usava um óculo escuro. Mesmo sendo noite.

Narrador:

E foi ali que eu vi o Mateu brincar. Fazendo graça com todo mundo. Fazendo todo mundo correr. Fazendo todo mundo rir. Chamando tudo mundo para vir brincar. Ele não parava de polir com pessoal. Os meus olhos brilhavam. Não parava de rir.

Narrador:

Foi então que eu lembrei o que era brincar. E aí eu fui atrás do Mateus.

(Nesse momento pega o Jaraguá feito de madeira, canta uma parte da música e em seguida mostra o Mateus e os outros personagens)

Estava debaixo
 De um arvoredo
 Ao meio-dia
 Estava descansando
 Ouvi um canto
 Tão saudoso
 Só me parece
 Um passarim cantando
 Mas que bicho feio
 Virgem Mãe de Deus
 É o Jaraguá, ô maninha
 Para pegar o Mateus
 Chegou chegou
 Já chegou meu Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Cumprimenta cumprimenta
 A criançada, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Ta bonito ta bonito
 Ta bonito Jaraguá

O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Cata piolho cata piolho
 Cata piolho Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Faz cafuné faz cafuné
 Faz cafuné, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Meia volta meia volta
 Volta e meia, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Vai embora vai embora
 Vai embora, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar
 Foi embora foi embora
 Foi embora, Jaraguá
 O bichinho é bonitinho
 Ele sabe vadiar.

Narrador:

Esse aqui é o Jaraguá. O bichinho é bonitinho, mas ele gosta mesmo é de vadiar. Ele é grande. Tem gente grande e pequena que morre de medo dele. Acho que é por causa da boca grande que ele, mas esse bichinho não faz mal a ninguém. Ele na verdade quer só brincar.

Narrador:

E aqui é o Mateus. Ele tem o costume de tocar um bandeiro. Mas ele não estava só. A Catirina sua amada ao seu lado estava. E olha que coisa coisada. Pois ela não estava embuchada. Estava grávida. E um desejo estranho inventou. Pediu a língua do boi. Mais essa história um outro dia eu posso contar.

Narrador:

E lá estava a burrinha, o marinheiro, o Zé Fulô, o Capitão, o Camaleão, o Boi, o Sapo, a Ema. Estava todo mundo brincando. Brincando de reisado.

Narrador:

E eu não parava de olhar o Mateus Brincar. Ele me deixou hipnotizado. Que fez que eu fosse lá! Atras. Que reencontrasse o Gleicin. Aquele menino que gostava tanto de brincar. **(Guarda o Mateus e pega o boneco que será usado como o Gleicin coloca no cantinho)**

(Pega a boneca que representa a vó coloca em outro lugar)

Vó: Ô Gleicin, Gleicin, Gleicin!!!!!! Ai meu Deus. Minha virgem Maria. Por onde anda esse minino! Ô Gleicin, Gleicin, Gleicin! O que será ele tá aprontando. Eu não sei não!

(Brincar de amarelinha)

Neto: Já vou Vó! Já vou! Eu já tô indo!

Narrador: Quando ela o chamava. Hum... Pode ter certeza. Alguma coisa tinha! E isso geralmente acontecia na hora que ele ia inventava de brincar. Parecia até que ela conseguia adivinhar.

Narrador: Lá no terreiro de casa da vó dele. Ele descobria vários mundos. Criava tudo que imaginavam. Tudo se transformava. Subir num pé de cajueiro era uma aventura. Cheia de desvios.

(Pega a escadinha de madeira e o boneco para mostrar a subida no pé de ciriguela)

Narrador: Quando ele brincava de pega-pega. Ele se metia em cada uma. Uma fez inventou de subir o pé de ciriguela. E pra descer. **(Risos)** Ele muito confiante que ninguém iria ter coragem de subir para pegá-lo.

Narrador: Hum... de repente, ele olhava para baixo. E lá estava, o pegador. Ele iria ser pegue e passaria a ser o próximo pegador. No desespero, ele pensava em pular. Mais como? Se estava muito alto? O dilema começou. Se eu não pular serei o próximo a ser o pegador. Se eu pular posso quebrar alguma parte do meu corpo. E agora o que fazer? Ele pensou.

Avó Maria:

Gleicin onde é que tu tá minino?

Neto:

Já vou Vó! Eu já disse que eu tô indo! Tem calma Vó!

Vó:

Ô Gleicin, Gleicin, Gleicin vem aqui menino!!!!!! Mais não precisa correr não! Não corra não, pra você não acabar tacando as venta no chão! Minino!

Narrador:

Mas ele não tava nem aí. Ele corria, corria, corria, desembestado!!!

Não se importava se fosse tacar as venta no chão não.

Narrador:

Mas sabe por quê?

Narrador:

Porque ele sabia, ele já imaginava que alguma coisa... Hum!!!!!!!!!! ***(Faz som com a boca, como se estivesse lembrando de algo que comeu e que gosta muito)***. A vizinha dele estava preparando. Mais o que? Será que ela ia dar carão nele?

Narrador:

O que foi que aconteceu? *(Começa a rir do lembrou quando ouviu a história)* e adivinha... quando ele chegou lá na casa dela. Ele se deparou com uma cena que o fazia ficar cada vez mais preocupado.

Narrador:

Ele viu nas mãos dela um copo de vidro com água. A água era meia turva, com umas raspas de... Hum, parecia umas raspas de madeira. E ela perguntou se ele não queria aquela água. *(pausa)*

Narrador:

Quando de repente! Ele se inclinou. Tentou olhar por trás dela e viu que tinha uma mesa!

Narrador:

E lá estavam. Lá estavam elas. Elas estavam quebradas. Estavam apartadas. Estavam separadas. Hum!!!!!! Era o dia.

Narrador:

Ele finalmente aceitou o copinho de água. Mais não era a água do pote ou do filtro que costumava beber! Porque o que tava em cima da mesa. Hum!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! *(Faz som com a boca, como se estivesse lembrando de algo que comeu e que gosta muito)*. Eram... as quengas! Era as quengas de coco. Ali, em cima da mesa? Não, ele não acreditava que estavam ali.

Hum!!!!!! Ele não acreditava. Aqueles cocos iam ser rapados. Hum!!!!

(bebe a água)

Narrador:

Ele disse que aquela água tava tão boa, tão boa, que quando ele bebeu, se molhava todo. Ficava todo melado com aquela água. Parecia até que tava com a boca furada. *(Começa a rir)*.

Narrador:

Pois bem. Ele tinha bebido toda a água. E aí, finalmente, finalmente o que ele esperava, estava para acontecer *(Rir)*. Sim, sim. Ela ia começar o ritual. Ela se preparava para dar início aos preparativos.

Narrador:

Tudo já estava sobre a mesa. Uma baça de alumínio, um rapado de coco e os cocos.

(Pega o boneco e coloca ele sentado no chão)

Vó:

Cadê ele? Ô meu Deus. Eu acabo esquecendo onde coloquei. Cadê você? Ah... Achei você. Pronto. Você pega o banquinho. Deixa perto os cocos. Valha, agora eu não sei onde ela tá? Você a viu Gleicin? Como o que? A bacia de alumínio minino! Tá bom. Pera que eu vou achar.

Onde você se escondeu? Minha nossa senhora. São Longuinho, São Longuinho, se eu achar essa bacia de alumínio, eu dou três pulin. Aí Gleicin, onde eu botei essa bacia. Ô meu Deus. Ah.... Achei! Graças a Deus.

Vó:

(Olha para o neto) Tá olhando o que Gleicin. Sim eu sei. Eu sei eu prometi dar os três pulin. Você tá achando que sua vó ia mentir para São Longuinho? Peraí. Eu as minhas promessas. Tenha calma meu fi. **(Dá os três pulinhos)** Pronto. Eu disse que ia dar os três pulinhos.

Vó:

Pronto meu Gleicin. Cadê? **(Procurando os cocos)** Ah, tá aqui. **(Olhando para o neto)** Preste atenção que depois quando eu precisar que você rape uns cocos pra mim. Você já tem aprendido. Cadê meu banquinho? Tá qui você. Agora o rapador.

Preste a tenção. Você vai bota em cima do banquinho o rapador, depois se senta. Mas tem que deixar embaixo das coxas. Tem que ver se tá bem firme. Pra não cair e você acabar se machucando. Puxa a bacia pra perto e coloca ela entre as pernas ou pode também segurar com as batata da perna.

(Olha para o neto) Gleicin, Gleicin! Você tá prestando atenção mínimo? Você preste atenção! Agora você pega os cocos e começa a rapa.

(Nesse momento ela começa a rapar e fazer o som que lembra o de rapar coco. Ela rapa vários, causando a sensação de que tão sendo vai acabar)

Narrador:

Parecia que ela não ia parar de rapa aqueles cocos. E rapava, rapava, rapava e rapava. Até que finalmente todos os cocos tinham sido rapados. Ainda sentada na cadeira pergunta a ele:

Avó:

Gleici... Tu vai querer essas quengas?

Narrador:

Ele respondia

Neto:

Claro que sim Vó. Pensava que avó não ia me perguntar. A senhora sabe muito bem que toda vida, quando a senhora vai rapa o coco. Eu sempre acabo ficando com as quengas. E a senhora sabe muito bem o porquê.

Narrador:

E aí, ela dava todas as quengas para ele.

Neto:

(Ele olha para as quengas e reparava que ainda tinha coco) Num é um que ainda tinha um tiquinho, uns pedacinhos, é bem pouquinho, é quase nada, mais ainda tem. Ainda tinha coco nas quengas

Narrador:

(Pega a boneca e coloca num cantinho do chão para o neto) Ele pensou então... Vou pedir um pouquinho de açúcar. E foi. todo desconfiado. Meio sem jeito, mas foi com a cara lisa.

Neto:

Vó, ei só... Vó... eu quero pedir uma coisa a senhora?

Vó Marias:

O que você quer? Eu não já lhe dei as quengas. O que você quer mais?

Neto:

É... eu só... quero. Hum. Ai Jesus. Vó me dá um tiquinho de açúcar?

Vó:

Tu quer açúcar pra que minino? Depois tá cheio de lombriga! Não come direito e aí fico doente. Não vou dar não! Não!

Neto:

É só um pouquinho Vó! É pra misturar com restinho do coco que ficou nas quengas. É pra não estruir! Me dá só! Me dá! Me dá! Me dá! Me dá! Me dá! Me dá! Me dá!

Narrador:

Depois de muita peleja. Ele conseguia o açúcar.

Vó: Tá bom minino. Tá bom. Eu vou te dar. Pra que esse aperreção. Ave Maria. Num sei não viu Gleicin.

Pronto minino. Tai. E pra comer todin. Depois fica com uma diarreia por aí. Fica se cagando. Tomará que não dê uma fininha. E eu vou logo dizendo. Se você for inventar de cagar nos matos, leve papel. Vai que você pega uma folha de urtiga e vai se limpar com.

Vó:

(Olha para o neto, ainda com a vasilha de açúcar e colher na mão) Como é? Que história essa Gleicin. Eu sei muito bem que quando você inventa de ir procura castanha, você acaba cagando no mato. E nem venha dizer que mentira. Um dia desse você veio se queijar e acabou dizendo o que tinha acontecido. Meu fi, eu só digo essas coisas pro seu bem. Não fique assim não. Você quer mais açúcar? Quer? Tome, a vovó dá mais. Tem certeza? Certeza? Depois vai ficar reclamando. Toma! Não? Tão bom então.

(Guarda a vasilha e acolher)

Narrador:

Depois de comer tudo. Ele ficava sentado olhando pra ela pegar todo aquele coco.

Vó:

Tá olhando Gleicin. Vai ficar sentado mesmo? Tá bom. Pode ficar. Aproveita e fica olhando eu fazer isso aqui, viu?

Vó:

(Procura a panela de alumínio, a colher de pau, o açúcar. Começa o ritual de colocar os ingredientes na panela)

Vó:

Você viu que eu coloquei tudo na panela. Agora vou misturar tudo, bem misturado. Depois levo para o fogo. E mexo até o açúcar derreter todin. *(Continua com gesto de mexer e em alguns momentos, pega um pano de prato e limpa o rosto como se estivesse suando. Faz todo o ritual de preparar o tijolin. Mexe até ficar no ponto. Depois tira a panela do fogo e colocar na forminha)*

Vó:

Onde foi que eu coloquei ela! Lá vai eu procurar de novo. Gleicin, você onde eu coloque a minha forma? Aquela minino. Aquela que parece uma escada. Sabe aquelas escadas q a gente usa para ajeitar a goteira da casa. Como não viu. Ô meu Deus. Deixa eu vê. Onde! Achei! Pronto!

(Mostra através de gestos como monta os tijolinhos)

(Deixa de ser vó e volta a ser narrador)

Narrador:

É, ela estava fazendo tijolinho. E o seu neto dizia que ninguém fazia um tijolinho que nem o dela. E era bom! Ele espalhava para todo que era tão bom, tão bom que não tinha ninguém em lugar algo, por perto da daquela região onde eles moravam que fizesse um tijolinho como o dela.

Narrador:

Mais o Gleicin era muito agoniado, aperreava de mais a sua vó. Ele perturbava tanto sua vó, que ela acaba sendo o que ele pedia.

Neto:

(Fala em direção a boneca) Quero logo comer. Me dá Vó. Só um.

Narrador:

E ela tentava explicar que não podia comer ainda porque estava quente.

Vó:

Minino, num pode! Ainda tá quente. Tu vai queimar os beijo. E ainda vai dar uma diarreia! Vai acabar se cagando todinho. Depois a tua mãe não vai gostar. Ô Neuza, Neuza! Ela não tá em casa não.

.

Narrador:

Ele não desistiu. Teimou que ia conseguir aquele tijolin. E de novo começou a perturbar a vó dele.

Neto:

Ô vó! Eu quero. Me dá. Só um. Eu prometo que não vou comer ele logo. Medá!

Narrador

E ela acabava cedendo.

Vó:

Tá bom! Mais num é pra comer agora não! Depois dá uma dor de barriga! E você já sabe

Narrador:

Mas como ele era maluvado, teimoso. Saia de fininho. Pegava as quengas, botava o tijolinho dentro de uma quenga e ia lá casa da mãe dele... Ele não ia lá pra casa da mãe só comer o tijolinho escondido não. Ele lembrou que precisava de mais uma coisa. Ele lembrou que precisava de punho de rede.

Narrador:

(pega a rede pequena que está dentro da panela) Sabe aquela rede veinha que a gente lava e usa, lava e usa, lava e usa. Até que um dia quando a gente tá bem cansado e se deita de uma vez nela e ela acaba rasgando no meio? Pois é dela que eu tô falando.

Narrador:

Bem acabadinha que as vezes é jogada fora. Pois bem, ele dizia que a mãe e a vó não jogavam fora não. Elas aproveitavam os punho e o resto da rede fazia de pano de chão.

Narrador:

Ele procurava por toda a casa. E nada de encontrar. Era procurando e comendo o tijolinho. Ele pensou:

Neto:

Será que os punho tinham acabado? Será que não se fazia mais punho de rede? O mundo estava sem punho de rede? Como seria um mundo sem punho de rede? Como alguém pode viver sem punho de rede.

Narrador:

Talvez a vó Maria ainda tenha punho de rede. Decidiu voltar para casa da vó. ***(Vai correndo, mas sem sair do lugar)***

Neto:

(Fala em direção a boneca) Ô vó! Vó! A senhora tem por caso, um... Assim, é, um... Pedaco de punho de rede? Não precisa ser muito grande. Mais também não pode ser muito pequeno.

Vó:

(Fala em direção a boneco) Mais o que é que tu tá querendo com punho de rede? Em? Meu fi, pra que tu vai querer punho de rede? O que tu tá querendo inventar em rapaz! Ah, minino, olha! Se tu tiver pensando em...

Neto:

É pra fazer um negócio vó! Um negócio com aquelas quengas que a senhora me deu. Não é nada de mais não vó.

Narrador:

Ela se deixa convencer e resolvia ir procurar os punhos de rede. Até que conseguia encontrar e dava esses benditos punho de rede. Ele sai tão feliz que não conseguia controlar tanta felicidade. Sabe por quê?

Ele fazia questão de construir seus próprios brinquedos. Rapaz, ele tinha uma minha de construir seus próprios brinquedos. E era geralmente de materiais que possivelmente fossem jogados no lixo. Ele pegava as quengas, os punhos de rede e montava isso.

(Nesse momento o Neto entra em cena para construir o brinquedo e depois de construído, ele vai tentar aprender a andar nos pés de quenga.)

(A evolução do andar com as quengas, vai aumentando, e aumentando até ficar muito rápido e o neto ganhar em câmera lenta.)

Narrador:

E Gleicin estrebuchava ***(Olha para o local em que o Gleicin caiu)*** Ele chorava, chorava tanto que parecia que tinha levado um pisa de chinela. Fazia era pena. E as vezes o Gleicin gritava de dor. O bichin. A mãe foi correndo levar o menino na casa da vó.

(Vai correndo sem sair do lugar, até chegar na casa da vó)

Vó:

Ei Gleicin, eu falei pra você parar com essa arrumação de comer e logo brincar. Eu bem que disse que ia fazer mal. Mais você é maluvido. Olha só o que aconteceu. Foi inventar de brincar depois que comeu o tijolin e acabou tacando as venta no chão. Eu já disse que não é pra você correr Gleicin. Vai vê agora tá com espinhela caída.

Narrador:

E a vó do Gleicin pegava então um barbante. Midia daqui a aqui. E depois coloca daqui acolá. Se aqui sobrasse barbante ou faltasse barbante. Era espinhela caída.

Vó: (*Olhando para o boneco*) Vai ter que tomar chá de aroeira ou de algodão. Pra ficar bom. E vai ter que rezar sete vezes. E tem que ter fé minino, se não tiver fé, não serve de nada. Deixa eu pegar o raminho. (*procura o raminho até encontrar e começa a rezar*)

Vó:

Com dois puseram. Com três é que sai. Se o corpo tá doente. Seja velho, seja quebrante. Seja invisão, seja mal olhando. Vinde mãe Imaculada, levantai a espinhela de Gleicin com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, deixando Gleicin salvo, sã e curado. Barquinho Santa Maria navega no mar. Sem desembarcar com minha espinhela chegar em seu lugar. Assim como estava Jesus no ventre da Virgem Imaculada. Vá pra zona do mar sagrado e não faça mal a ninguém. Com o poder das três pessoas santíssima trindade. Pai, filho e espírito santo, amém. Deus põe virtude. Daqui uns sete dias já vai tá pulando.

Narrador:

(Segurando o raminho, colando num cantinho como se fosse o lugar em seu corpo foi sepultado)

A vó de Gleicin já não se encontra mais aqui. Ela já não faz o seu tijolin. Ela já grita “Ô Gleicin!” e ele já não diz “Já vou Vó!”. Ela foi embora desse mundo em 2016. Ela foi pra outro mundo. Eu acho que ela foi pro mundo das brincadeiras. O mundo dos tijolin. Ela deve tá agora benzendo o povo desse outro mundo.

Narrador:

Mais até hoje, quando pensa no brincar. O Gleicin vai pro quintal da sua vó. Porque foi lá que ele aprendeu a subir no pé de ciriguela. Brincar de esconde-esconde e se esconder em cima do cajueiro. Soltar arraia e paquetão. Na tardinha, quase anoitecendo, ele se juntava com seus amigos e brincava de sete pecados. João-ajuda. Bila no buraco. E foi lá que aprendeu a brincar.

Narrador:

Mais agora é chegada a hora...

(Cantar a música)

Música de despedida – Mestre Marcos do Reisado Nossa senhora da Saúde.

*Adeus meu posso eu já vou-me embora
Chegou a hora eu tenho que partir
Quando eu for, vou levar saudade
Das brincadeiras que brinquei aqui*

Narrador:

Vou levar todas essas brincadeiras comigo.

(*Sai cantando*)

APÊNDICE – PRODUTO CÊNICO: QUINTALEMBRANDO

Ficha técnica do vídeo da cena

Título do solo: Quintalembando

Este solo é o resultado da pesquisa do PPGARTES - Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará Fortaleza

Texto e direção: Edgleison Silva de Sousa

Orientação: Franis Wilker

Figurino e cenário: Edgleison Silva de Sousa

Músicas: Jaraguá – Reisado Nossa Senhora da Saúde – Mestre Marcos e Mestra Kátia Juliana

Dia de Reis e Reisado - Reisado do GTC - Grupo de Tradições Cearense

Fotografia: Nayra Maria

Ator: Edgleison Sousa

Vídeo: Luana, Gabriel e Jorge

Edição: Luana

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=nO-TJZ7v5zg>